

**EMÍLIA MERCÊS GONÇALVES PIRES**

**A CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN E A  
PARCERIA ENTRE PAIS E PROFISSIONAIS  
“ESTUDO DE CASO”**

**Orientador: Horácio Pires Gonçalves Ferreira Saraiva**

**Escola Superior de Educação Almeida Garrett**

**Lisboa**

**2012**

**EMÍLIA MERCÊS GONÇALVES PIRES**

**A CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN E A  
PARCERIA ENTRE PAIS/PROFISSIONAIS  
“ESTUDO DE CASO”**

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação – Educação Especial, conferido pela Escola Superior de Educação Almeida Garrett.

Orientador: Professor Doutor Horácio Pires Gonçalves Ferreira Saraiva

**Escola Superior de Educação Almeida Garrett**

**Lisboa**

**2012**

*Ao meu querido Filho e Marido...*

## AGRADECIMENTOS

Ao terminar este trabalho e superadas as dificuldades, resta-me agradecer a todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que acontecesse. Este estudo só foi possível na medida em que, desde a primeira hora, pude contar com a colaboração, solidariedade, compreensão do meu marido e do meu filho, que têm sido o sustentáculo da minha felicidade, o amor e carinho dedicado, a sua força e os seus “mimos” motivam a minha caminhada, estando presentes em todos os meus passos. Para eles, o mais profundo e carinhoso agradecimento.

Acima de tudo e de todos, agradeço a Deus, por me dar a vida, saúde, inteligência, capacidade, competência e, sobretudo, discernimento, coragem, força e abnegação. Sem estes atributos tudo seria impossível. Em segundo lugar, por me ter proporcionado o convívio de pessoas que me fizeram sentir feliz e que acreditaram em mim.

À Escola Superior de Educação Almeida Garrett, por me aceitar como aluna e ter dado a oportunidade de poder concretizar o sonho que sempre sonhei.

A todos os Professores Doutores que tive a sorte e a honra de conhecer e ouvir, no decorrer dos Seminários Curriculares, foram os seus Doutos conhecimentos que me projetaram para dar um passo decisivo, em busca de maior enriquecimento científico.

Ao Diretor da minha dissertação, Dr. Horácio Saraiva Gonçalves, pelo modo como orientou o desempenho do meu trabalho, assim como pelos incentivos e confiança que sempre me transmitiu, e a prontidão com que respondia às minhas solicitações.

À amiga Angélica, pelos conhecimentos e ensinamentos que me transmitiu, bem como pela força e amizade permanentemente manifestada.

A todos os Professores amigos e colegas do percurso académico, que me apoiaram e me deram força, pelo oásis de tranquilidade, serenidade, amizade e carinho, sempre presente em todos os momentos.

À Diretora da minha Escola, por toda a colaboração, apoio e disponibilidade com que sempre me brindou.

Aos pais do João, pela colaboração e disponibilidade, sem o seu consentimento não seria possível levar acabo os objetivos desta pesquisa.

De forma muito especial, ao João “diferente”, mas “igual” a qualquer criança, protagonista deste trabalho, que mesmo sem se aperceber, tornou possível a realização desta pesquisa, deixando marcas profundas de encantamento na minha mente, ensinando-me como se ama e se compreende uma criança com Síndrome de Down... Também a ele o meu bem-haja.

A TODOS, o meu Muito Obrigada...

## **RESUMO**

As crianças com Necessidades Educativas Especiais necessitam de todo um trabalho em equipa, incluindo os pais, para que se possam desenvolver com maior estabilidade e harmonia. As crianças com Síndrome de Down apresentam, por vezes, problemas cognitivos e bastantes dificuldades ao nível da linguagem, mas são, de um modo geral, muito alegres e sociáveis, embora teimosas.

Este projeto pretende acompanhar o desenvolvimento cognitivo de uma criança com Síndrome de Down, referenciada como inteligente, desde os 6 aos 11 anos de idade, no ensino/aprendizagem do 1º Ciclo do E. Básico, verificar de que forma o acompanhamento foi progressivamente preparado e ministrado. Investigar se a parceria entre pais/profissionais do ensino é sempre benéfica para os educandos.

A linha de investigação vai ao encontro de uma nova recolha de dados para comparar com os já existentes. Pretendemos comparar os resultados obtidos nas entrevistas, feitas à amostra do 1º ciclo, com os resultados da amostra do 2º ciclo. Na conclusão fazemos o cruzamento de dados para saber se regrediu ou progrediu.

**Palavras-chave:** Criança, Síndrome de Down, Aprendizagem, Progresso, Pais, Profissionais.

## **ABSTRACT**

Children with Special Educational Needs need a whole team working, including the parents that can be developed with greater stability and harmony. Children with Down syndrome have sometimes enough cognitive problems and difficulty with language, but are generally very cheerful and sociable but stubborn.

This project aims to monitor the cognitive development of a child with Down Syndrome, referred to as intelligent, from 6 to 11 years old, teaching /learning of the 1st cycle of E. Basic verify how the monitoring was gradually prepared and administered. To investigate whether the partnership between parents/school staff is always beneficial to learners.

The line of inquiry goes to meet a new data collection to compare with existing ones. We intend to compare the results obtained in the interviews, the sample made the 1st cycle, with the sample results of the 2nd cycle. In conclusion we make the cross-checking to see if regressed or progressed.

**Key-words:** Child, Down Syndrome, Learning, Progress, Parents, Professionals.

## **ABREVIATURAS E SIGLAS**

CEB - Ciclo do Ensino Básico

EE - Ensino Especial

ER - Ensino Regular

EVT - Expressão Visual e Tecnológica

IP - Intervenção Precoce

NEE - Necessidades Educativas Especiais

PEI - Programa Educativo Individual

PIAF - Plano Individualizado de Apoio à Família

Prof. - Professor

Prof<sup>a</sup> - Professora

SD - Síndrome de Down

# ÍNDICE

DEDICATÓRIA.....	ii
AGRADECIMENTOS.....	iii
RESUMO.....	v
ABSTRACT.....	vi
ABREVIATURAS E SIGLAS.....	vii
ÍNDICE DE FIGURAS.....	xi
ÍNDICE DE QUADROS.....	xii
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>

## PARTE I

### MARCO TEÓRICO – FUNDAMENTAÇÃO CIENTÍFICA

<b>CAPÍTULO I – SÍNDROME DE DOWN.....</b>	<b>8</b>
<b>1.1. Histórico da Síndrome de Down.....</b>	<b>10</b>
<b>1.2. Alguns Conceitos sobre a Síndrome.....</b>	<b>11</b>
<b>1.3. Etiologia.....</b>	<b>13</b>
1.3.1. Características físicas.....	14
1.3.2. Causas genéticas.....	15
<b>1.4. Tipologia da Síndrome de Down.....</b>	<b>16</b>
1.4.1. Trissomia homogénea.....	16
1.4.2. Translocação.....	16
1.4.3. Mosaicismo.....	16
<b>1.5. Problemáticas Associadas.....</b>	<b>17</b>
1.5.1. Incidência.....	17
1.5.2. Problemas de saúde.....	18
<b>1.6. Desenvolvimento e Funcionamento Cognitivo.....</b>	<b>19</b>
1.6.1. Aprendizagem.....	20
1.6.2. Linguagem.....	20
1.6.3. Percepção.....	21
1.6.4. Atenção.....	21
1.6.5. Memória.....	22
<b>CAPÍTULO II – INTERVENÇÃO PRECOCE.....</b>	<b>23</b>
<b>2.1. Objetivos da Intervenção Precoce.....</b>	<b>24</b>

2.1.1. Etapas da intervenção precoce.....	24
2.1.2. Identificação precoce do Síndrome de Down.....	25
2.1.3. Bases teóricas .....	25
2.1.4. Pressupostos da intervenção precoce.....	26
<b>2.2. Apoio à Família.....</b>	<b>28</b>
2.2.1. Tipo de apoio prestado .....	28

## CAPÍTULO III – A CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN NA ESCOLA

<b>INCLUSIVA .....</b>	<b>29</b>
<b>3.1. Escolarização das Crianças com Síndrome de Down.....</b>	<b>30</b>
<b>3.2. Áreas de Intervenção da Escola .....</b>	<b>31</b>
3.2.1. Na área de perceção.....	32
3.2.2. Na área de atenção.....	32
3.2.3. Na área da memória.....	33
3.2.4. Na área psicomotora.....	33
3.2.5. Na área da linguagem .....	34
<b>3.3. Avaliação da Criança com Síndrome de Down.....</b>	<b>35</b>
<b>3.4. Escola/Família.....</b>	<b>35</b>
<b>3.5. Transição/Articulação entre os Diferentes Níveis de Ensino.....</b>	<b>36</b>

## PARTE II

### MARCO METODOLÓGICO: DESENVOLVIMENTO DA INVESTIGAÇÃO

<b>CAPÍTULO IV - TRABALHO EMPÍRICO.....</b>	<b>40</b>
<b>4.1. Introdução.....</b>	<b>40</b>
<b>4.2. Objetivos.....</b>	<b>40</b>
<b>4.3. Hipóteses.....</b>	<b>41</b>
<b>4.4. Método .....</b>	<b>42</b>
<b>4.5. Metodologia.....</b>	<b>43</b>
<b>4.6. Amostra .....</b>	<b>44</b>
<b>4.7. Variáveis.....</b>	<b>45</b>
<b>4.8. Procedimento .....</b>	<b>46</b>
<b>4.9. Instrumento de Recolha de Dados .....</b>	<b>49</b>
4.9.1. Observação directa .....	49
4.9.2. Entrevista.....	50
<b>4.10. Recolha e Tratamento de Dados.....</b>	<b>51</b>

<b>4.11. Análise Comparativa dos Resultados Obtidos</b> .....	52
<b>CAPÍTULO V – CONCLUSÕES</b> .....	74
<b>5.1. Conclusão Geral dos Resultados</b> .....	74
<b>5.2. Conclusão Final</b> .....	78
<b>5.3. Limitações do Estudo</b> .....	80
<b>5.4. Proposta para um Plano Familiar de Intervenção Psicopedagógica</b> .....	81
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	83
<b>APÊNDICES</b> .....	91
Apêndice I – História e identificação do João (nome fictício).....	92
Apêndice II – 1º Guião de Entrevista.....	95
Apêndice III – 2º Guião de Entrevista.....	96
Apêndice IV – Respostas dos cooperadores da amostra às questões do 1º guião .....	97
Apêndice V – Respostas dos participantes da amostra às questões do 2º guião .....	99
Apêndice VI – Carta dirigida aos pais do João .....	101
Apêndice VII – Carta enviada à directora da escola .....	102
Apêndice VIII – Carta dirigida aos profissionais que trabalham com o João .....	103

## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Modelo ecológico de Bronfenbrenner, aplicado a famílias de crianças pequenas .....	27
---	----

## ÍNDICE DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Respostas à questão 1 do 1º guião “Como foi a recepção/acolhimento do João em 2006/2007, data do início do 1º ano do EB do 1º ciclo?” .....	53
<b>Quadro 2</b> - Respostas à questão 2 do 1º guião “De que forma tem sido acompanhado o João, ao longo do seu desenvolvimento escolar? (técnicos especializados, serviços, ...)” .....	54
<b>Quadro 3</b> - Respostas à questão 3 do 1º guião “Considera importante o João ter sido acompanhado pelos técnicos dos serviços especializados” .....	54
<b>Quadro 4</b> - Respostas à questão 4 do 1º guião “Como tem sido, ao longo do tempo, a relação estabelecida com os profissionais da escola, que acompanham o João?” .....	55
<b>Quadro 5</b> - Respostas à questão 5 do 1º guião “Considera importante uma boa parceria estabelecida entre pais/profissionais de alunos com NEE? Como considera a relação estabelecida com os pais do João?” .....	56
<b>Quadro 6</b> - Respostas à questão 6 do 1º guião “Que tipo de recursos humanos/materiais existem na escola e que têm beneficiado o João?” .....	57
<b>Quadro 7</b> - Respostas à questão 7 do 1º guião “Notou melhorias no desenvolvimento cognitivo, comportamental e social do João, durante este ano escolar, a que níveis?” .....	58
<b>Quadro 8</b> - Respostas à questão 8 do 1º guião “Como vê a transição do João para o 5º ano e o encaminhamento, para outra escola de ensino? (articulação de serviços, recursos humanos e materiais diferentes...)” .....	60
<b>Quadro 9</b> - Respostas à questão 9 do 1º guião “Ao longo destes quatro anos, que análise faz da parceria que tiveram com os professores/técnicos especializados que acompanharam o vosso filho?” .....	61
<b>Quadro 10</b> - Respostas à questão 10 do 1º guião “Acha que o João tem capacidade e competência para prosseguir os estudos e entrar no mercado do trabalho?” .....	62
<b>Quadro 11</b> - Respostas à questão 1 do 2º guião “A entrada do João na Escola de Agrupamento foi acolhedora?” .....	63
<b>Quadro 12</b> - Respostas à questão 2 do 2º guião “Como viu a transição do João para o 5º ano e o encaminhamento, para a nova escola?” .....	65
<b>Quadro 13</b> - Respostas à questão 3 do 2º guião “Qual a reação do aluno às novas mudanças e o impacto com os professores e técnicos especializados?” .....	66
<b>Quadro 14</b> - Respostas à questão 4 do 2º guião “Como tem sido apoiado o educando, ao longo do seu novo percurso escolar? (Apoios técnicos: terapia de fala, musicoterapia, E. físico-motora, E. visual T., informática...)” .....	67
<b>Quadro 15</b> - Respostas à questão 5 do 2º guião “Quais os recursos humanos e materiais existentes na escola que tenham ajudado o aluno a desenvolver as aprendizagens escolares?” .....	68
<b>Quadro 16</b> - Respostas à questão 6 do 2º guião “O João tem tido progresso cognitivo, social e comportamental, no 5º ano, a que níveis? (linguagem, comunicação, comportamento, interação estimulação sensorial, mobilidade, autonomia, independência ...)” .....	69
<b>Quadro 17</b> - Respostas à questão 7 do 2º guião “Como tem sido a relação entre os pais/profissionais do educando, ao longo deste novo percurso escolar?” .....	70
<b>Quadro 18</b> - Respostas à questão 8 do 2º guião “Considera importante para o aluno, uma boa parceria estabelecida entre pais/profissionais do ensino, quando se trata de alunos com NEE? Porquê?” .....	71
<b>Quadro 19</b> - Respostas à questão 9 do 2º guião “Ao longo do ano, que análise faz da relação estabelecida, com os Profissionais que acompanharam o vosso filho?” .....	72
<b>Quadro 20</b> - Respostas à questão 10 do 2º guião “Acha que o João tem capacidade e proficiência, para prosseguir os estudos, ou para entrar no mercado do trabalho, depois de concluir o 2º ciclo?” ....	73

## 1. INTRODUÇÃO

O nascimento de um filho com a Síndrome de Down (SD) constitui na vida da família um forte impacto: trauma psicológico, stresse, alteração de horários, comportamentos e interação diferentes, etc. Este filho traz à família delicados problemas de adaptação e gestão das limitações, exigindo mudanças e reestruturação familiar.

A pertinência desta temática é considerar a igualdade de oportunidades para todas as crianças e as perspectivas de educação que levam em conta o desenvolvimento integral do indivíduo com SD, aceitando o direito à diferença.

Uma criança com SD exige um processo de adaptação muito maior por parte da família, pois esta tem de procurar formas distintas de lidar com ela, uma vez que exige cuidados diferentes das outras crianças, com desenvolvimento considerado normal.

São Vários os aspetos que podem contribuir para um aumento do desenvolvimento do indivíduo com SD: ambiente familiar estável e transmissor, intervenção precoce (IP) na aprendizagem, monitorização de problemas comuns como a tiróide, prevenção no tratamento medicinal, práticas vocacionais, são alguns exemplos (Rodrigues, 2007).

O Ensino Especial pode produzir excelentes resultados. Assim, o empenho individual dos pais, professores e terapeutas com estas crianças pode produzir resultados positivos inesperados (Rodrigues, 2008), cabe aos profissionais de saúde e educação ajudar e apoiar os pais que têm filhos com deficiência, possibilitar e dar a estas crianças o direito a uma educação especial e os bens necessários para um desenvolvimento cognitivo, comportamental e social, harmonioso.

O Decreto-Lei nº 3/2008, de 7 de janeiro, veio reforçar a importância da interação entre a escola/família, salientando que a escola inclusiva tem como principal objetivo promover competências universais, permitindo a todos a autonomia e o acesso à conduta plena da cidadania.

As crianças com SD nas escolas de ensino regular têm aumentado na última década. As escolas do ensino especial estão a ficar vazias de crianças com deficiência leve.

Um estudo realizado na Inglaterra e País de Gales revelou que 3000 crianças/adolescentes portadoras de SD, com idades compreendidas entre cinco e 16 anos, aumentaram a sua inclusão de 4% para 38%, entre os anos de 1983 e 1996 (Cuckle, 1999, cit por Ministério de Educação, 1997). O autor atribuiu duas razões: maior número de crianças com SD terem entrado com cinco/seis anos na escola primária e lá terem permanecido; a percentagem de crianças incluídas variar muito de acordo com a política local.

Segundo a mesma fonte, a política local tem grande interferência no processo de inclusão, mas os pais também têm um papel importante e fundamental nesse processo, pois são eles que escolhem entre colocar a criança numa escola regular ou numa escola especial.

Atualmente em Portugal, é o Ministério da Educação que abre as portas do Ensino Regular a estas crianças e faz questão para serem inseridas em turmas normais.

Neste contexto, decidimos realizar o estudo de uma criança com SD, também designada por Trissomia 21, no âmbito do projeto final para conclusão Curso de Mestrado em Educação Especial. O interesse em saber mais acerca desta deficiência e quais os fatores que impedem, ou não, o desenvolvimento cognitivo, comportamental e social das crianças com esta patologia, levou-nos ao encontro duma criança com SD, que frequentou o ensino regular na Escola nº 10 em Bragança, no 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB), desde os 6 aos 10 anos de idade.

O João (nome fictício), frequentou o 4º ano, do 1º ciclo, no ano letivo transato com bastante sucesso e prosseguiu para o 2º ciclo, sem nenhuma retenção, nem adiamento de matrícula.

Sabendo que a parceria entre pais/profissionais foi extraordinária no desenvolvimento desta criança, vamos continuar a nossa linha de investigação acerca da evolução ou regressão nas aprendizagens do 5º ano do aluno.

Sendo este um caso excepcional e dada a faculdade de podermos dar continuidade a este projeto, achámos interessante e benéfica esta investigação, tanto a nível científico e académico, como um complemento para a nossa formação profissional.

A nossa finalidade era investigar as diferenças e alterações do ensino/aprendizagem do João, desenvolvimento cognitivo, académico, comportamental e social, numa perspetiva de comparação e progresso; a sua adaptação à nova escola, aos novos professores, aos colegas e a todo o ambiente circundante.

Este projeto é estruturado em duas partes: marco teórico e marco metodológico, cujos conteúdos estão inseridos em contextos, separados por capítulos.

Inicialmente, na parte I, Marco Teórico, fazemos o enquadramento da SD, o seu histórico, as características, a importância dos Serviços de Intervenção Precoce e a aquisição de competências adquiridas pelo João, tanto no 4º ano do 1º ciclo como no 5º ano do 2º ciclo.

Na parte II, começamos com uma pequena introdução, apresentamos os objetivos, as hipóteses, as variantes, a amostra, o método, a metodologia, o instrumento de recolha de dados, análise de dados e as respetivas conclusões.

Por fim, apresentamos a bibliografia que achamos pertinente para o estudo em causa.

Finalmente, os apêndices que fazem parte da pesquisa.

### ***Estudo de Caso – Perguntas de Partida***

A nossa pretensão é identificar alguns aspetos que permitam trabalhar o Problema, sendo este o foco central de qualquer investigação. Elaborado com a finalidade de observar, refletir e registar toda a pesquisa subjacente ao Estudo de Caso, é nele que a investigadora expressa o objeto do seu trabalho. O Problema substancia-se na revisão da literatura científica, na experiência profissional e nas perguntas de partida.

Na primeira fase de investigação, são colocadas as seguintes perguntas: “Qual a importância da parceria entre pais/profissionais, no desenvolvimento escolar da criança com SD? É importante para esta criança, ter apoio do ensino especializado?”.

Na segunda fase de investigação, fazemos uma abordagem mais voltada, para as questões seguintes: “Esta criança com SD, que transitou do 1º para o 2º CEB continuará a ter capacidade de desenvolvimento cognitivo? A sua capacidade e competência académica continuarão em progresso?”.

Estas novas interrogações são o ponto de referência no decorrer da investigação e para as quais pretendemos recolher respostas.

Com base nestas questões cotejadas com os dados coletados da bibliografia e da história quotidiana da criança com SD (*Apêndice I*) no espaço familiar e escolar, procuramos entrevistar de novo, os pais do João, os seus professores/técnicos especializados do 2º ciclo.

### ***Justificativa***

A importância deste estudo não se deve apenas à alta incidência desta deficiência, mas sim às características muito específicas desta criança. É baseado em diferentes referências bibliográficas, mas essencialmente na observação de um caso real, existente numa escola do ensino regular.

Nós, profissionais do ensino, sentimos dificuldades em trabalhar com este tipo de população. Existe grande necessidade de sabermos mais acerca desta síndrome. Uma das razões que nos leva a investigar sobre a criança com SD, neste caso, o João (nome fictício), é o facto de ser um caso invulgar e interessante, digno de estudo.

O aluno frequenta o 4º ano do 1º CEB, está inserido numa turma de 20 alunos do 4º ano do 1º ciclo do ensino regular. Inteligente, com QI acima da média.

Esta criança com dez anos de idade, terminou o 4º ano com êxito, os seus pais felizes e colaboradores pediram a sua transição para o 5º ano do 2º CEB, a escola não teve qualquer problema em transitá-lo para a Escola de Agrupamento.

Existe uma apetência, da parte da investigadora, para dar continuidade a este estudo de caso. Torna-se pertinente, por se tratar de um aluno com SD inteligente e diferente de qualquer outro.

Através deste trabalho, pretendemos continuar a linha de investigação em torno do referido aluno, agora no 5º ano do 2º ciclo, procurando interrogar os pais, professores/técnicos especializados e todos os profissionais que o acompanham ao longo deste percurso escolar.

Toda a bibliografia específica consultada deu corpo a este projeto. Pretendemos registar ideias e factos da vida prática e quotidiana da criança no universo familiar e escolar.

Este projeto é caracterizado como “Estudo de Caso” e está sistematizado de forma que a revisão da literatura permita ao leitor manter contacto com a extensão do problema e o contexto em que esta investigação está inserida.

A participação da família é de extrema importância. Deve existir um trabalho em equipa, de todos os intervenientes na educação, ensino/aprendizagem com todos os educandos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), de forma a tornar estes cidadãos independentes, autónomos, ativos e participativos na sociedade

A história deste aluno, com DS, é baseada no método qualitativo. As entrevistas são dirigidas aos pais da criança/adolescente, aos professores da respetiva escola e aos técnicos especializados e diretor da Escola de Agrupamento. Depois de todos os dados recolhidos, fizemos a análise de dados e apresentamos as novas conclusões, realçando as diferenças de aprendizagem do João, do 1º com o 2º ciclo.

Segundo Stray-Gundersen (2007), as crianças com SD são, antes de tudo, crianças. A autora menciona que aprendeu muito com o filho (também portador desta síndrome) e que se dedicou a ele loucamente. Refere também que ao longo do tempo se aprende muito, principalmente com os médicos, professores e organizações relacionadas com a SD.

Acrescenta que, por este motivo, os pais necessitam de orientações e informações sobre o modo de atuar e educar o filho. Até aos três anos de idade, as crianças e os pais poderão ser acompanhados pelas equipas de serviço de IP. A partir dessa idade, por educadores, professores e por equipas multidisciplinares, a fim de se proceder a um trabalho muito rigoroso, no sentido de promover a aquisição e desenvolvimento das suas capacidades e alcançar autonomia pessoal.

### ***Objetivo de Estudo***

Todas as crianças necessitam de se inter-relacionar com o mundo e interagir entre si, família, escola e a sociedade, para se desenvolverem harmoniosamente. A criança com NEE necessita de um maior acompanhamento da família e de uma equipa de técnicos especializados, visto ter um desenvolvimento mais lento e limitações a vários níveis.

O objetivo primordial deste trabalho é demarcar os benefícios, ao nível da parceria existente entre pais/profissionais e o desenvolvimento cognitivo da criança com SD, comparando as diferenças de aprendizagem do 1º com o 2º ciclo. Parece-nos relevante um estudo longitudinal, baseado na observação direta e realização de entrevistas (*Apêndices II e III*).

Com este estudo, pretende-se compreender de que forma foi acompanhada uma criança com SD, a nível escolar, desde os seis anos de idade até aos 11 anos. O aluno, atualmente frequenta o 5º ano do 2º CEB, na Escola de Agrupamento, pelo que vamos ter em conta a sua mudança de escola, desenvolvimento cognitivo, assim como o tipo de

acompanhamento aplicado e a parceria que existe entre pais/profissionais desta escola. Assim, pretendemos:

- Saber se houve vantagens, para o João, da boa parceria entre pais/profissionais e técnicos da escola;
- Registrar a importância da parceria no desenvolvimento cognitivo da criança com SD;
- Demonstrar que uma criança com SD, se for devidamente estimulada pelos pais, professores e outros intervenientes, pode estudar, representar, praticar desportos, viajar, frequentar festas e trabalhar;
- Evidenciar as suas competências e diferenças de aprendizagem entre o 1º e o 2º ciclos, se aceitou bem a sua transição para o 5º ano.

Nesta fase de investigação, o nosso objetivo é saber como se deu a transição do João, se a sua capacidade de desenvolvimento cognitivo progrediu ou regrediu.

# **PARTE I**

## **MARCO TEÓRICO: FUNDAMENTAÇÃO CIENTÍFICA**

---

## CAPÍTULO I – A CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN

Os pais devem estar muito atentos a tudo que a criança com SD começa a fazer sozinha. É seu dever ajudá-la a crescer, estimular os seus esforços, evitando que se torne dependente. Quanto mais a criança aprender a cuidar de si mesma, melhores condições terá para enfrentar o futuro. A criança com SD precisa participar na vida da família como as outras crianças, deve ser tratada com carinho, respeito, com naturalidade e igualdade de direitos e deveres (Rodrigues, 2008).

Segundo a mesma autora, o indivíduo com esta síndrome, quando adolescente e já adulto, pode ter uma vida independente ou semi-independente. Embora não atinja níveis avançados de escolaridade, pode trabalhar em diversas atividades, de acordo com seu nível intelectual. Pode praticar desporto, viajar, frequentar festas, poder conduzir um automóvel...

Stray-Gundersen (2007), refere que as crianças com SD são, antes de tudo, crianças e que ao longo do tempo aprendemos muito, principalmente com os médicos, professores, organizações relacionadas com a SD. Acrescenta, ainda, que aprendeu muito com o filho (também portador desta síndrome) e que se dedicou a ele loucamente.

Por este motivo, prossegue a autora, os pais necessitam de orientações e informações sobre o modo de atuar e educar o filho. Até aos três anos de idade as crianças e os pais poderão ser acompanhados pelas equipas de serviço de IP. A partir dessa idade, por educadores, professores e por equipas multidisciplinares, a fim de se proceder a um trabalho muito rigoroso, no sentido de promover a aquisição e desenvolvimento das suas capacidades e alcançar autonomia pessoal.

Vários autores propalam, pessoas com SD têm apresentado avanços incríveis e quebradas muitas barreiras. Em todo o mundo, há indivíduos com esta síndrome a estudar estudos superiores chegando à universidade, trabalham, vivem sozinhos ou acompanhados.

A SD ou trissomia do cromossoma 21 é um distúrbio genético causado pela presença de um cromossoma extra, total ou parcial (Gautier, 2009). Na perspetiva de alguns autores, a SD é uma "...afecção mal formativa, devida a aberração cromossómica (na maior parte dos casos Trissomia 21), caracterizada por atraso mental e anomalias morfológicas..."

Segundo Sampedro, Blasco e Hernández (1997), em circunstâncias consideradas normais, existem no ser humano 46 cromossomas em cada célula, dos quais 23 são provenientes do óvulo da mãe e os outros 23 são provenientes do espermatozóide do pai. Contudo, pode acontecer que uma das células germinativas possua um cromossoma extra (24 cromossomas), resultando conseqüentemente, durante a concepção, a origem de uma nova célula com 47 cromossomas, em vez de 46. No caso deste cromossoma extra ocorrer no par 21, nascerá uma criança com SD, caracterizada por Trissomia 21. É uma anomalia cromossômica que origina perturbações de vária ordem devido à defeituosa distribuição da divisão celular dos cromossomas.

Jérome, Gautier e Raymond (1959), vêem a SD como um desequilíbrio na constituição cromossômica, caracterizando-a por uma Trissomia 21, uma vez que os cromossomas e o material genético neles contidos, são fatores relevantes na determinação das características da criança que afetam a sua vida. É um acontecimento genético natural e universal, existindo em todas as raças, religiões e classes sociais.

A SD é uma anomalia ocasionada pela presença de um par extra de cromossomas nas células do organismo, foi descoberta por Sir John Langdon Down, em 1866, e a anomalia cromossômica foi descoberta pelo Prof. Jérome Lejeune, em 1959. A anomalia cromossômica causa a alteração e mal funcionamento de diversos órgãos, afeta o cérebro e esta é a causa da falta de capacidade intelectual. A intensidade com que se manifestam estas alterações é altamente variável de indivíduo para indivíduo.

Alguns autores referem que os bons programas de saúde têm conseguido aumentar a esperança de vida, em média, até aos 60 ou mais anos de idade. A grande e cuidada atenção psicoeducativa, que se inicia a partir do nascimento, permite descobrir o desenrolar de múltiplas capacidades que os indivíduos com SD possuem em áreas distintas.

As crianças com SD possuem uma sucessão completa de emoções e atitudes, são criativas e imaginativas nos seus jogos e travessuras e quando obtêm o estado adulto podem chegar a ter uma vida independente, tudo depende do grau de deficiência, ligeira, média ou severa.

Tomando como base os testes de Coeficiente Intelectual simples, as crianças com SD frequentemente são classificadas com níveis de retardo mental débil, excluindo uma pequena percentagem que se encontram nos grupos. Tais testes não constituem uma referência única,

quanto à sua capacidade, as crianças, quase sempre, surpreendem-nos com boa memória, intuição e criatividade.

As estatísticas revelam que 75% das crianças com SD, frequentam colégios normais e escolas de ensino regular. O que está perfeitamente claro, que uma adequada atenção afetiva, educativa e social, aplicada desde os primeiros momentos a estas crianças, vai incutir decisivamente no desempenho das suas potencialidades, geralmente desrespeitadas pelo meio social.

Poderíamos definir a SD como uma forma singular e determinada geneticamente, de ser e estar no mundo, a qual chamamos “normal”, sendo que temos muito o que aprender. A sua exclusão será o nosso fracasso.

A pessoa com deficiência aponta e promove valores, a todos nós, que fazem a sociedade mais digna de se chamar humana (Rodrigues, 2008).

## **1.1. Histórico da Síndrome de Down**

Valores de ordem social dominaram e afetaram a visão da deficiência, nos séculos XVI e XVII, decorrendo julgamentos morais, perseguições, encarceramentos, maus-tratos, pois esta deficiência era considerado um mito. Na Segunda Grande Guerra Mundial, pessoas com qualquer tipo de deficiência (física ou mental) eram exterminadas pelos Nazis. A partir da Revolução Francesa, as atitudes filosóficas e antropológicas conjugaram-se numa perspectiva mais humanista da deficiência.

Mas, foi no século XIX que se iniciaram os primeiros estudos científicos da deficiência, incidindo essencialmente na deficiência mental. Esquirol, em 1838, descreveu uma criança que se supunha ser portadora da SD. Chambers, em 1844, caracterizou esta população de “idiotas mongolóides”. Down, em 1862, descreve a síndrome, baseado nas teorias racistas da época, ele atribui a causa a uma degeneração, que fazia com que os filhos de europeus se parecessem com mongóis, e sugere que a causa da degeneração seria a tuberculose nos pais. Apesar do tom racista de Down, ele recomenda que as pessoas com a síndrome sejam treinadas, e que a resposta ao treinamento é sempre positiva.

Em 1866, Down publicou um trabalho onde referenciou as características clássicas da SD, permitindo diferenciá-la de outras deficiências mentais, comuns à época. O autor,

influenciado pelas ideias evolucionistas que se entrecruzavam no século XIX, acreditava que a síndrome era o retorno a um tipo racial mais primitivo. O termo “mongolismo” foi criado por ele para caracterizar a deficiência e por ter reconhecido uma aparência oriental nas crianças afetadas. Atualmente, deve evitar-se este termo visto trazer conotações raciais negativas e porque a SD não tem qualquer relação com questões raciais. O termo foi referido pela primeira vez pelo editor Lancet, em 1961. Era, até à data, denominado como mongolismo pela semelhança observada por Down na expressão facial de alguns doentes seus e os indivíduos oriundos da Mongólia. Porém, a designação *mongol* ou *mongolóide* dada aos portadores da síndrome ganhou um sentido pejorativo e até ofensivo, pelo que se tornou banido no meio científico.

O grande avanço dos estudos sobre cromossomas no século XX, foi o que possibilitou a descoberta da verdadeira causa da SD. Foi no final da década de 50 que o cientista Jerome Lejeune constatou que as pessoas com esta síndrome tinham um cromossoma extra.

## 1.2. Alguns Conceitos sobre a Síndrome

São vários os inventores a propagar que a Trissomia 21, chamada de SD, e é sem dúvida a mais comum e a mais conhecida anomalia cromossómica. Foi descrita pela primeira vez com pormenor por um médico inglês, John Longdon, em 1866, como uma patologia congénita, que causa um atraso no desenvolvimento físico e intelectual, podendo surgir em qualquer família, em pais de qualquer faixa etária, raça, religião ou estrato social, tanto no primeiro filho como em irmãos. Ao contrário do que é comum supor-se, a Trissomia 21 não é uma doença, mas sim decorrente de uma alteração genética ocorrida durante ou imediatamente após a concepção.

Segundo o mesmo autor, a SD faz parte de um grupo de encefalopatias (genericamente doenças localizadas no cérebro) não progressivas, isto é, à medida que o tempo passa não mostram acentuação da lentidão do desenvolvimento, nem o agente de doença se torna mais grave.

A criança com SD é portadora de uma anomalia cromossomática que implica perturbações de várias ordens. Desta forma, esta patologia é basicamente uma condição

genética cuja causa se situa ao nível do material genético do cromossoma 21, daí que esta deficiência seja também conhecida por Trissomia 21 (Sampedro et al., 1997).

As medidas de inteligência geral e as habilidades linguísticas normalmente encontram-se alteradas e não possuem padrão definido, além de não se relacionarem com o volume encefálico, podendo apresentar diversos níveis intelectuais (Stake, 1998). Para este autor, o conceito de deficiência mental apoia-se, basicamente, em três ideias que têm sido utilizadas para definir este termo. É essencial examiná-las do ponto de vista interativo. A primeira, diz respeito ao binómio de desenvolvimento-aprendizagem, a segunda ideia, refere-se aos fatores biológicos, a terceira, tem a ver com o ambiente físico e social. Os três conceitos podem ser explicados com base nas atividades mentais. Na verdade, o cérebro de uma criança recém-nascida possui capacidades de aprendizagem, no entanto, estas são desenvolvidas através da internalização de estímulos e através da aprendizagem, está intimamente associada aos fatores biológicos, como integridade orgânica e ainda sofre influências diretas dos fatores ambientais e sociais.

Podemos observar inúmeros trabalhos de outros autores coerentes a esta abordagem. Um exemplo é Piaget, que afirma que os indivíduos nascem apenas com potencialidades (capacidade inata), a capacidade de aprender. Assim, todo conhecimento e todo o desenvolvimento da criança depende da exposição ao meio e dos estímulos advindos deste. Para Jean Piaget, a base do conhecimento é a transferência e assimilação de “estruturas”. Assim, um conhecimento, um estímulo do meio é encarado como uma estrutura que será “assimilada” pelo indivíduo através da sua capacidade de aprender.

Há algumas evidências de que durante o último trimestre de gestação existe uma lentificação no processo da neurogênese. As alterações de crescimento e estruturação das redes neurais após nascimento são mais evidentes e estas se acentuam com o passar do tempo (Stake, 1998).

Vários autores vêem a SD como um desequilíbrio na constituição cromossômica, caracterizando-a por Trissomia 21, uma vez que os cromossomas e o material genético neles contidos são fatores relevantes na determinação das características da criança, as quais afetam a sua vida. É um acontecimento genético e universal, existindo em todas as raças, religiões e classes sociais.

### 1.3. Etiologia

Para se perceber as causas da SD, é necessário ter alguns conhecimentos de genética especificamente dos genes e cromossomas e ainda de como se dividem e crescem as células.

Segundo Stray-Gundersen (2007), cada pessoa tem genes localizados em todas as células do seu corpo, que constituem o plano de vida. Os genes fornecem às células as instruções para o crescimento e o desenvolvimento. Sabe-se que os genes codificam quase todas as características pessoais (cor dos olhos, do cabelo, o tamanho das mãos, ...) e cada pessoa tem milhares deles. São compostos pelo ADN (ácido desirribonucléico), existindo aos pares (um do pai e outro da mãe) que combinados contribuem para a enorme diversidade existente entre as pessoas. Estão localizados em corpos microscópicos, no interior das nossas células, denominados cromossomas. Quando, por razões desconhecidas, existe uma não-disjunção, ou falha na separação correta de um par de cromossomas, resulta um desequilíbrio genético (Wikipedia: [http://pt.wikipedia.org/wiki\\_de\\_Down](http://pt.wikipedia.org/wiki_de_Down)).

São vários os autores que divulgam que uma célula com 22 cromossomas não consegue sobreviver, nem ser fertilizada. Pelo contrário, um óvulo ou um espermatozóide com 24 cromossomas consegue sobreviver e ser fertilizado. Quando isso acontece, resultam anomalias, entre as quais a SD, também denominada de Trissomia 21 e que, segundo vários cientistas, acontece quando o cromossoma 21 não se separa adequadamente, não havendo ainda uma explicação para este facto.

De acordo com Fernandes et al. (2009), alguns estudos realizados indicam como causas prováveis desta síndrome: *i*) fatores hereditários; *ii*) idade da mãe (mais de 35 anos); *iii*) processos infecciosos; *iv*) exposição a radiações; *v*) certos agentes químicos; *vi*) problemas de tiróide da mãe; *vii*) índice elevado de imunoglobulina e tiroglobulina no sangue materno; *viii*) deficiências vitamínicas. São as causas mais frequentes de atraso mental e sucede em recém-nascidos com um predomínio de 1 a cada 800 ou 1000 nascimentos. Embora existam alguns exames capazes de indicar ou detetar esta síndrome no período pré-natal (análise cromossómica e amniocentese), muito vulgarmente é a presença das alterações orgânicas no nascimento que leva a suspeita do diagnóstico de SD.

O sistema nervoso da criança com SD apresenta anormalidades estruturais e funcionais, que resultam em disfunções neurológicas, variando quanto à manifestação e intensidade. Nas crianças mais velhas foram observadas anormalidades nos neurónios

piramidais pequenos, especialmente nas camadas superiores do córtex (Stake, 1998).

Schmidt (cit. por Schwartzman, 1999), nos seus estudos com fetos normais e fetos com SD, não observou alterações significativas no desenvolvimento e crescimento do sistema nervoso. O processo de desenvolvimento e maturação do sistema nervoso é um processo complexo, no entanto, a criança com SD ainda está no estágio fetal, já apresenta alterações no desenvolvimento do sistema nervoso central (Wikipedia: [http://pt.wikipedia.org/wiki\\_de\\_Down](http://pt.wikipedia.org/wiki_de_Down)).

Outros autores, como Wisniewski (1990), concluíram que até aos cinco anos, o cérebro das crianças com SD encontra-se anatomicamente similar ao de crianças normais, apresentando apenas alterações de peso, que nestas crianças se encontra inferior à idade normal, que ocorre devido a uma desaceleração do crescimento encefálico iniciado por volta dos três meses de idade. Esta desaceleração encontra-se de forma mais acentuadas em meninas, onde se observam, também, frequentes alterações cardíacas e gastrintestinais.

### 1.3.1. Características físicas

No nosso dia a dia, verificamos que esta população engloba um conjunto de sinais físicos caraterísticos e diversas malformações: hipotonia, abertura das pálpebras inclinada com a parte externa mais elevada, prega da pálpebra no canto dos olhos, boca relativamente pequena (implicando que a língua saia ligeiramente para fora), orelhas pequenas, dentes pequenos e por vezes mal formados e mal implantados, pescoço curto, mãos pequenas com dedos curtos, cabelos finos e muito lisos, entre outras. Além destes sinais, geralmente têm uma altura inferior à média e em grande parte, a partir da infância, tornam-se obesos (daí a importância de uma alimentação cuidada).

Desde o nascimento, são observáveis caraterísticas muito particulares e específicas “...a mais típica das quais é o fácies que lembra o rosto dos Mongóis (fácies mongólico): olhos «em bico», raiz do nariz achatada, boca pendente com lábios grossos. Podem associar-se outras malformações (do coração, dos ossos, do palato, etc.)” (Lewalle, Manuila & Manuila, 2003, p.9)

### 1.3.2. Causas genéticas

Os efeitos da cópia extra variam muito de indivíduo para indivíduo, dependendo da extensão da cópia extra, do *background* genético, de fatores ambientais, e de probabilidades. A SD pode ocorrer em todas as populações humanas, e efeitos análogos foram encontrados em outras espécies como chimpanzés e ratos (Wikipedia: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php>).

A SD poderá ter quatro origens possíveis. Das doenças congénitas que afetam a capacidade intelectual, a SD é a mais prevalente e melhor estudada. Engloba várias alterações genéticas, das quais a trissomia do cromossoma 21, nas células dos indivíduos afetados. Outras desordens desta síndrome incluem a duplicação do mesmo conjunto de genes (translações do cromossoma 21). Dependendo da efetiva etiologia, a dificuldade na aprendizagem pode variar de mediana para grave (Wikipedia: [http://pt.wikipedia.org/wiki\\_de\\_Down](http://pt.wikipedia.org/wiki/de_Down)).

A Trissomia 21 (também chamada Trissomia do 21), é a causa de aproximadamente 95% dos casos observados da síndrome, com 88% dos casos originários da não-disjunção meiótica no gâmeta materno e 8% da não disjunção no gâmeta paterno. Neste caso, a criança terá três cópias de todos os genes presentes no cromossomo 21 (Wikipedia: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Trissomia>).

O grande avanço dos estudos no século XX sobre cromossomas, foi o que possibilitou a descoberta da verdadeira causa da SD. Foi no final da década de 50 que o cientista Jerome Lejeune constatou que as pessoas com esta síndrome tinham um cromossoma extra.

## 1.4. Tipologia da Síndrome de Down

Existem três tipos: 1) Trissomia homogénea; 2) Translocação, 3) Mosaicismo.

### 1.4.1. Trissomia homogénea

Este tipo de trissomia é a mais frequente e aparece em 90% dos casos, o erro de distribuição dos cromossomas está presente antes da fertilização, produz-se durante o desenvolvimento do óvulo ou do espermatozóide, ou na primeira divisão celular. Todas as células serão idênticas (Sampedro et. al., 1997).

### 1.4.2. Translocação

Este tipo de problemática ocorre em 5% dos casos, quando há três cópias do cromossoma 21 e o cromossoma extra está unido a outro. Pode acontecer no momento da formação do espermatozóide ou do óvulo, ou no momento em que se processa a divisão celular. Uma proporção de células do corpo tem o cromossoma 21 extra, caracterizando uma trissomia, enquanto as outras são normais. Em cada três casos de trissomia por Translocação, o pai ou a mãe são pessoas físicas e intelectuais normais, mas são portadores da mesma, pois as suas células possuem apenas 45 cromossomas, havendo a possibilidade de ter outro filho afetado; daí a importância de uma análise cromossómica o cariótipo. É necessário realizar-se um estudo citogenético para confirmar o diagnóstico e identificar o tipo de anomalia cromossómica, pois poderá ser relevante para o estudo genético e para o prognóstico, possibilitando uma IP (Sampedro et al., 1997; Stray-Gundersen, 2007).

### 1.4.3. Mosaicismo

Segundo alguns autores, o Mosaicismo, acontece muito raramente e ocorre em apenas 1% desta população. Pode surgir numa das primeiras divisões celulares após a fertilização, devido a uma divisão celular imperfeita em que os cromossomas se dividiram desigualmente, mas também pode acontecer na segunda ou terceira divisão celular. Neste

caso, apenas algumas células do embrião em desenvolvimento poderão conter o cromossoma extra, o que implicará que o bebé possa ter menos características físicas comuns desta síndrome. De referir ainda que o modo como o bebé é afetado, não depende do número de células normais que ele contém, mas da localização das mesmas no seu corpo.

## 1.5. PROBLEMÁTICAS ASSOCIADAS

Muitas investigações feitas acerca da SD, revelam que tanto os sinais clínicos como o desenvolvimento mental e motor apresentam variações. Assim como cada criança é diferente uma da outra, também se desenvolvem diferentemente umas das outras, mas todas apresentam deficiência mental. Existem problemas cerebrais, de desenvolvimento físico e de saúde, que normalmente acontecem durante o desenvolvimento do feto, o que é vantajoso, na medida em que o diagnóstico pode ser feito no momento do nascimento, possibilitando uma IP.

O indivíduo pode ser um mosaico de células com arranjo genético normal e células com Trissomia 21. Esta é a causa apontada em 1% a 2% dos casos analisados de SD. Pode acontecer de duas maneiras: 1) uma não-disjunção numa divisão celular durante as primeiras divisões do zigoto, ficando assim essa célula com uma Trissomia 21, dando origem a mais células iguais a si nas divisões seguintes e as restantes células permanecendo normais; 2) um zigoto ou embrião com SD sofrer uma igual mutação, revertendo assim as células para um estado de euploidia, isto é, correcto número de cromossomas, que não possuem Trissomia 21 (Wikipedia: [http://pt.wikipedia.org/wiki\\_de\\_trissomia](http://pt.wikipedia.org/wiki_de_trissomia)).

### 1.5.1. Incidência

Efeito da idade materna: quanto maior a idade da mãe, maior o risco da ocorrência da síndrome. Estima-se que a incidência da SD seja de um em cada 660 nascimentos, o que torna esta deficiência uma das mais comuns de nível genético. A idade da mãe influencia bastante o risco de conceção de bebé com esta síndrome: em idade de 20 é de 1/1925, em idade de 25 é de 1/1205, em idade de 30 é de 1/885, em idade de 35 é de 1/365, em idade de 40 é de 1/110, em idade de 45 é de 1/32 e aos 49 de 1/11. As grávidas com risco elevado de ter um filho afetado por esta síndrome devem ser encaminhadas para consultas de aconselhamento

genético, no âmbito das quais poderão realizar testes genéticos (como a amniocentese). (Wikipedia: <http://pt.wikipedia.org/wiki/>).

### 1.5.2. Problemas de saúde

Existe maior incidência de determinados problemas de saúde, nomeadamente: tónus muscular baixo, também denominado de hipotonia. Os músculos de todo o corpo são demasiado flexíveis, afetando os movimentos, a força e o desenvolvimento da criança, tanto a nível de habilidades (rolar, sentar, levantar e caminhar), como a nível da alimentação. Normalmente, a alimentação demora mais tempo e a criança apresenta mais problemas na aceitação de alimentos sólidos, provocando, por vezes obstipação intestinal; malformação cardíaca; deficiência imunológica; problemas respiratórios; problemas de visão e de audição; problemas odontológicos.

É importante lembrar que algumas crianças com SD não apresentam os problemas ou doenças acima citados, daí ser necessária uma avaliação médica rigorosa.

A criança com SD deve ser educada como qualquer outra. Os cuidados a ter com ela não devem ser muito diferentes daqueles que se prestam às outras crianças. Os pais precisam de estar atentos a tudo o que a criança, espontaneamente, começa a fazer sozinha e estimular os seus esforços (Rodrigues, 2007). Devem ajudar a criança a crescer, evitando que ela se torne dependente; quanto mais a criança aprender a cuidar de si mesma, melhores condições terá para enfrentar o futuro. A criança com SD precisa e deve participar na vida familiar como as outras crianças, deve ter o mesmo trato, com carinho, respeito e naturalidade. Segundo a mesma autora, alguns indivíduos com SD, quando adolescentes e já adultos, têm uma vida independente. Embora não atinjam níveis avançados de escolaridade podem executar diversas funções em determinados trabalhos, de acordo com seu nível intelectual e capacidades físicas. Praticam desporto, viajam, frequentam festas, representam, conduzem, etc.

## 1.6. Desenvolvimento e Funcionamento Cognitivo

No passado, o preconceito e o senso de justiça com relação à SD fez com que essas crianças não tivessem nenhuma *chance* de se desenvolverem cognitivamente, os pais e professores não acreditavam na possibilidade da sua alfabetização, eram rotuladas como pessoas doentes e, portanto, excluídas do convívio social.

Segundo Rodrigues (2007), o aluno com SD pode apresentar dificuldades em executar tarefas, aproximar habilidades às ideias, reter ou transferir o que sabe, adaptar-se a situações novas, de início, tudo são dificuldades. Mas se for estimulado, ensinado, a partir do concreto, dando-lhe instruções práticas, visuais, para consolidar o conhecimento do que vai aprendendo, ele desenvolve-se progressivamente.

A mesma autora propala, uma forma de incentivar o aluno com NEE no início das suas aprendizagens é o uso do brinquedo e de jogos educativos, tornando as atividades enriquecedoras, interessantes e alegres. “Ensinar brincando”, o ensino deve ser “divertido” e fazer parte da vida cotidiana, despertando-lhes assim o interesse pelo aprender. A autora prossegue, no processo de aprendizagem a criança com SD deve ser reconhecida como ela é, e não como gostaríamos que fosse. As diferenças devem ser vistas como ponto de partida e não de chegada na educação, para desenvolver estratégias e processos cognitivos adequados.

Sabemos que as crianças com SD apresentam atrasos notáveis em todas as áreas. Geralmente, esses atrasos têm grande evolução nos três primeiros anos de vida e verificam-se ao nível da linguagem, percepção, atenção e memória. A área do desenvolvimento social parece ser a menos afetada.

Caso exista deficiência mental, ela terá muitas dificuldades em resolver problemas abstratos, daí a importância de começar pelas aprendizagens mais simples e partir depois para as mais complexas. Mesmo que exista um atraso nas funções mentais e motoras do corpo, isso não impede que ela aprenda as tarefas diárias e participe da vida social da família. Ela pode executar tarefas simples e deve ser educada como qualquer outra criança.

### 1.6.1. Aprendizagem

Nas aprendizagens ou aquisições de novas competências, o aluno com SD tem um ritmo diferente dos alunos não portadores da síndrome, visto existir um atraso nas funções mentais e nas funções motoras. Associado a estes problemas está a falta de estímulos que não é a mesma das outras crianças ditas “normais”.

Os pais devem estabelecer-lhe limites, não permitindo que faça tudo o que quer, evitando a super proteção, ansiedade e rejeição e estar conscientes de que ela pode demorar mais tempo a executar e aprender as tarefas que lhe são propostas, mas ela aprende, ao seu ritmo e conforme a sua capacidade e motivação (Rodrigues, 2007).

### 1.6.2. Linguagem

As crianças com SD frequentemente apresentam redução do tónus dos órgãos fonoarticulatórios e, conseqüentemente, falta de controlo motor para articulação dos sons da fala, além de um atraso no desenvolvimento da linguagem. O fonoaudiólogo será o terapeuta responsável por adequar os órgãos responsáveis pela articulação dos sons da fala além de contribuir no desenvolvimento da linguagem. Aprender a comunicar através da linguagem, é uma das importantes conquistas para a criança.

Segundo Stray-Gundersen (2007), “o desenvolvimento da linguagem geralmente é dividido em duas áreas: linguagem receptiva e linguagem expressiva. A linguagem receptiva é a capacidade de entender palavras e gestos, ao passo que a linguagem expressiva é a capacidade de usar gestos, palavras e símbolos escritos para comunicar-se” (p.137). Como refere a autora, é mais fácil para a criança compreender a linguagem, do que expressar verbalmente qualquer palavra.

Podemos dizer que a área mais afetada da criança com SD é a linguagem, devido ao atraso considerável nas outras áreas de desenvolvimento. De acordo com Rodrigues (2007), uma criança com SD, nos primeiros anos de vida, tem menor reação e iniciativa nas interações, por outro lado, menor capacidade para olhar na direção da pessoa ou objeto, ou seja, tem mais dificuldades de associação e de conhecimento do objeto e do vocabulário, sendo notório o desfasamento no desenvolvimento da produção da linguagem.

Para esta autora, a criança com SD tem ainda várias dificuldades em todos os mecanismos que envolvam abstração, tais como: organização do pensamento, da frase, aquisição de vocabulário e estruturação morfossintática. Prossegue, referindo que as dificuldades na linguagem expressiva devem-se a diferentes fatores: *i)* Dificuldades respiratórias, devido à má organização do processo respiratório (manter e prolongar a respiração) e à frequente hipotonicidade; *ii)* Perturbações fonatórias, existindo alterações no timbre da voz; *iii)* Perturbações de audição (perdas auditivas, inferiores ao normal); *iv)* Perturbações articatórias, que terão origem em variados fatores (hipotonia da língua e dos lábios, malformações do palato, problemas odontológicos, repercussões no desenvolvimento cognitivo; *v)* Modelos linguísticos insuficientes.

### 1.6.3. Percepção

Nesta área, as crianças com SD apresentam maiores défices na capacidade de discriminação visual e auditiva, no reconhecimento tátil, em geral e de objetos a três dimensões, na cópia e reprodução de figuras geométricas, assim como no tempo de reação perceptiva (Sampedro et al., 1997).

### 1.6.4. Atenção

Como a atenção exige discriminação, as crianças com SD têm um grande défice nesta área. Elas são muito lentas a dirigir a atenção para o que pretendem e têm muitas dificuldades em reter as respostas, mesmo depois de as examinar pormenorizadamente. Têm grande tendência para a distração a estímulos exteriores, salvo raras exceções.

### 1.6.5. Memória

As crianças com SD não têm mecanismos de estruturas mentais para aprender determinadas tarefas. Elas guiam-se por imagens concretas e não por conceitos abstratos.

Segundo Brown (1989), elas têm uma boa memória em tarefas simples, mas quando se pretende que intervenham ativamente e com naturalidade na organização do material que se pretende que memorizem, elas revelam-se pouco seguras. Mesmo havendo grande treino de memorização, elas têm dificuldades em transferir e generalizar os conceitos.

## CAPÍTULO II – INTERVENÇÃO PRECOCE

Atualmente, a expectativa de vida desta população tem vindo a aumentar, devido aos avanços da medicina, pode mesmo dizer-se que é muito parecida com a da população em geral.

Existem vários aspetos que podem contribuir para um melhor desenvolvimento da criança com SD: IP na aprendizagem, tratamento medicinal, um ambiente familiar estável e uma educação de qualidade, envolvendo pais, professores, terapeutas e outros especialistas.

Para Bairrão (2006), a IP é uma abordagem multidisciplinar em educação especial, que consiste num conjunto de recursos para crianças em risco ou “risco já adquirido” (biológico, social ou compósito). Abrange as crianças que apresentem deficiência ou risco de atraso grave do desenvolvimento até aos 6 anos, mas especialmente dos 0 aos 3 anos.

A equipa de IP tem programas de estimulação que são realizados no contexto familiar, no contexto escolar ou nos locais onde essas crianças permanecem, agindo nos ambientes onde se processa o desenvolvimento da criança. Segundo as teorias ecológicas e sistémicas do desenvolvimento humano, terão influência nesse mesmo processo de crescimento.

Ao falar na IP não podemos deixar de definir o conceito de risco, uma vez que ambos estão interligados. Gamezy (1996) refere que um fator de risco pode ser um acontecimento ou uma condição orgânica ou ambiental que aumente a probabilidade da criança desenvolver problemas emotivos ou de comportamento. Baseando-nos nesta definição, podemos concluir que o risco, provavelmente representará uma situação de dano ou perigo para a criança e para o seu crescimento.

De salientar os estudos de Brown e Brown (1993) que especificam dois tipos de risco, que estão definidos na legislação: 1) *Risco biológico*, é um risco perinatal e condições de complicações neonatais que podem provocar défices no desenvolvimento, essencialmente ao nível cognitivo; 2) *Risco ambiental*, está relacionado com os ambientes sociais ou familiares alterados ou problemas sociais graves, os quais podem estruturar défices de natureza psicológica.

## 2.1. Objetivos da Intervenção Precoce

Segundo o Despacho Conjunto nº 891/99, de 19 de outubro, a IP é uma medida de apoio integrada, centrada na criança e na família, mediante ações de natureza preventiva e habilitativa, designadamente do âmbito da educação, da saúde e da ação social, tendo em vista:

- Assegurar condições facilitadoras da criança com deficiência ou em risco de atraso grave de desenvolvimento;
- Potenciar a melhoria das interações familiares;
- Reforçar as competências familiares como suporte da sua progressiva capacitação e autonomia face à problemática da deficiência;
- Criar condições facilitadoras do desenvolvimento global da criança, minimizando problemas das deficiências ou do risco de atraso do desenvolvimento e prevenindo eventuais sequelas;
- Optimizar as condições de interação da criança, mediante a informação sobre a problemática em causa, o reforço das respetivas capacidades e competências.

### 2.1.1. Etapas da intervenção precoce

São várias as etapas da intervenção precoce:

- Estabelecimento da relação: este ponto é o primeiro e o mais importante de todo o processo, já que, se falhar, não permite realizar um verdadeiro trabalho de equipa com a família, sem o qual, qualquer intervenção é inevitavelmente condenada ao fracasso;
- Recolha de anamnese e dos dados sociofamiliares;
- Avaliação do desenvolvimento psicomotor do bebé e avaliação das necessidades da família: estas avaliações são realizadas mediante a aplicação de um teste formal de avaliação do desenvolvimento (Escala Brunet Lézine) e um inventário específico;
- Elaboração, do Plano Individualizado de Apoio à Família (PIAF). É um documento que

explicita os resultados das avaliações realizadas e que estabelece as linhas orientadoras da intervenção: objetivos gerais e específicos, estratégias que podem ser adotadas, etc. É um documento em constante avaliação e construção, já que, com base nas aquisições da criança e da família, são regularmente estabelecidos novos objetivos de intervenção;

### 2.1.2. Identificação precoce da Síndrome de Down

A identificação precoce é uma alternativa indispensável, pois só dessa forma se anulam condições que podem agravar todo o desenvolvimento da criança, nomeadamente o desenvolvimento biopsicossocial.

Realizar o despiste e deteção nas crianças que têm problemas de desenvolvimento permite a previsão das necessidades de intervenção, diminuindo, deste modo, os efeitos secundários, ao nível do aspeto social e não verbal e do aspeto educacional e verbal.

“A identificação precoce deve ser uma rotina nos hospitais, nos centros de saúde, nos infantários, nas creches, nos jardins-de-infância e nas escolas pré-primárias, mormente nas áreas da visão (discriminação, identificação, figura-fundo, constância da forma, sequencialização, visuomotricidade, posição e relação espacial, etc.), da audição (...), da psicomotricidade (controlo, tónico-postural, equilíbrio, lateralidade, direccionalidade, noção do corpo, estruturação espacial e rítmica, praxias globais e finas, etc.), da fala (armazenamento da informação, compreensão, integração, formulação de ideias, imitação de palavras e frases, vocabulário, silabação, articulação, etc.), da socialização, ...” (Fonseca, 1989, p. 27).

Toda a equipa multidisciplinar deve dedicar uma atenção especial à linguagem, visto ser uma das áreas mais afetadas pela SD e o fato de esta ter grandes repercussões no desenvolvimento cognitivo destas crianças.

### 2.1.3. Bases teóricas

A IP é uma medida levada a cabo durante a primeira infância, que tem como finalidade reduzir riscos no desenvolvimento das crianças. Pressupõe-se que esta medida terá como base teórica, os modelos de desenvolvimento humano definidos por vários investigadores. Contudo, todos estes conceitos sofreram alterações ao longo do tempo, tendo influência na forma de atuar na IP, até chegarmos ao modelo aceite, o modelo ecológico e

sistêmico de desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1979).

De salientar que esta evolução foi muito relevante na atuação da IP, pois deixou de ser apenas centrada na criança e nas suas incapacidades, tornando-se mais abrangente, uma vez que envolve a criança, a família e o ambiente envolvente.

Atualmente, criaram-se novas teorias, às quais a IP vai buscar as suas bases ideológicas, tais como: i) *Teoria da Vinculação*, desenvolvida por Bowlby e Ainsworth, que evidencia o papel da família e dos prestadores dos cuidados no desenvolvimento da criança; ii) *Teoria de Aprendizagem Social*, desenvolvida por Bandura e a *Teoria do Desenvolvimento Social de Sameroff e Chandler*, que enfatizam o impacto das interações sociais ao nível do desenvolvimento; iii) *Teoria Ecológica de Bronfenbrenner*, que realça a influência no desenvolvimento das interações da criança com os outros e com o ambiente.

#### 2.1.4. Pressupostos da intervenção precoce

Bairrão (1995), conceitualiza o conceito de desenvolvimento em termos de uma hierarquia de sistemas com quatro níveis progressivamente abrangentes: microssistema, mesossistema, exossistema e o macrossistema:

*Microssistema*: fatores de lugar, tempo, atividade e o papel que a criança desempenha em cada cenário. É o ambiente onde a criança passa mais tempo e interage (família, creches, infantários, avós, ...);

*Mesossistema*: interage com o microssistema e incorpora todos os cenários mais importantes que a criança frequenta; as relações entre esses cenários (relações entre os pais, médicos, psicólogos, educadores, professores, técnicos que intervêm no caso; interação entre estes profissionais...);

*Exossistema*: a criança não está diretamente envolvida, mas pode afetar o cenário em que ela se encontra, ou a criança pode influenciar os diferentes cenários. É composto por estruturas sociais que rodeiam a criança e a família e que constituem recursos para estas (serviços sociais, serviços de saúde, instituições locais, igreja, ...);

*Macrossistema*: engloba todos os sistemas anteriores. Abrange também a cultura ou subcultura de uma dada sociedade à qual a criança e a família pertencem e podem influenciar



## 2.2. Apoio à Família

- Estimular o desenvolvimento da linguagem;
- Desenvolver a área cognitiva;
- Estimular a motricidade fina;
- Promover a autonomia.

### 2.2.1. Tipo de apoio prestado

- Visitas domiciliárias semanais pela educadora social e/ou psicóloga;
- Atividades de estimulação direta do desenvolvimento da criança através de atividades lúdico-educativas, sempre na presença da família (modelagem, mostrar como se faz ao mesmo tempo que se verbaliza o que se está a fazer e se explica o porquê);
- Demonstração das possíveis atividades a realizar durante a semana, integradas nas rotinas da criança e da família, de modo a atingir os objetivos traçados;
- Ponto de situação semanal com a família; esse período de tempo é utilizado para fazer um ponto de situação com ela, deixando algumas indicações de atividades a realizar durante a semana e fazendo a avaliação do trabalho desenvolvido na semana anterior;
- Avaliação contínua da intervenção e dos progressos da criança.

Os programas são desenvolvidos na família, componente essencial do microsistema da criança, onde ela se desenvolve e onde são criados os vínculos necessários a um desenvolvimento harmonioso; baseado nas suas rotinas, hábitos e costumes, de modo a: estabelecer processos de vinculação; tomar decisões sobre todos os assuntos que lhe digam respeito, diretamente; mobilizar e utilizar todos os recursos que necessita e ainda contribuir para a qualidade e o apoio prestado.

Deste modo, podemos afirmar que a IP age sobre as crianças em risco, quer a nível social, quer a nível ambiental, implicando um reconhecimento das necessidades da criança no seu contexto sociofamiliar. Exige, também, uma atuação de natureza comunitária, institucionalizada, estruturada e assente em programas individualizados, desenvolvidos nos domicílios e nos ambientes em que a criança normalmente permanece (ama, creche, jardim de infância, etc.).

## CAPÍTULO III - A CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN NA ESCOLA INCLUSIVA

O processo ensino/aprendizagem sempre envolveu a tomada de decisão sobre o que ensinar e como ensinar.

O Decreto-Lei nº 3/2008, de 7 de janeiro, “...tem como premissa a qualidade de ensino orientada para o sucesso de todos os alunos. Um aspecto determinante dessa qualidade é o desenvolvimento de uma escola inclusiva, consagrando princípios, valores e instrumentos fundamentais para a igualdade de oportunidades” (Pereira et al., 2008, p.13).

Neste contexto, podemos dizer que a escola inclusiva e democrática, visa a igualdade educativa, na qual deve existir a integração de todos, sem discriminação, rompendo com a escola tradicional, onde as crianças com NEE não encontravam espaço para a sua evolução.

Atualmente, a escola pública e a escolaridade obrigatória fazem parte das medidas educativas e podemos considerar que estas são, sem dúvida, fatores de “desenvolvimento, de crescimento, de qualidade social, de democracia e de liberdade” (Capucha, 2008, p.5).

Neste sentido, a escola terá cada vez mais uma população discente, mais heterogénea, uma população que engloba um conjunto de alunos com NEE, às quais os professores terão de, necessariamente, dar resposta.

Segundo Nielsen (1999), “O mesmo é dizer que, com inclusão, a Escola terá de servir de palco à diversidade cultural e educacional que a realidade de hoje lhe confere” (p. 9).

Correia (1997), definiu a inclusão como a inserção do aluno na classe regular, onde, sempre que possível, deve receber todos os serviços educativos adequados, contando-se, para esse fim, com um apoio apropriado de outros técnicos e pais, às suas características e necessidades. O mesmo autor propõe três níveis de inclusão progressiva (total, moderada, limitada) que a escola regular, com base nas atividades académicas e sociais e atendendo às características e necessidades do aluno com NEE, aos recursos humanos e materiais, ao relacionamento entre professores, à sua formação e à de outros agentes educativos, à participação dos pais, aos apoios prestados por outros serviços, deve implementar.

A este propósito deixa um alerta, de que o princípio da inclusão só pode ter sucesso

se, em primeiro lugar, os cidadãos o compreenderem e aceitarem como um princípio cujas vantagens a todos beneficia. Até lá, a igualdade de oportunidades para todos os alunos ainda pode estar distante.

Deste modo, o sistema e as práticas educativas devem ter em conta a diversidade, organizando atividades e estratégias individualizadas, com o objetivo de promover competências universais, que permitam a todos, sem distinção, a aquisição da autonomia, da estabilidade emocional, da igualdade de oportunidades e do acesso à conduta plena da cidadania.

No entanto, existem casos, como já foi referido anteriormente, em que as necessidades são muito específicas, exigindo a ativação de apoios especializados, que têm de responder aos alunos com NEE, ao nível da atividade e da participação num, ou em vários domínios de vida, devido a algumas alterações funcionais e estruturais, de caráter permanente.

Torna-se urgente e fundamental que as escolas elaborem os seus projetos educativos, fazendo adaptações ao processo ensino/aprendizagem, de forma a responderem corretamente a estas necessidades tão específicas, tendo em conta de que cada caso é um caso, elaborando um currículo diferente e adequado aos alunos com NEE, operacionalizando um Programa Educativo Individual (PEI), centrado na aquisição e no desenvolvimento das capacidades de cada um. Assim se possibilitará a igualdade de todos, quer no acesso, quer no resultado (Rodrigues, 2008).

### **3.1. Escolarização das Crianças com Síndrome de Down**

Aquando da entrada do aluno com SD na escola, existem alguns passos a seguir, tendo este direito a condições especiais (Decreto-Lei nº 3/2008) em vários aspetos, nomeadamente nas medidas educativas:

- Apoio pedagógico personalizado (estratégias, estímulo e reforço);
- Adequações curriculares individuais (tendo comum, como padrão o currículo);
- Adequações no processo da matrícula (prioridade na matrícula no jardim-de-infância ou escola, independentemente da sua área de residência; beneficiar do adiamento de matrícula no 1º ano de escolaridade obrigatória; matricular-se por disciplinas no 2º e 3º ciclos do ensino

básico e secundário, desde que seja assegurada a sequencialidade do regime educativo comum);

- Adequações no processo de avaliação (fichas de avaliação adaptadas, formas e meios de comunicação diferentes);

Estas crianças devem frequentar o ensino regular e participar em todas as atividades que lhes seja possível, tendo a oportunidade de serem bem-sucedidos.

Segundo Nielsen (1999), “os professores não devem esquecer que o grau de deficiência mental, nestes alunos, é extremamente variável. Por essa razão, devem, não só definir objectivos passíveis de ser atingidos por cada aluno, como o devem também encorajar nesse processo” (p.124). Para este autor, é fundamental que os educadores/professores compreendam, obtenham informações e formação sobre este distúrbio genético, pois é determinante para o desenvolvimento das aprendizagens das referidas crianças. É ainda relevante, estabelecer-lhes objetivos pessoais, académicos e sociais.

Para a integração da criança com SD, o professor deve preparar a turma de forma que esta seja aceite e incluída nas atividades dos companheiros, tendo como grande objetivo a sua integração na escola e na sociedade (Rodrigues, 2008). Acrescenta que, para que as crianças com NEE sejam aceites pela sociedade e tenham acesso e sucesso educativo, igualdade de oportunidades, autonomia, independência, estabilidade emocional, e que sejam habilitadas para prosseguirem os estudos ou dar-lhes uma preparação adequada para a vida profissional e uma transição da escola profissional para o emprego, é urgente mudar as mentalidades.

Os objetivos pessoais proporcionarão mais autonomia e os académicos facultarão um desenvolvimento das suas capacidades e competências, que dependerão do grau de deficiência e dos estímulos de cada um.

### **3.2. Áreas de Intervenção da Escola**

Como as crianças com SD apresentam um desenvolvimento mais lento e diferente em alguns aspetos, a escola deve elaborar um programa centrado nos problemas específicos, encontrados quando se realiza a intervenção, baseados nos treinos percetivo e motor básicos, visto estes serem essenciais para a aquisição de outras aprendizagens mais complexas. Deste modo, devem intervir nas áreas onde se verificam os maiores défices, nomeadamente:

percepção, atenção, memória, psicomotricidade e linguagem.

### 3.2.1. Na área da percepção

A criança com SD não dispõe de mecanismos de estruturas cognitivas que lhe permita realizar e apreender determinadas tarefas. Deste modo, será necessário usar algumas estratégias para trabalhar a percepção, nomeadamente:

- Através do maior número de vias sensitivas (sentidos);
- Intervir no sentido de a levar a selecionar, reconhecer e utilizar com exatidão os estímulos importantes num determinado momento;
- Proporcionar-lhe atividades motivadoras, constantes e sucessivas;
- Promover atividades, incentivando a criança a verbalizar acerca do que está a fazer.

### 3.2.2. Na área da atenção

Nesta área, a criança com SD também apresenta défices, nomeadamente ao nível de hábitos de fixação, focalização e mobilização da atenção, devido às dificuldades de percepção visual e auditiva, à psicomotricidade (relaxação) e à linguagem. Assim, devem ser-lhe proporcionadas algumas estratégias básicas:

- Ausência de estímulos que lhes proporcionem desordenação;
- Proporcionar-lhe atividades, acompanhadas de um modelo de ação e de instruções verbais claras e precisas;
- Partir sempre de tarefas simples para as mais complexas, de acordo com as suas possibilidades, dando-lhes o tempo necessário para a sua concretização;
- Proporcionar-lhe tarefas diversificadas, mudando frequentemente de atividade, evitando assim o desinteresse;
- Compensar os esforços e sucessos da criança.

### 3.2.3. Na área da memória

É a capacidade de memória que permite o reconhecimento e recordação de objetos, situações ou factos e resulta da discriminação e reconhecimento dos estímulos *visuais, auditivos, táteis e motores*.

Podem salientar-se três momentos no processo de memorização: aquisição (perceção de factos), retenção (armazenamento da informação), reconhecimento/recordação (informação recolhida). Geralmente, a retenção da informação depende da repetição, da quantidade de dados, do grau de complexidade, da implicação afetiva, etc.

### 3.2.4. Na área psicomotora

O desenvolvimento psicomotor de uma criança com SD é mais lento do que o das outras crianças, devido à sua fraca tonicidade, à sua falta de atenção, no entanto, se ela tiver beneficiado da IP, conseguirá adquirir conhecimentos e formas de desempenho nesta área. O problema específico do desenvolvimento psicomotor deriva diretamente da psicomotricidade.

A psicomotricidade permitirá um desenvolvimento motor, contribuindo para a organização da personalidade da criança, devendo ser desenvolvida o mais precocemente possível (entre os 0 e os 6 anos), constando de técnicas e terapias corporais que desencadeiam aquisições ao nível do equilíbrio, preensão, marcha e relações espaço-temporais. Esta deve ser realizada em contexto da sala de aula, onde a criança está integrada, de modo a possibilitar a sua adaptação e relação com os outros e, através da linguagem corporal, a socialização.

Os objetivos gerais do desenvolvimento psicomotor são domínio do esquema corporal, da expressão corporal e da motricidade, assim como a aquisição da motricidade fina, eliminação de hábitos mal adquiridos e aquisição de comportamentos sociais adequados à sociedade. Depois de adquiridas estas competências, a criança com SD estará apta a adquirir aprendizagens escolares, nomeadamente leitura, escrita e cálculo, embora não esquecendo que estas aprendizagens realizar-se-ão de forma mais lenta do que nas outras crianças.

### 3.2.5. Na área da linguagem

É muito importante realizar-se uma avaliação da linguagem, uma vez que é uma das áreas com mais défices das crianças com SD. Devemos fazer uma distinção entre fala e linguagem, pois a fala é o conjunto de sons e combinação dos sons e a linguagem é o código ou sistema linguístico.

A intervenção sobre a linguagem deve começar o mais precocemente possível, logo nos primeiros meses de vida, com o intuito de sensibilizar a criança para o mundo sonoro e vocal, estimulando as suas vocalizações. Nesta fase da vida, é aos pais que cabe esta tarefa, sendo fundamental uma orientação, de modo a que eles estimulem a criança com SD, mostrando-lhes a sua alegria a cada som que vocaliza, valorizando todos os mecanismos compensatórios (gestos ou mímica), utilizados, muito frequentemente, como forma de comunicar.

#### **Medidas a ser tomadas para ultrapassar ou colmatar as dificuldades destas crianças:**

*a) Realização de um exame auditivo* – Deve realizar-se um exame otorrinolaringológico pormenorizado, a fim de se saber o grau de audição da criança e de se atuar sobre esse problema. Além disso, deve ser trabalhada a discriminação auditiva, desenvolvendo a capacidade de direcionar a cabeça para o estímulo sonoro.

*b) Educação da fonação e articulação* – Este tipo de educação cabe, principalmente, ao terapeuta da fala e equipas especializadas, sendo feita “...por meio de técnicas de reeducação da linguagem que integram não apenas exercícios de motricidade bucofacial (língua, lábios, sopro...), respiratórios e articulatórios mas também os aspectos perceptivos, espaço-temporais, sensoriomotores, rítmicos, etc.” (Sampedro et al., 1997, p.245).

Os movimentos articulatórios, inicialmente devem fazer-se de forma isolada, posteriormente, de modo coordenado. O treino da articulação deve começar pela articulação de fonemas sonoros, passando depois para as sílabas com sentido, tendo sempre o cuidado de verbalizar e articular bem as palavras, usando as que têm significado para ela, mostrando-lhe o objeto que representa a palavra.

### **3.3. Avaliação da Criança com Síndrome de Down**

Depois de referenciada a criança, é necessário solicitar ao departamento de Educação Especial e ao Serviço de Psicologia um relatório técnico-pedagógico, onde estejam identificadas as razões que estabelecem as NEE do aluno e a sua tipologia, nomeadamente as condições de saúde, doença ou incapacidade, requerer a determinação dos apoios especializados, das adequações do processo de ensino/aprendizagem de que o aluno necessita e, finalmente, assegurar a participação ativa e o consentimento dos pais ou encarregados de educação (Decreto-Lei nº 3/2008, artigo 6º).

### **3.4. Escola/Família**

É fundamental que a escola tenha em conta as situações quotidianas de modo a fornecer a estas crianças conhecimentos úteis ao seu desenvolvimento cognitivo, comportamental e social no âmbito sociofamiliar.

Há também a salientar a importância de um clima familiar adequado, pois se a criança estiver inserida num meio onde não exista superproteção, ansiedade e rejeição e existir uma implicação ativa dos pais na sua educação, o seu desenvolvimento social, afetivo e escolar terá proporções muito positivas.

Segundo o Decreto-Lei nº 3/2008 de 7 de Janeiro, artigo 10º, “...na educação pré-escolar e no 1º ciclo o programa educativo individual é elaborado, conjunta e obrigatoriamente, pelo docente do grupo ou turma, pelo docente de educação especial, pelos encarregados de educação” e, sempre que necessário, pelos serviços do departamento de educação especial e de psicologia.

Este Decreto-Lei veio reforçar a importância da interação entre escola/família e realçar a importância dos pais ou encarregados de educação na participação ativa, exercendo o poder paternal nos termos da lei, acedendo a toda a informação e a tudo o que se relacione com a educação especial prestada ao seu educando.

Benavente, Costa, Machado e Castro Neves (1987), referem que contribuir para informar os pais, ter em conta as dificuldades e procurar, com eles, ultrapassá-las, dar-lhes pistas para seguir e apoiar os filhos de modo positivo e útil, é duplamente importante para o

sucesso escolar das crianças e para a harmonia do seu universo pessoal.

Sendo assim, é importante analisar a família e a qualidade das interações entre os diferentes membros desta estrutura, pelo fato de esta condicionar o processo de inserção social e o desenvolvimento da personalidade das crianças, nas suas várias dimensões, uma vez que grande parte dos problemas manifestados por elas estão relacionados com o contexto familiar em que estão inseridos.

Tentar definir o conceito de família é algo complexo, pois apesar de não se tratar de um termo abstrato envolve um significado emocional, isto é, depende das experiências pessoais que cada um tem, já que, no interior de cada pessoa, existe um conceito de família. Por outro lado, este conceito depende em larga medida das ideologias políticas, religiosas e filosóficas predominantes nas diversas culturas.

Como é evidente, este conceito sofreu bastantes modificações ao longo do tempo, devido às transformações que ocorreram na nossa sociedade. É importante realçar, que a família comporta uma dualidade, ou seja, se por um lado tem uma dimensão privada, que visa satisfazer as necessidades individuais dos seus membros, por outro, tem uma dimensão pública, já que deve ser útil à sociedade através da socialização dos seus componentes. Existe, portanto, uma interação mútua entre a família e a sociedade.

De acordo com vários autores, a família é uma instituição primária, que desenvolve determinadas funções na sociedade intra e extra familiares. A este propósito, Escartin, Palomar e Suarez (1997) referem que as funções intra familiares dizem respeito aos indivíduos que compõem a família, enquanto as extras familiares são funções relacionadas com a sociedade.

Segundo Chalita (2001), “...a família tem a responsabilidade de formar o carácter, de educar para os desafios da vida, de perpetuar valores éticos e morais” (p.20).

### **3.5. Transição/Articulação entre os Diferentes Níveis de Ensino**

O apoio educacional às crianças com NEE deve iniciar-se o mais precocemente possível. No caso das crianças com SD, a estimulação deve iniciar-se a partir do seu nascimento para que o seu desenvolvimento seja o mais normativo possível, daí a importância dos serviços da equipa de IP.

Existem várias inter-relações, das quais a problemática em estudo não pode estar dissociada. Deste modo, deve ser feito um acompanhamento por técnicos especializados integrando a criança na turma, para que adquira estabilidade ao longo do seu percurso escolar e da sua vida.

Segundo o Ministério da Educação (2001), as escolas ou agrupamentos de escolas devem partir do currículo nacional do ensino básico e das orientações curriculares de turma/grupo, concretizando através de planificações, para que, sem menosprezar a cultura nacional e as orientações educativas nacionais, se dê voz às expressões locais e aos interesses e necessidades dos alunos/crianças. Deve optar-se por um currículo integrado, trabalhado e diferenciado, a partir do qual se elaboram projetos curriculares adequados às necessidades específicas das crianças e das famílias. No caso específico de crianças com NEE, recorrer-se-á a adaptações ou a elaboração de um PEI, de acordo com a especificidade de cada criança.

Nas várias etapas do percurso educativo deve existir uma sequencialidade progressiva, competindo a cada etapa a função de complementar, aprofundar e alargar a etapa anterior, numa perspetiva de continuidade e unidade global do ensino/aprendizagem.

Assim, os educadores de infância, conjuntamente com os professores do 1º ciclo, devem: estabelecer contactos formais e informais, no sentido de se estabelecer uma compreensão do que se realiza na educação pré-escolar e no 1º ciclo, procedendo também à análise e debate em comum das propostas curriculares para cada um destes ciclos; planificar e desenvolver projetos comuns, ao longo do ano; realizar visitas às salas do 1º ciclo, como meio de colaboração e conhecimento mútuo; articular estratégias, promovendo a integração destas crianças e o acompanhamento do seu percurso escolar.

Para a criança com SD ter sucesso escolar no 1º CEB, também é necessário promover aprendizagens tendo em conta os conhecimentos já adquiridos e a existência de uma intercomunicação professor/aluno. Contudo, é necessário incutir-lhes regras e comportamentos diferentes do pré-escolar (permanecer sentado mais tempo, movimentação menos espontânea,..), assim como o cumprimento de determinados objetivos definidos pelo Ministério da Educação, nomeadamente aprendizagens académicas e desenvolvimento de capacidades e conhecimentos (embora também estejam implícitas as atividades efetuadas no jardim-de-infância, nomeadamente nas áreas das expressões).

Deve também existir articulação curricular entre o 1º e o 2º ciclos ao longo do ano,

com o objetivo de promover a definição conjunta de estratégias de atuação para o desenvolvimento de competências nos alunos e trocar experiências entre os dois ciclos de forma a facilitar a integração dos alunos no 2º ciclo (principalmente dos alunos com NEE) e garantir a sequencialidade de ciclos, pois as diferenças são bastante acentuadas, nomeadamente em termos de acompanhamento (na sala de aula e no recreio), sendo um ensino menos individualizado, passando de um professor para vários professores, para diferentes disciplinas e nomeadamente para um currículo mais alargado.

O tipo de articulação referido anteriormente facilitou a transição da criança/aluno do jardim-de-infância para o 1º ciclo e facilitou, ainda mais, ao transitar para o 2º ciclo, uma vez que as orientações curriculares definidas para estes três níveis de ensino são diferentes. Têm como objetivo principal aumentar progressivamente o seu grau de exigência, preparando a criança com SD para que, no futuro, possa optar conscientemente para o prosseguimento dos estudos, ou até mesmo possa ingressar no mundo do trabalho.

A transição do aluno em causa foi feita nas bases anteriores, cumprindo as normas do Ministério de Educação e seguindo as orientações curriculares, com o conhecimento e aceitação das duas escolas e autorização dos pais do educando.

## **PARTE II**

### **MARCO METODOLÓGICO: DESENVOLVIMENTO DA INVESTIGAÇÃO**

---

## CAPÍTULO IV – TRABALHO EMPÍRICO

### 4.1. Introdução

Neste capítulo, definimos os objetivos, elaborámos as questões, formulámos as hipóteses, escolhemos a amostra e apresentamos as suas limitações. Fazemos a caracterização da amostra, apresentamos o instrumento, utilizado na pesquisa, referenciámos a forma como se processa a recolha de dados, a discussão dos resultados e, por fim, efetuamos as conclusões gerais.

Pretendemos com este estudo compreender de que forma foi acompanhado um aluno com SD desde os seis anos de idade, até ao momento presente, tendo em conta a sua transição do 4º ano para o 5º ano do 2º CEB, comparando o desenvolvimento cognitivo do aluno do 1º com o 2º ciclo.

Nesta segunda parte, procurámos definir a pretensão do estudo, saber se continua a boa parceria entre os pais do João e os profissionais do 2º ciclo da Escola de Agrupamento.

Abordámos estes fatores através da primeira e segunda amostragem pais/professores e técnicos especializados do ensino regular e especial (*Apêndices IV e V*).

### 4.2. Objetivos

Para o desenvolvimento deste projeto, definimos como *objetivo geral*, identificar alguns aspetos que nos permitam compreender a importância da parceria, entre pais/professores/técnicos especializados.

Seguras de que a recolha das respostas é circunscrita e verdadeiramente válida em toda a dimensão do trabalho, apresentámos os objetivos específicos:

1. Conhecer alguma literatura científica sobre a SD.
2. Perceber a importância que tem a parceria, para o aluno, entre pais/profissionais.
3. Saber se esta parceria beneficia o educando no seu desenvolvimento cognitivo,

comportamental e social.

4. Registrar as diferenças do desenvolvimento cognitivo e socioeducativo, do aluno do 1º com o do 2º CEB.

### 4.3. Hipóteses

As hipóteses a investigar no decorrer do presente trabalho encontram a sua fundamentação na análise e conhecimentos fornecidos pela literatura especializada, evidenciada na Parte I e na própria experiência profissional e quotidiana.

Elaboramos as hipóteses mediante o uso dos resultados recolhidos através das técnicas anteriores e obedecendo a determinados princípios.

Assim, segundo Gil (2002), “a análise da literatura referente à descoberta científica mostra que as hipóteses surgem de diversas fontes” (p. 35). De acordo com Madrid (2002), “...nos plateamos las posibles hipótesis como conjunturas, proposiciones o especulaciones que el investigador ofrece como respuesta a su problema de investigación” (p. 245). Já Pardal e Correia (1995) são de opinião que “...a hipótese é um instrumento orientador da investigação que facilita a selecção dos dados e a organização da sua análise” (p. 14).

Para a formulação das hipóteses foram considerados os aspetos da complexidade do tema, as relações estabelecidas entre pais/professores/técnicos do aluno, assim como o seu desenvolvimento cognitivo, capacidade, competência académica para prosseguir os estudos e entrar no mundo do trabalho. O estudo dos aspetos supracitados constitui-se num fator determinante para a elaboração das hipóteses:

- H<sub>1</sub>.** A parceria estabelecida entre pais/professores/técnicos especializados é benéfica para o educando com SD.
- H<sub>2</sub>.** O ensino especializado favorece o desenvolvimento cognitivo, social e comportamental do aluno com SD.
- H<sub>3</sub>.** O progresso socioeducativo do aluno com SD, no 5º ano do 2º ciclo deve-se ao gosto e vontade de aprender do educando, ao apoio dos pais e profissionais.
- H<sub>4</sub>.** A capacidade e competência académica adquirida, permitem ao aluno com SD,

prosseguir os seus estudos.

As hipóteses têm um objetivo profundo e altamente significativo em trabalhos científicos. A sua formulação apropriada e o seu uso capacitam o investigador a testar aspetos da realidade com um mínimo de alteração, causada pelas suas predileções (Rodrigues, 2008).

Segundo a mesma autora, as hipóteses servem para selecionar, organizar, sistematizar e orientar toda a pesquisa. Permitem a formulação final de resultados generalizáveis e são claramente enunciadas. Devem ser coerentes com o conjunto de conhecimentos teóricos existentes.

#### **4.4. Método**

Optámos pelo método qualitativo para melhor conhecimento do universo pesquisado, ou seja, o método qualitativo oferece-nos informações de natureza mais objetiva e mais pormenorizada. Utilizámos técnicas que garantem a fiabilidade e a validade da informação obtida.

Gil (1999) evidencia o método científico como o “...caminho para se chegar a determinado fim” (p.26). Propaga o método científico apresentando características fundamentais: *i*) é fáctico, isto é, tem uma referência empírica; *ii*) transcende os factos; *iii*) recorre à verificação empírica, para formular respostas aos problemas colocados e para apoiar as suas próprias afirmações, exige uma constante confrontação com a realidade que conduz a uma problematização mesmo do já admitido.

Outros autores propalam o método científico como “...el conjunto de procedimientos que permiten abordar un problema de investigación con el fin de lograr unos objetivos determinados” (Hernández, 1997, p.6). Ou “El método científico se convierte en una “estrategia consciente, encaminada a solucionar problemas planteados por el investigador con un fin determinado” (Madrid, 2002, p.31).

Todo o trabalho está estruturado de acordo com o método qualitativo, desenvolvido junto dos pais do João, dos seus professores e técnicos especializados, que visam o seu desenvolvimento cognitivo e comportamental, tanto no 1º como no 2º CEB, estimulando as suas relações interpessoais, aumentando assim a sua tolerância às mudanças e às frustrações, privilegiando as situações de interação de desenvolvimento afetivo e social.

Para que o processo de investigação seja credível, apropriado, consistente e neutral, a investigadora procurou linhas orientadoras nas fontes dos autores acima referenciados.

## 4.5. Metodologia

Todo o estudo científico pressupõe uma metodologia para a sua realização. Segundo Minayo (1994), “inclui as concepções teóricas da abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador” (p.16).

A metodologia científica aplicada vai de encontro ao conceito e definição de Fowler (1993), matizada no âmbito das ciências sociais, tendo em conta: *i*) ausência de manipulação ou intervenção por parte do investigador; *ii*) o seu objetivo preferido é obter um conjunto de dados, para descrever alguns aspetos relevantes dos participantes, a partir das suas respostas; *iii*) o principal meio de recolha de informação são as perguntas organizadas, no guião, sendo as respostas dadas, para a análise; *iv*) a informação recolhe-se unicamente sobre uma fração da população, representativa da mesma, denominada amostra.

Miles e Huberman não parecem atribuir grande importância ao debate sobre uma eventual distinção paradigmática entre metodologias ou abordagens (qualitativas ou quantitativas), (Rodrigues, 2008).

A metodologia utilizada pretende respeitar as recomendações científicas neste domínio, bem como a do diretor desta dissertação.

Apresentamos uma amostragem por conveniência, pelo facto dos elementos da amostra serem escolhidos por conveniência, pois só esta amostra nos pode fornecer dados preciosos acerca do protagonista que deu vida à nossa investigação.

Os registos bibliográficos estão em conformidade com as normas da American Psychological Association (APA).

## 4.6. Amostra

Para a componente empírica do estudo, procedemos à caracterização das duas amostras, referindo os aspetos principais, tanto na primeira como na segunda fase.

Os promotores da amostra são os pais do aluno, protagonista deste nosso trabalho, os professores e técnicos especializados, que trabalharam e trabalham com ele nas escolas.

Nas grelhas seguintes registamos o número de pessoas e as suas funções profissionais, as quais compõem cada uma das partes.

1ª Amostra – Escola nº 10 – 1º ciclo

	Mãe	Empresária
	Pai	Oficial de Justiça
1	Professora do Ensino Regular	1º CEB
1	Professora do Ensino Especial	1º CEB
1	Terapeuta de Fala	Especializada em Terapia de Fala
1	Psicólogo	Especializado em Multideficiência
1	Titular de Turma	Professora do 1º CEB
1	Diretora da Escola	Com o grau de Doutora

2ª Amostra – Escola de Agrupamento - 2º ciclo

	Mãe	Empresária
	Pai	Oficial de Justiça
1	Prof.ª de Língua Portuguesa E.R.	2º CEB
1	Prof.ª do Ensino Especial	2º CEB
1	Terapeuta de Fala	Especializada em Terapia de Fala
1	Prof. de Expressão Visual e Tecnológica	2º CEB
1	Prof. de Musicoterapia	2º CEB
1	Prof. E. Físico-Motora	2º CEB
1	Prof. de Informática	2º CEB
1	Psicóloga do Agrupamento	Especializada em Multideficiência
1	Diretora de Turma	Prof. do CEB
1	Diretor da Escola de Agrupamento	Com o grau de Doutor

As Amostras reúnem algumas características heterogéneas (sexo, profissão/função), diferem em número de profissionais, devido ao diferente grau de ensino, diferentes e várias

disciplinas, dados que vamos ter em conta na análise de dados e na conclusão.

As menções dadas pelos participantes da amostra podem divergir ou convergir acerca da parceria entre pais/profissionais e o desenvolvimento cognitivo do João, dos seus comportamentos e da sua adesão às atividades propostas.

## 4.7. Variáveis

Sendo este trabalho um Estudo de Caso, considerámos apenas dois tipos de variáveis: variáveis independentes (VI) e variáveis dependentes (VD).

Ao pretendermos conhecer e registar as relações que envolvem pais/professores/criança com SD, tivemos necessidade de diferenciar dois conjuntos de variáveis (VI e VD) que considerámos oportunas no sentido de confirmarmos as nossas hipóteses de trabalho.

Partimos do objetivo geral da investigação e das hipóteses formuladas para estabelecermos as variáveis.

As variáveis poderão esclarecer as hipóteses que determinam o que deve ser analisado, vejamos o cruzamento das variáveis com as hipóteses:

**H<sub>1</sub>.** Variável dependente: benéfica para o educando com SD.

Variável independente: parceria estabelecida.

**H<sub>2</sub>.** Variável dependente: favorecer o desenvolvimento cognitivo, social e comportamental do aluno com SD.

Variável independente: ensino especializado.

**H<sub>3</sub>.** Variável dependente: o progresso socioeducativo do aluno com SD.

Variável independente: ao gosto e vontade de aprender do educando, ao apoio dos pais e profissionais.

**H<sub>4</sub>.** Variável dependente: prosseguir os seus estudos.

Variável independente: a capacidade e competência académica adquirida.

Segundo Kerlinger (1980), as “variáveis independentes não podem ser manipuladas, chegam ao pesquisador como estavam, já feitas. Não são manipuladas e já exerceram seus efeitos, se os havia” (p.131).

A variável dependente é uma variável de resposta. “É considerada dependente, porque o seu valor depende do valor da variável independente. Representa a consequência de uma mudança da variável independente, é sempre medida, mas nunca manipulada” (Lopes 2005, p.122).

Assim, por variável dependente entende-se qualquer qualidade ou característica de um objeto ou evento que contenha pelo menos dois atributos, categorias ou valores, nos quais se possa classificar um objeto ou evento determinado.

#### **4.8. Procedimento**

Estamos certos que a revisão da literatura nos abriu alguns caminhos para a construção do instrumento de recolha de dados, sendo de referir especificamente o estudo de Wolfendale (1993).

De acordo com o recomendado por Muchielli, Giglone e Matalon, os protagonistas foram informados dos objetivos da pesquisa, bem como da sua pertinência, e do anonimato das suas declarações (Dias, 1993).

A partir desta fase, tomámos como referência as recomendações de Fox (1981), para a refinação do guião, ou seja: *i*) limitação do universo de perguntas, para que os cooperadores dediquem o menor tempo possível à sua resposta; *ii*) estruturação do modelo de resposta, para que os participantes não sejam confrontados com respostas longas e pouco interessantes; *iii*) inclusão de um bloco introdutório e elucidativo dos objetivos da pesquisa, condições de anonimato e agradecimentos.

Para aplicação do guião, contactamos os pais desta criança, a diretora da escola e todos os profissionais que trabalham com o João, através de carta (*Apêndices VI, VII e VIII*) nas quais solicitámos autorização para os questionar.

Nestes contactos, tivemos ainda como objetivo criar um clima de empatia que permitisse o maior nível de colaboração. Indicamos a problemática em estudo e apelamos, também, à objetividade e sinceridade dos participantes, assim como referimos a natureza confidencial das respostas.

Segundo Hossne e Vieira (2000), e aprovado pelo Comité de Ética, nos guiões, como em qualquer outra forma de abordagem, é necessário lembrar que tratando-se de uma investigação com seres humanos só pode ser feita mediante consentimento. É o consentimento que transforma o que seria simples uso da pessoa em participação consciente do sujeito num empreendedor científico.

A carta de consentimento é um documento legal, que o participante ou o seu representante assina (neste caso é o participante), e dado este consentimento ficam assim protegidos tanto o pesquisador como a instituição na qual se realiza a investigação. Este documento faz parte do protocolo de pesquisa, porém, deve ser redigido de forma simples, mas exata. Ficando claro que o consentimento do sujeito não tem natureza legal, mas sim ética.

Segundo Hossne e Vieira (2000), alguns autores insistem, atualmente, na necessidade de obter o “consentimento esclarecido” do participante, para deixar claro que este deve, não apenas concordar em participar na investigação, mas também tomar essa atitude, inteiramente consciente dos fatos.

Com o fim de se obter o consentimento dos participantes, enviamos uma carta solicitando o seu consentimento. É fundamental que o pesquisador explique qual a finalidade: os conteúdos, os métodos utilizados, a quem se dirige a entrevista e quais os fatores implicados, para que a pessoa tenha pleno conhecimento e possa responder com brevidade e exatidão.

A palavra consentimento implica a ideia de atitude tomada por livre e espontânea vontade, porém não envolve a ideia de atitude tomada com pleno conhecimento dos factos.

As cartas enviadas aos diretores das escolas tiveram como finalidade solicitar autorização para as entrevistas e para questionar todos os profissionais que trabalhavam com o aluno em causa, dentro do próprio espaço escolar.

Terminado todo este procedimento, passámos à elaboração dos guiões, que serviram como instrumento de recolha.

Dadas as características da pesquisa, já enunciadas, no sentido de dar rigor ao processo metodológico, percebendo o ênfase colocado no mesmo, pareceu-nos de verdadeiro significado as fases de elaboração dos instrumentos de recolha de dados. Foi neste sentido e para a elaboração dos guiões, que procedemos conforme as fases seguintes:

- Elaboramos o 1º guião (com 10 questões), que foi sujeito à validação de 3 “expert’s”. Após a sua aprovação, iniciámos as entrevistas (*Apêndice II*).

Assim, decidimos aplicar o guião a uma amostra de 8 promotores, a saber: aos pais do João (nome fictício), à professora do ensino regular, à professora do ensino especial, à terapeuta da fala, ao psicólogo, ao titular de turma e à diretora da escola do 1º ciclo, tendo como objetivo a obtenção de dados qualitativos para uma análise viável e credível.

- Na segunda fase, organizamos o 2º guião, na base do primeiro. Para maior fiabilidade não deixámos de o submeter à anuência dos “expert’s” (*Apêndice III*).

### ***Pré-Teste***

De forma a verificarmos alguma incongruência, aplicámos um pré-teste a 5 professores que trabalhavam na nossa escola, não se tendo verificado dificuldades na compreensão das questões colocadas.

Este guião foi aplicado a uma amostra de 12 fatores: pais do aluno, e a todos os profissionais que apoiam e ensinam o João, na Escola de Agrupamento.

Conduzimos as entrevistas conforme a elaboração das perguntas do guião, preparadas anteriormente, deixando que os questionados respondessem livremente e exprimissem as suas ideias e opiniões de modo informal, acerca do aluno.

As menções foram escritas e registadas diretamente na base de dados, através do portátil, obtendo assim um conjunto de informações.

Todas as respostas foram objeto da análise de dados, tendo por objetivo interpretá-las, pois segundo Grawitz (1984), a descrição objetiva, sistemática e qualitativa do conteúdo é manifesto das comunicações.

Segundo Gil (1999), após a listagem dos conteúdos obtidos, através das respostas, significa traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem redigidos.

Referimos que as grelhas, os quadros e os guiões foram adaptados de Rodrigues (2008), pelo facto de acharmos que eram os mais adequados ao nosso trabalho.

## 4.9. Instrumento de Recolha de Dados

Optamos pelo guião como instrumento por considerarmos que é o que melhor se adapta ao objetivo e contexto da nossa investigação.

As questões do instrumento foram delineadas tendo em conta o universo da população que se pretendia questionar. De acordo com os objetivos definidos para este estudo, os guiões foram elaborados com dez questões cada. No 2º guião, questionamos mais elementos da amostra, pelo facto do aluno estar a frequentar outro nível de ensino e com mais profissionais.

Através deste método, podemos recolher dados e informações muito importantes para este caso e para outros casos semelhantes:

1. Observação direta ao aluno no 4º ano de escolaridade;
2. Observação direta ao aluno no 5º ano de escolaridade;
3. Consulta de documentos através do acesso ao processo do educando;
4. Entrevista.

### 4.9.1. Observação direta

Através da observação direta podemos anotar comportamentos acontecimentos no momento em que estes se desenvolvem.

“A observação fornece informação acerca do ensino e da aprendizagem que de outra forma não se pode obter. Por exemplo, através da observação detalhada e planeada e de interacção estreita com os sujeitos podem estudar-se os processos cognitivos que utilizam na resolução de situações problemáticas. Podem assim identificar-se variáveis relevantes para o estudo do ensino e da aprendizagem...”. (Fernandes, 1991).

No caso do João, realizámos a observação numa turma de 20 alunos do 4º ano do 1º CEB, onde ele estava inserido, no recreio e na cantina escolar; são as chamadas observações “naturalistas”.

Juntamente com a professora do ensino regular e a professora do ensino especial,

pudemos observar e, mesmo, realizar algumas atividades com o João, permitindo-nos assim um conhecimento mais aprofundado das suas aprendizagens e comportamentos.

Na segunda fase da nossa investigação, tivemos a oportunidade de observar o João, inserido em turmas de 18 alunos, na aula de música e na aula de informática.

Na aula de música, pudemos registar a adesão do João aos instrumentos que o professor lhe dizia para tocar, o gosto e alegria como ele manipulava as teclas do piano, como fazia vibrar as cordas da guitarra, disse-nos que adorava ouvir e tocar música, no piano e na guitarra, emocionou-nos.

No dia seguinte, assistimos a uma aula de informática. O aluno sentou-se na cadeira que estava junto ao computador que lhe estava reservado, o professor mandou os alunos abrir o computador no Word e escrever uma frase da sua autoria. Ficamos surpreendidos com a frase do João “*Gosto muito de estudar e aprender coisas novas*”. A professora do ensino especial que estava junto do aluno, disse-nos: “O João é isto mesmo! Como puderam observar, eu não lhe disse, absolutamente nada. Ele continua a surpreender-nos todos os dias...”.

#### 4.9.2. Entrevista

Segundo Morgan (1988), a entrevista é uma conversa intencional, geralmente entre duas pessoas (embora por vezes possa envolver mais pessoas), sendo dirigida por uma dessas pessoas, tendo como principal objetivo a aquisição de informações sobre a outra.

É o método de recolha oral de maior aplicação neste tipo de estudo, como recurso de obtenção de dados e informações, que podem ser muito importantes e notáveis para uma reflexão.

Decidimos realizar entrevistas semi-estruturadas, isto é, entrevistas caracterizadas pela existência de um guião preparado anteriormente, que serve de eixo orientador ao desenvolvimento das mesmas, não exigindo uma ordem rígida nas questões, permitindo ao entrevistado, falar abertamente, mantendo-se um grau bastante elevado de flexibilidade.

Tivemos o cuidado de encaminhar a entrevista para os objetivos pretendidos. As questões formuladas atendem a requisitos rigorosos com a finalidade de uma maior aproximação das respostas à realidade.

Por conseguinte, na realização das entrevistas tivemos presente, alguns cuidados: *i*) a utilização de uma linguagem simples, atendendo sempre aos contextos socioculturais da população entrevistada; *ii*) o recurso a perguntas claras e abertas que permitam ao entrevistado falar francamente, contudo, tendo o cuidado de encaminhar a entrevista para os objetivos pretendidos; *iii*) a formulação do guião com uma ordenação lógica, começando pelas perguntas mais simples, partindo gradualmente para as mais complexas.

Deste modo, e falando do caso em estudo, consideramos muito importante realizar entrevistas à população que o vem acompanhando, tanto a nível familiar, como a nível de ensino escolar. É um processo que permite uma maior aproximação com a população que, de qualquer forma, conhece este caso, ou outros, com características idênticas.

As entrevistas duraram em média 25/30 minutos. Os pais do João foram entrevistados em sua casa. Alguns profissionais foram entrevistados na própria escola, outros em sua própria casa.

#### **4.10. Recolha e Tratamento de Dados**

Terminadas as entrevistas, procedemos à sua análise. Para o tratamento dos dados recorremos a vários programas informáticos. A informação contida nos itens de respostas foi escrita/registada e tratada, pela investigadora, a partir do programa Microsoft Windows XP, no portátil HP, com recurso a: *i*) Microsoft Office Word, 2007; *ii*) Microsoft Excel, 2007; *iii*) Microsoft Office Power Point, 2007; *iv*) Internet Explorer

Feita a recolha, traduzimos a informação em dados que pudessem ser tratados qualitativamente, procedendo à respetiva organização, interpretação e análise, comparando o desenvolvimento cognitivo do aluno do 1º com o 2º ciclo.

Com o intuito de efetuarmos uma análise de comparação, tivemos em conta os aspetos em que se diferenciam ou assemelham as várias menções dos profissionais do ensino.

#### **4.11. Análise Comparativa dos Resultados Obtidos**

Nesta fase, o que se tem em vista é a análise de ideias e não de palavras, através das quais elas são expressas, pelo que há que aludir e analisar expressões e termos utilizados na “comunicação”, não apenas num plano geral, mas destacando os vocábulos ou as expressões-chave.

Qualquer “comunicação” apresenta termos ou expressões reveladoras de uma orientação ou perspetiva, baseadas em factos (Rodrigues, 2008).

Neste fragmento do estudo, procedemos à análise dos dados obtidos junto dos participantes da amostra.

Nas grelhas supracitadas, apresentamos os textos das entrevistas na íntegra, uma vez que as respostas eram bastante relevantes. Na primeira fase, foram questionados oito intervenientes envolvidos neste estudo. As questões orientadoras que serviram de base tiveram em conta os objetivos pretendidos, atendendo a requisitos rigorosos com a finalidade de uma maior aproximação das respostas à realidade. Todas elas, pertinentes e conclusivas, indo de encontro à pergunta de partida.

Queremos ainda salientar que o 1º guião contém algumas perguntas apenas dirigidas aos pais (questões nºs 2, 3, 4, 9). A questão nº 5 foi apenas dirigida aos profissionais, atendendo à sua envolvência com o João, o que resultou em excertos diferentes na forma.

No 2º guião, decidimos elaborar a questão nº 9 e dirigi-la apenas aos pais do João. As outras 9 perguntas foram dirigidas a todo o universo da amostra.

**Quadro 1** - Respostas à questão 1 do 1º guião “Como foi a receção/acolhimento do João em 2006/2007, data do início do 1º ano do EB do 1º ciclo?”

<b>Mãe</b>	<i>“Não podia ser melhor! Fomos recebidos no gabinete da directora da escola, onde estavam presentes todos os profissionais que iam trabalhar com o João. Foram todos tão simpáticos com o nosso filho que se criou, de imediato, uma relação de amizade, parecia que já nos conhecíamos de longa data! Aquela receção foi tão calorosa e acolhedora que nos transmitiu confiança e apoio incondicional para o futuro do nosso João. A partir daquele dia até hoje, só temos bem a dizer e a agradecer a toda aquela comunidade escolar, desde a diretora, aos professores, técnicos, alunos e colegas do nosso filho e a todos que ali trabalham. O João disse-nos: “eu quero vir sempre para esta escola, gosto muito dela, é linda e as pessoas são todas minhas amigas”. E vai sempre todo contente. Foi muito bem recebido e adaptou-se tão depressa e bem, que até hoje, nunca fez birras para ir para a escola, pelo contrário, vai sempre muito contente e é feliz”.</i>
<b>Pai</b>	<i>“Dias antes, preparámos o nosso filho (...) pensámos que ele não ia aceitar o novo espaço, uma vez que era bastante diferente do universo que antes frequentava (Jardim de Infância). Qual o nosso conforto e alegria ao vermos o João interagir com todos e com tudo! Nada estranhou! Certamente foi a receção carinhosa e simpática que tivemos, da parte dos profissionais, que fez com que o nosso filho gostasse tanto da escola, logo no primeiro dia! A alegria, sensibilidade, disponibilidade, com que fomos recebidos criou um impacto tão positivo entre família e profissionais que ainda hoje o relembramos com muito carinho e amizade”.</i>
<b>Profa<sup>a</sup> do ER (1º ciclo)</b>	<i>“Foi muito bem acolhido, por professores, alunos e toda a comunidade escolar. Os colegas, nem se apercebiam que o Jorge era diferente, só quando começaram a lidar com ele, é que se aperceberam e tiveram a noção que ele não era capaz de desenvolver determinadas atividades, que eles desenvolviam, mas isso não foi obstáculo para nenhum. Eles sempre o ajudaram e continuam a apoiar e brincam muito com ele. O João revelou e patenteia muita simpatia e amizade para todos, é uma criança encantadora, estabelecendo ótima relação com os colegas e professores”.</i>
<b>Prof<sup>o</sup> do EE (1º ciclo)</b>	<i>“Foi acolhido da melhor forma, em todas as perspetivas. O João, como todas as crianças com NEE, merecem uma boa receção e um acolhimento especial. Procuramos fazer os testes diagnósticos, uma ficha de anamnese à família, para conhecer com mais eficiência o aluno, a fim do ensino/aprendizagem ser desenvolvido da melhor forma e adaptado ao ritmo do João. É uma criança que eu não conhecia e para fazer algo preciso com ela, é necessário um conhecimento prévio da situação, do dia-a-dia, através de uma observação direta e através da avaliação diagnóstica. De qualquer forma, é muito importante dar-lhe tudo a que ele tem direito, desde um bom acolhimento a um bom ensino especial, porque também ele é especial”.</i>
<b>Terapeuta de Fala</b>	<i>“Tive a sorte de conhecer o João, logo no primeiro dia, foi muito bom conhecer algumas das suas dificuldades de comunicação e linguagem na receção. Criamos uma empatia que ainda hoje existe entre nós. Ele é encantador e sempre muito bem disposto, é uma criança feliz”.</i>
<b>Psicólogo</b>	<i>“O João foi e continua a ser muito bem acolhido nesta escola. Todos os profissionais o recebemos com carinho e dignidade, pois já estávamos informados de que dito aluno tinha SD, muito embora, ainda não houvesse, qualquer documento a comprová-lo, na escola. Passados alguns dias, o Centro de Saúde enviou-me um relatório acerca desta criança, onde era evidente SD. Imediatamente, contactamos a família para marcarmos o primeiro encontro. O João tinha 6 anos, houve necessidade de conhecer melhor o João e informação mais completa à família. É muito importante o acolhimento e acompanhamento não só ao aluno como também à família, este aluno e pais têm sido um exemplo”.</i>
<b>Titular de Turma</b>	<i>“O acolhimento e receção ao João foi excepcional. Primeiro porque a nossa equipa de profissionais já estava a contar que chegava uma criança com NEE, segundo porque este aluno é encantador, meigo, educado, alegre, etc., tudo isto ajudou a vermos o João de forma especial. Todos nós gostamos imenso do João desde que ele cá entrou. Foi muito bem acolhido, tanto por nós como pelos seus colegas. Continuamos a dar-lhe todo o acolhimento e apoio que merece”.</i>
<b>Diretora da Escola</b>	<i>“Quando vi a matrícula do João reparei que era uma criança com NEE. Preocupei-me, de imediato, reunir os profissionais para que todos contribuíssem para uma boa receção e acolhimento ao João, era necessário que pais e filho sentissem o nosso carinho e disponibilidade e assim foi. Gostamos imenso de conhecer este aluno, e tê-lo durante estes quatro anos no nosso universo escolar, esteve sempre muito bem inserido em todas as atividades. É uma criança encantadora e tem uns pais maravilhosos...”.</i>

Os pais do João fazem referência a uma amizade sólida que desde o início se criou e ainda hoje existe. Revelam como o João foi acolhido com tanto carinho e como ele é feliz.

Como podemos verificar, todos os entrevistados são unânimes em proferir que o João foi bem acolhido, tanto por parte dos profissionais como pelos próprios colegas, e todos salientam a importância do acompanhamento da turma desde o jardim-de-infância, uma vez que é notória a boa relação estabelecida entre eles, sendo referido por todos existir um espírito de colaboração e de afetividade. Além disso, todos concordam que ele se adaptou muito bem.

**Quadro 2** - Respostas à questão 2 do 1º guião “De que forma tem sido acompanhado o João, ao longo do seu desenvolvimento escolar? (técnicos especializados, serviços, ...)”

<b>Mãe</b>	<p><i>“O João foi e é acompanhado pelo psicólogo, uma terapeuta de fala, uma professora do EE que fazem parte da equipa da escola. Tivemos muita sorte, pois esta escola é uma das que está muito bem equipada, tem profissionais especializados, muito bons... Tem um horário escolar normal. Às terças e quintas das 15h às 16h tem terapia de fala. Todos os dias das 11h às 13h tem o apoio da Profª do EE. O psicólogo dá-lhe apoio às sextas das 14h às 15h. A maior parte do horário escolar está com a Profª do ER”.</i></p>
<b>Pai</b>	<p><i>“O nosso filho tem sido sempre muito bem acompanhado e apoiado pelos profissionais desta escola. O João está inserido numa turma de 20 alunos, todos eles ditos “normais”, mas todos o tem apoiado e gostam muito dele. Os professores e técnicos têm acompanhado o João desde o 1º ano, talvez seja esta a razão do nosso filho ter progredido a todos os níveis, foi e está a ser muito bem acompanhado por todos. A Profª do EE tem sido incansável com o João...!”.</i></p>

Como podemos verificar pelas respostas dadas, a mãe refere vários intervenientes importantes no acompanhamento do desenvolvimento do filho, não esquecendo de salientar os bons profissionais que a escola tem.

Por sua vez, o pai realça que todos têm apoiado o João, inclusive os colegas de turma, e que estes gostam muito dele, referindo com extrema relevância o acompanhamento da Profaª do EE. A mãe e o pai são unânimes ao dizer que a escola do João tem profissionais muito bons.

**Quadro 3** - Respostas à questão 3 do 1º guião “Considera importante o João ter sido acompanhado pelos técnicos dos serviços especializados”

<b>Mãe</b>	<p><i>“Sempre considerei e cada vez mais! Nós mães quando nos apercebemos que temos um filho “diferente”, parece-nos que nada sabemos, pois não estamos preparadas para sabermos lidar com determinadas situações! São estes profissionais especializados que nos podem ajudar e ensinar, não só ao filho como aos pais, há muitas coisas que não sabemos! O João e nós pais, tivemos muita sorte em encontrar nesta escola profissionais especializados tão competentes, tem sido muito importante. Estamos certos de que todo o desenvolvimento cognitivo, comportamental e social do João se deve a todos estes profissionais do ensino/aprendizagem”.</i></p>
<b>Pai</b>	<p><i>“Foi o melhor que o nosso filho podia ter. Todo o acompanhamento e apoio prestado por estes profissionais fez com que o João desenvolvesse as suas capacidades e competências, a um ritmo normal, fazendo com que o nosso filho se sinta feliz e apto para poder transitar para o 5º ano. Só o facto do João se sentir feliz, valeu a pena ter sempre acompanhamento e apoio especializado, foi e é muito importante, esperamos que assim continue”.</i></p>

Como podemos constatar pelas respostas dadas, tanto a mãe como o pai referem ser muito importante, para o João, o acompanhamento dos técnicos especializados.

A mãe refere, ainda, o facto de as mães não saberem lidar com a situação, quando se tem um filho “diferente”, que o acompanhamento e o ensinamento destes profissionais especializados passa a ser muito importante, não só para o filho, mas também para os pais.

O pai realça, que todo o acompanhamento e apoio destes profissionais fez com que o João desenvolvesse as suas capacidades e competências e, sobretudo, ensinaram e ajudaram o nosso filho a ser muito feliz.

**Quadro 4** - Respostas à questão 4 do 1º guião “Como tem sido, ao longo do tempo, a relação estabelecida com os profissionais da escola, que acompanham o João?”

<b>Mãe</b>	<i>“Foi e é muito boa! Criamos uma grande empatia desde o primeiro dia que o nosso filho entrou nesta escola, em 2006/2007. Também tivemos a sorte do João ter tido sempre os mesmos professores e técnicos, isto ajudou-nos muito a criar e manter uma boa relação. E depois, também, porque todos os profissionais da escola, foi e é uma equipa muito coesa e muito amiga do nosso filho. Estes profissionais merecem o nosso respeito e carinho, porque não só ensinaram o João como o acarinharam e ajudaram a ser feliz, jamais, esqueceremos estas amizades tão saudáveis!”</i>
<b>Pai</b>	<i>“Muito sinceramente, não podia ser melhor! Ficámos todos enriquecidos com as boas relações que têm havido. Fomos e continuamos a ser uns bons amigos. O nosso filho só beneficiou com esta relação, entre pais/profissionais. Não foi só com os professores e técnicos que criamos boas relações, foi com todo o pessoal que trabalha na escola, mesmo com todos os colegas de turma do João”.</i>

Como podemos analisar, tanto a mãe como o pai são unânimes em referir a boa relação existente entre os técnicos que acompanharam o João, e salientam o interesse e amizade dos intervenientes no acompanhamento do seu desenvolvimento, que perdura até ao momento atual.

Por sua vez, a mãe refere como o seu filho é feliz e que em parte se deve à boa relação que sempre existiu e à amizade que se criou, com todos os profissionais da escola.

**Quadro 5** - Respostas à questão 5 do 1º guião “Considera importante uma boa parceria estabelecida entre pais/profissionais de alunos com NEE? Como considera a relação estabelecida com os pais do João?”

<p><b>Profª do ER (1º ciclo)</b></p>	<p><i>“Claro é muito importante! As boas parcerias só trazem bons resultados que beneficiam todo e qualquer aluno, de forma muito especial os que são ‘diferentes’. Os pais do João são especiais, muito interessados, com tudo o que se passa com o seu filho. Aparecem sempre que são solicitados, sempre disponíveis para ajudar o João. Conseguimos alterar a hora das reuniões para eles poderem estar presentes. Estão sempre ansiosos para saber do progresso das aprendizagens do filho, sabem compreender e aprender como devem proceder com ele. Estão sempre gratos”.</i></p>
<p><b>Profª do EE (1º ciclo)</b></p>	<p><i>Uma parceria bem alicerçada é sempre muito boa! Principalmente com os pais de alunos com dificuldades de aprendizagem, que à partida são os que mais precisam de apoio. Neste caso, os pais do João precisam de ser apoiados e compreendidos, pois eles também estão a contribuir o mais que podem para proporcionar ao filho, melhor desenvolvimento cognitivo, comportamental e social. Uma coisa boa que tem esta família é que em termos culturais e académicos possibilitam ao João maior desenvolvimento das capacidades e mais estímulo nas suas competências. Levam a criança a determinados locais, que são essenciais, para o progresso académico, cultural e em termos de personalidade, e acho isso muito positivo (...). Este aluno, acaba por beneficiar muito dos pais que tem, são excepcionais! Todos os alunos deviam ter uns pais como os do João...</i></p>
<p><b>Terapeuta de fala</b></p>	<p><i>Considero sim, uma boa relação entre comunidade escolar e familiar é sempre de louvar. A minha relação com os pais do João tem sido sempre muito boa. É uma família muito atenta, muito informada, muito colaborante, pedem sempre a opinião, propõem ideias e atividades para se fazerem com o João, para além das que estão por nós propostas. Todos os pais de alunos com dificuldades de aprendizagem deviam ser e participar como os pais do João, se assim fosse, todas as crianças aprendiam mais, seriam mais autónomas e independentes, sem dúvida!</i></p>
<p><b>Psicólogo</b></p>	<p><i>Acho fundamental, uma vez que se nós trabalhamos determinadas competências e se elas não forem generalizadas aos outros contextos, claro que não são adquiridas verdadeiramente, portanto, uma boa parceria e trabalho com a família é essencial. A relação com estes pais tem sido ótima, eles colaboram muito, desde o início, mostraram-se sempre muito interessados em colaborar com todos os profissionais e tem estimulado, apoiado e ajudado o João durante todo o seu percurso escolar, tanto em casa como fora dela, isto é muito, muito importante para uma criança com SD. Estes são uns pais amigos do seu filho e um exemplo para todos nós...</i></p>
<p><b>Titular de Turma</b></p>	<p><i>Sempre fui apologista de uma boa parceria entre pais/profissionais do ensino, pode não parecer, mas é muito importante! E mesmo o apoio aos professores, por parte dos pais no dia-a-dia, é muito valorizado. A relação com estes pais tem sido muito boa e bastante realçada, todos temos a ganhar! Não é só o João que tem beneficiado, é toda uma comunidade escolar e familiar! Desde o primeiro dia que nos conhecemos criamos laços de amizade e tem havido sempre uma boa interação e comunicação de parte a parte. Estes pais estão sempre presentes, colaboram em tudo! Tudo o que é importante para o João, nunca lhe falta, é muito, muito estimulado e acompanhado pelos pais. A mãe leva-o muito ao cinema, a museus, tem uma vida social muito boa. Nas férias os pais viajam com ele para qualquer parte, sem inibições nem constrangimentos. Isto só revela o quanto eles adoram o seu filho... Logo, estes pais fomentam uma grande e boa relação...</i></p>
<p><b>Directora da Escola</b></p>	<p><i>Sim, não tenho qualquer dúvida! A nossa escola está aberta a todos os pais que queiram colaborar connosco em prol dos seus filhos. E quando se trata de crianças com DA ou NEE é muito importante uma boa parceria entre pais/profissionais do ensino. Com os pais do João todos temos uma excelente relação. Eles são excepcionais, pessoas cultas, educadas, humildes, sempre prontas e presentes quando se trata de ajudar e apoiar o filho. Estamos sempre em contacto, todas as semanas, normalmente, ligo à mãe que é a encarregada de educação para ela também ficar mais a par do que se passa aqui durante o dia com ele.</i></p>

Como podemos verificar nas respostas encontradas, todos os entrevistados são unânimes em proferir que uma boa parceria estabelecida com as famílias das crianças com NEE é muito importante. Além disso, todos referem que existe muito boa relação com os pais do João, realçam as suas qualidades, como bons pais, colaboradores e intervenientes no desenvolvimento escolar do seu filho.

**Quadro 6** - Respostas à questão 6 do 1º guião “Que tipo de recursos humanos/materiais existem na escola e que têm beneficiado o João?”

<b>Mãe</b>	<p>“Na escola do João existem os recursos humanos que o João precisa e os quais têm ajudado e ensinado o nosso filho. É graças a todos estes profissionais que o João fez um percurso escolar brilhante, sem eles o João não tinha desenvolvido as suas capacidades. Todos foram impecáveis com ele e o ensinaram a ser autónomo e independente. Estou certa e segura que todos deram o seu melhor ao João.</p> <p>O nosso filho usufruiu de todo o material didático de que a escola dispunha. Nunca nenhum lhe foi recusado. Mesmo quando algum material didático não era o ideal para o João os próprios profissionais o adaptavam de forma para ele poder utilizar. Nós também comprávamos algum, sempre que era necessário, para ele desenvolver algumas tarefas em casa. Isto ajudou-o muito. Trabalha em computador na escola e em casa, elabora sozinho os trabalhos de casa”.</p>
<b>Pai</b>	<p>“Quanto a recursos humanos, nunca faltaram ao João. Além dos que tem permanentes dentro da escola, ainda tem o apoio do Prof. de Expressão Musical, o de Educação Física e o de EVT. É certo que estes apoios são fora da escola, uma vez por semana, às quartas, uma hora cada disciplina, o que lhe fazem muito bem, ajudam o João a desenvolver fisicamente e mentalmente.</p> <p>Material didático sempre teve, não havia grande diferença dos outros meninos, apenas algum tinha que ser adaptado, devido às suas limitações. Nunca faltou material didático adequado para o nosso filho”.</p>
<b>Profª ER (1º ciclo)</b>	<p>“Na minha sala de aula não havia grande material didático, antes do João chegar, mas de imediato sentimos a necessidade de o adquirir, para que o João pudesse aprender e desenvolver melhor as suas atividades, mesmo os jogos didáticos que havia foram reestruturados às NEE deste aluno. Com o tempo, fomos adquirindo mais material, inclusive um computador com programa específico para o João, devido às suas dificuldades e limitações. Neste momento, estamos, todos, muito felizes, porque este aluno especial também usufruiu de todo o material escolar disponível, na sala de aula e fora dela. Quanto a recursos humanos, o João teve-os todos. Desde a professora de EE, terapeuta de fala, psicólogo, etc., e teve sempre o apoio de todo o pessoal que trabalha nesta escola. Fora dela tem Expressão Musical, Educação Física e EVT, todas as semanas às quartas de manhã. O João foi e é chamado o “nosso menino” com muito carinho! Eu tenho uma turma de 20 alunos, mas nunca deixei de ensinar e apoiar o João, até porque ele é um aluno que qualquer professor gosta de ter”.</p>
<b>Profª EE (1º ciclo)</b>	<p>“O João teve a sorte de esta escola ter todos os profissionais que ele precisava e precisa para o seu ensino/aprendizagem. Eu também tive a sorte de o ter durante estes quatro anos, aprendi muito com ele...! O João beneficiou de todo o material didático que existe nesta escola, inclusive foi comprado um computador com programas especiais para ele poder desenvolver melhor as suas capacidades e competências. Como os pais também lhe compraram um computador com programas especiais para casa, foi uma mais-valia para o João. Eu, depois de lhe apresentar o modelo das atividades, passo-lhe para a pen e dou-lhe para trabalhar em casa. Tem tido grandes progressos a todos os níveis, adaptou-se muito bem às novas tecnologias e praticamente faz tudo em computador como qualquer outra criança: escreve, faz contas, desenha, pinta, etc. Está muito motivado”.</p>
<b>Terapeuta de Fala</b>	<p>“O João tem tido acesso a todos os recursos de que esta escola dispõe. É um aluno muito aplicado e colabora muito bem sempre que é solicitado. Faz uso de todo o material didático, principalmente do computador. Temos um programa instalado, específico para corrigir e aperfeiçoar a comunicação e linguagem. Este aluno é excecional, muito inteligente, educado e meigo”.</p>
<b>Psicólogo</b>	<p>“Conheço bem o João, ele tem tido todo o acesso aos recursos humanos e materiais. A sua adaptação a tudo e a todos é bem conhecida de todos os profissionais e dos seus pais. Esta escola tem dado tudo ao aluno e ele tem progredido, de uma forma brilhante. Tem correspondido a todos os desafios. Tenho dado acompanhamento ao João, durante estes quatro anos. Poucas crianças com SD conseguem tanto progresso escolar, mas este aluno surpreendeu-nos a todos, tem o QI acima da média, tem uma força de vontade extraordinária, tem tido professores excelentes e tem uns pais exemplares”.</p>
<b>Titular de Turma</b>	<p>“Todos os recursos humanos e materiais estão ao dispor do aluno. Temos jogos didáticos, o método das 28 palavras, instrumentos musicais, os recursos próprios de cada disciplina, computadores, mas um com programas especiais, para o João poder desenvolver as suas atividades, os meios audiovisuais são muito importantes para ele, temos professores de apoio, em Educação Física, em EVT, em Música e que ajudam muito o João. Eu acompanho-o, no resto do tempo, enquanto a turma vai para as outras disciplinas, eu fico com ele e faço um acompanhamento mais individualizado, ele tem um currículo específico individual, tem um horário adaptado, uma assistente operacional, que normalmente é sempre a mesma, que o acompanha nos intervalos, para zelar pela sua segurança”.</p>
<b>Directora da Escola</b>	<p>“Além de todos os recursos humanos e materiais didáticos aos quais o João tem acesso permanente dentro do seu espaço escolar, tem o Prof. de Expressão Musical, o de EVT e o de Educação Física, em salas que fazem parte do Agrupamento de Escolas. Às quartas o João desloca-se, na carrinha da escola, acompanhado da assistente operacional, toda a manhã para frequentar estas disciplinas e que ele gosta muito. Estas atividades fazem-lhe muito bem fisicamente”.</p>

Como podemos verificar pelas respostas dadas, todos os intervenientes referem que os recursos materiais e humanos estão sempre ao dispor do João. Falam do material didático e jogos educativos, fazem referência aos computadores, evidenciando o computador com programas específicos para o João.

Relativamente aos recursos humanos, todos os entrevistados mencionam que o João tem ao seu dispor todos os professores e técnicos que precisa e a que tem direito, mesmo os que se encontram fora do espaço da escola (Expressão Musical, EVT e Educação Física), no Agrupamento de Escolas, à quarta-feira de manhã.

Pelas respostas recolhidas, podemos concluir que o João teve sempre acesso e usufruiu de todos os recursos humanos e, não só os que existiam dentro da sua escola como aqueles que o esperavam a um quilómetro de distância do seu espaço escolar.

**Quadro 7** - Respostas à questão 7 do 1º guião "Notou melhorias no desenvolvimento cognitivo, comportamental e social do João, durante este ano escolar, a que níveis?"

<p><b>Mãe</b></p>	<p><i>“O nosso filho tem-nos surpreendido muito com o seu desenvolvimento escolar. Ele trabalhou bem durante todo o seu percurso de ensino, mas este ano, tem sido excepcional, todos os dias sabe mais e melhor. A nível cognitivo tem revelado muitas capacidades académicas, é um bom aluno. A nível comportamental conseguiu corrigir algumas atitudes de ansiedade e isolamento. A nível social interage muito bem e comunica educadamente com toda a gente. Tornou-se autónomo, é praticamente independente, muito embora, nós, estejamos sempre atentos, respeitando o seu espaço. Mobiliza-se corretamente, aperfeiçoou muito a comunicação e linguagem, graças à terapia de fala, durante os quatro anos. Todo este progresso se deve não só ao esforço contínuo do João, como também, e muito, a todos os profissionais que teve durante os quatro anos, obrigada a todos que ajudaram e ensinaram o meu filho”.</i></p>
<p><b>Pai</b></p>	<p><i>“Melhorou muito, todo o ensino/aprendizagem foi muito preciso, todas as ajudas e apoios de todos os profissionais contribuíram para o progresso do nosso filho, a todos, obrigado! Nos três anos anteriores o João desenvolveu bem, mas este ano tem revelado uma capacidade académica superior ao que estávamos à espera! A nível da autonomia, revelou-se cem por cento, hoje é autónomo em tudo. Tornou-se independente em quase tudo, embora a nossa preocupação persista, principalmente a observação na rua, talvez porque foi e é um filho muito protegido, mas respeitamos o seu espaço! Faz praticamente, tudo sozinho: toma banho, veste-se, calça-se, come, sabe brincar, sabe o que quer ver na televisão, domina o computador melhor que eu, elabora os trabalhos no computador sem ajuda, faz tudo o que uma criança normal faz, estou muito, mas muito orgulhoso e feliz do filho que Deus me deu. Comunica e tem uma linguagem quase perfeita. Interage educadamente com todas as pessoas. Anda sem dificuldades para todas as partes”.</i></p>
<p><b>Profª ER (1º ciclo)</b></p>	<p><i>“Melhorou muito, durante estes quatro anos. Cada vez está mais autónomo e independente, tem outros comportamentos, é muito sociável, meigo, antes, quando contrariado era uma criança muito teimosa, hoje, o João aprendeu a controlar-se. Em termos de mobilidade, tinha um andar descontrolado, agora movimenta-se muito bem e corre normalmente. Na comunicação e linguagem já não tem problemas, comunica com os colegas, com os adultos e toda a gente o entende muito bem. Em termos académicos, desenvolveu muito, mais que as nossas expetativas, nesta escola, é o primeiro aluno com SD com sucesso! Com o método global, conseguiu concluir o PEI, cumpriu o calendário e atingiu os objetivos pretendidos pelos pais e profissionais. A nível da matemática, faz contas de somar, subtrair, multiplicar e dividir, com material concreto e com desenhos, faz raciocínios lógicos. Em Estudo do Meio, tem muitos conhecimentos, os pais saem muito com ele, desde ir ao circo, cinema, visitar museus, monumentos, passeios a espaços verdes, às grandes superfícies, etc., chegou a participar em desfiles de moda aqui na nossa cidade e outra no Porto. Ele é extrovertido e gosta de participar e aparecer ao público, é muito expressivo! Só no 1ºano é que ele não foi ao passeio da escola, porque a mãe tinha receio que ele se portasse mal, ou que fugisse, mas a partir daí foi sempre, e porta-se lindamente, muito interessado, então quando vamos a sítios em que podemos fazer atividades diferentes e experiências novas, adora”.</i></p>

<p><b>Profª EE (1º ciclo)</b></p>	<p>“Conheci o João no 2º semestre do ano escolar 2006/2007. Era uma criança muito estimulada, já tinha muitos despistes. Ele já tinha muitas capacidades desenvolvidas, relacionadas com a higiene, com a alimentação (já comia de faca e garfo), com o vestuário foi aperfeiçoando a forma de se vestir de uma etapa para outra e quando essa etapa estava ultrapassada, passávamos à seguinte, hoje, veste-se e despe-se e descalça-se sem ajuda. Em termos de comportamento, era bastante irrequieto, mexido, brincalhão, muito meigo, sociável, alternando com momentos de teimosia; amuava quando não queria realizar qualquer atividade e quando contrariado fazia birras. Ao longo destes quatro anos foi evoluindo e controlando os seus impulsos. Os pais contribuíram e muito para que as aprendizagens do seu filho fossem as desejadas. Embora muito protegido, também foi e é muito querido e amado, isto influenciou as capacidades e competências do João. Na comunicação, tinha dificuldades na expressão oral, que é uma das características próprias das crianças com SD. Nunca tinha tido terapia de fala e expressava-se através de gestos e de sons que produzia, as palavras não saíam...depois foi desenvolvendo muito a linguagem, apesar das palavras não serem ditas corretamente, ele conseguia sempre fazer-se compreender. Claro, não tinha um discurso fluente, palavras monossílabas e ia-se expressando e comunicando como conseguia e nós conseguíamos compreendê-lo, hoje tem uma linguagem e comunicação praticamente perfeita. A nível motor, ele tinha alguns problemas, na corrida e ao subir escadas, através da Educação Física, conseguiu ultrapassar este problema. Adquiriu autonomia e independência. Presentemente, o João ultrapassou todas as dificuldades e com capacidade e competência para poder transitar para o 5º ano”.</p>
<p><b>Terapeuta de Fala</b></p>	<p>“Conheço bem o João, durante os quatro anos do seu ensino/aprendizagem, estou completamente rendida ao seu progresso. Foi e é, cada vez mais, um aluno interessado e colaborador. No início, a sua comunicação e linguagem era muito reduzida, pouca dicção. Todo o esforço e aplicação do João têm sido bem-sucedidos. Agora comunica com toda a gente com uma linguagem clara e correta. A terapia de fala tem-lhe proporcionado progressos contínuos, seguros e evidentes. Ele sempre gostou de comunicar, mas hoje, fá-lo de forma mais confiante e alegre porque sabe que toda a gente o compreende muito bem, fala pelos “cotovelos”. Escreve frases corretas e lê-as sem dificuldade. É uma criança autónoma, independente, meiga, educada, social e muito inteligente. Eu vou ter a sorte de continuar a apoiar o João no 5º ano, o que é para mim uma honra. Graças aos excelentes pais que este menino tem, temos uma criança feliz e com muito sucesso escolar”.</p>
<p><b>Psicólogo</b></p>	<p>“Há melhorias muito significativas. Como foi acompanhado desde os 6 anos notou-se um desenvolvimento cognitivo, comportamental e social muito bom, embora ao ritmo dele. Os pais foram os principais promotores do progresso do seu filho. Psicologicamente não se deixaram afetar pela SD de que o João é vítima, mas encaram o problema de uma forma como poucos pais o fazem...Este foi meio caminho andado para o progresso do João. Têm acompanhado e apoiado o filho de forma muito positiva, interessados em tudo o que ele faz, mentalmente são pessoas muito saudáveis e corajosas, colaboram em tudo, nunca faltam às consultas do João. Pais e filho são um exemplo a seguir. O João está apto para avançar com os seus estudos, isto deixamos felizes a todos. Em relação aos estímulos, ele já estava bem estimulado e continuou muito bem. No comportamento era e é muito meigo, muito sociável, no início amuava muito e quando isso acontecia, não se conseguia trabalhar nada com ele, mas hoje, tudo está ultrapassado. Ele tem muita força e muita energia, é uma criança cheia de talento. Na comunicação ele comunica muito bem, não é necessário recorrer a gestos. Progrediu a todos os níveis, com muito incentivo, academicamente e socialmente”.</p>
<p><b>Titular de Turma</b></p>	<p>“Sim, notam-se muitos avanços no João, ao longo do percurso escolar. Este ano, revelou as suas capacidades e competências de aprendizagem de forma segura e convincente. Em termos de autonomia e independência, eu vejo-o na cantina, come de faca e garfo, senta-se à mesa de forma educada e elegante. Na comunicação e linguagem compreende-se completamente. Aliás, toda a gente desta escola gosta muito do João e todos falam com ele e o entendem muito bem. Interage com todos, educadamente, é sociável, meigo. É um aluno encantador! Vai deixar-nos com saudades, agora que transita para o 5º ano e vai para outra escola”.</p>
<p><b>Directora da Escola</b></p>	<p>“Conheço o João desde setembro o início do seu percurso escolar. Tenho informações dele através de todos os profissionais, tenho falado com a Profª de EE, a respeito das suas aprendizagens, as informações são fabulosas, embora vá ao seu ritmo, tem progredido de dia para dia, a todos os níveis. Isto quer dizer que o João está preparado academicamente para poder transitar para o 5º ano. Foi muito bom tê-lo na nossa escola, é um aluno com SD que nos deixa muitas saudades. Todos aprendemos com o João e os seus pais são um exemplo para todos e todos ficam enriquecidos e sensíveis a todas as crianças que se apresentem com SD ou outras deficiências. Foi muito bom trabalhar com o João”.</p>

A esta questão, todos os entrevistados nos revelaram que existiu uma melhoria muito significativa a todos os níveis: cognitivo, comportamental, social. Aprendeu a ser autónomo,

independente, a motivação e os estímulos aumentaram, a comunicação e a linguagem foram corrigidas.

Os pais salientam os grandes progressos do filho, salientam o bom profissionalismo de todos os profissionais que trabalharam com o João e demonstram o seu agradecimento.

Em termos académicos, o João evoluiu ao longo do tempo e atualmente está reconhecido e avaliado como um aluno inteligente e capaz de tudo como qualquer outro aluno, com capacidades e competência para continuar os estudos.

**Quadro 8** - Respostas à questão 8 do 1º guião “Como vê a transição do João para o 5º ano e o encaminhamento, para outra escola de ensino? (articulação de serviços, recursos humanos e materiais diferentes...)”

<b>Mãe</b>	<p>“Estou muito orgulhosa do meu filho. Ele conseguiu acompanhar os seus colegas, até agora, também vai ser capaz de continuar com eles. Creio que está suficientemente preparado para enfrentar um novo desafio, nós vamos ajudá-lo!</p> <p>Claro que gostava que ele continuasse nesta escola, mas como ela não tem competências para tal, a nós só nos resta cumprir o que a Lei estipulou, e ao meu filho continuar com a mesma vontade de estudar. Estou confiante que vai encontrar bons profissionais que vão gostar muito dele e o vão ensinar com muito carinho e competência”.</p>
<b>Pai</b>	<p>“Não posso deixar de sentir alegria pelo facto do nosso filho continuar a estudar, faz-me o pai mais feliz do mundo! Estou certo de que o João vai conseguir ultrapassar esta mudança, pois ele sempre foi uma criança forte e compreensiva. Por outro lado, vai ter sempre os seus colegas e companheiros por perto, isto é muito importante para ele e para nós”.</p>
<b>Profª ER (1º ciclo)</b>	<p>“Por um lado fico contente saber que o João é um aluno excepcional e certamente vai conseguir acompanhar os outros alunos, dentro das suas capacidades e ao seu ritmo. Também não posso deixar de pensar se esta mudança não fará regredir o João. Novos profissionais, várias disciplinas, com articulação de serviços diferentes pode provocar no aluno uma reação negativa, mas como ele é um menino inteligente, perspicaz, alegre e meigo, vai adaptar-se bem. Eu vou ter saudades dele”.</p>
<b>Profª EE (1º ciclo)</b>	<p>“Eu acho que há boa vontade de quem recebe e de quem transita os alunos. Acredito que o João se vai adaptar muito bem a esta transição e mudança de escola. Penso que uma reunião multidisciplinar, com todos os intervenientes no processo deve existir A escola pode ter um Prof. EE de apoio, além dos outros técnicos especializados. O João é inteligente e está preparado para outros desafios, ele vai em frente, porque tem uns pais maravilhosos”.</p>
<b>Terapeuta de Fala</b>	<p>“Acredito que o João não vá estranhar a transição e mudança, porque é um aluno que interage bem com toda a gente. Por outro lado, eu também estou descansada e feliz por ter a sorte de poder continuar a dar apoio ao João”.</p>
<b>Psicólogo</b>	<p>“Psicologicamente o João já está preparado para esta transmutação. Fala comigo com se já estivesse a enfrentar novas adaptações! Os pais têm vindo a prepará-lo de forma surpreendente. Eu estou a preparar um relatório, com toda a sua história para enviar para o meu colega que o vai continuar a acompanhar.</p> <p>Esta criança deu-me grandes lições de vida. Espero, um dia, ver o João a entrar numa faculdade. Ele merece...”.</p>
<b>Titular de Turma</b>	<p>“Vejo a transição do João com muita esperança, pois tenho a certeza que este aluno vai conseguir adaptar-se ao novo espaço escolar, ao ambiente, aos novos professores e colegas.</p> <p>Acredito que a escola tenha resposta para o João a todos os níveis.</p> <p>Conosco fica o vazio do João que nos deixa saudades”.</p>
<b>Directora da Escola</b>	<p>“Em relação à transição e mudança do João para outra escola, acho que vai ser muito bom para ele, uma vez que a nossa escola passa a não ter resposta para este aluno.</p> <p>Estamos certos que o João vai adorar a escola para onde vai e a ser bom aluno. Ele é inteligente, meigo, educado, e com capacidade para avançar”.</p>

As respostas a esta questão são unânimes, os pais do João e todos os profissionais estão muito satisfeitos pelo facto de ele ter transitado para o 5º ano. Achrom que a mudança lhe vai fazer bem, que o João se vai adaptar muito bem ao ambiente, aos novos colegas e professores, uma vez que está preparado psicologicamente.

A Profª do ER (1º ciclo), é a única que, se por um lado, está confiante na continuação do progresso do João, por outro, receia que pode regredir, pelo facto de tudo ser diferente. Novos profissionais, várias disciplinas, com articulação de serviços diferentes pode provocar no aluno uma reação negativa.

A Diretora da escola menciona que fica satisfeita da mudança do João para outra escola, pelo facto da sua escola já não ter resposta para ele.

**Quadro 9** - Respostas à questão 9 do 1º guião “Ao longo destes quatro anos, que análise faz da parceria que tiveram com os professores/técnicos especializados que acompanharam o vosso filho?”

<b>Mãe</b>	<p><i>“Foi ótima! Não podia ser melhor, nem mais benéfico para o nosso filho. A todos os pais que têm filhos, não só aos que têm filhos ‘diferentes’, eu gostaria de dar o meu testemunho: Os nossos filhos merecem isto e muito mais, procurem sempre ter uma boa relação com os professores e todos os profissionais da escola que os nossos filhos frequentam, temos todos a ganhar... Automaticamente que existe uma boa relação entre pais/profissionais do ensino, os nossos filhos sentem-se mais seguros e confiantes, pois sabem que os pais estão por perto e que estão a par de tudo que a eles diz respeito, dentro e fora do espaço escolar. Quero que todos os profissionais desta escola saibam que a nossa amizade e “parceria” ficam para sempre entre nós, o João agradece, obrigada a todos”.</i></p>
<b>Pai</b>	<p><i>“Jamais poderei esquecer estes quatro anos da vida escolar do meu filho. Desde a Profª do ER, passando por todo o pessoal, até à Directora, só tenho bem a dizer, todos foram excepcionais com o nosso filho e conosco. Esta parceria ficará para sempre dentro das nossas portas. Sem ela o João não teria desenvolvido também as suas capacidades, nem teria tanto progresso no ensino/aprendizagem. A todos o meu bem-hajam”.</i></p>

Como podemos verificar, para estes pais a parceria foi muito positiva. Manifestam o seu agradecimento a todos os profissionais, acrescentando que sem esta boa relação, o João nunca teria tido tanto sucesso escolar.

**Quadro 10** - Respostas à questão 10 do 1º guião “Acha que o João tem capacidade e competência para prosseguir os estudos e entrar no mercado do trabalho?”

<b>Mãe</b>	<p>“Acredito que ele consiga entrar no ensino secundário e depois numa faculdade. Se ele gosta de estudar, nós vamos apoiá-lo até onde ele puder e quiser, é o nosso dever. Caso o João queira tirar um curso de formação, estou sempre do seu lado, mesmo se não quiser continuar, também me conformo com o que já aprendeu.</p> <p>Se ele quiser e lhe abram as portas para no mercado do trabalho, será também muito bom. Mas o mais importante para nós é ver o nosso folho crescer e que seja feliz”.</p>
<b>Pai</b>	<p>“Se o João continuar a revelar capacidade de estudo continuará a estudar, claro que vamos apoiá-lo, até onde ele puder e quiser ir. Se preferir enveredar por um curso de formação em Novas Tecnologias, uma vez que ele gosta tanto de trabalhar com computador, fico feliz. Quero fazer tudo para o ajudar.</p> <p>O futuro “a Deus pertence” e se ele tiver capacidade e apetência como o tem revelado, ele vai até onde quiser!</p> <p>Quanto ao trabalho, se um dia se as portas do mundo do trabalho se abrirem para o João, certamente ele irá”.</p>
<b>Profª ER (1º ciclo)</b>	<p>“O João tem-nos surpreendido constantemente, pela positiva.</p> <p>Se na escola ele tiver apoio especial permanente, acho que ele conseguirá ir longe! Pode aprender uma arte, tudo o que tenha a ver com coisas práticas, tirar um curso de informática, por exemplo, é uma boa possibilidade, uma vez que ele gosta tanto de trabalhar com o computador. Se ele conseguir tirar este curso é muito provável que consiga entrar no mercado do trabalho”.</p>
<b>Profª EE (1º ciclo)</b>	<p>“O João tem muitas capacidades, talvez um dia possa entrar no secundário e daí para a faculdade, isto se tiver acompanhamento especializado. Tem uns pais que o podem levar longe. E tenho a certeza que sim!</p> <p>Se houver interesse da parte de entidades oficiais, para fazer a integração dele no mercado do trabalho. O João é um aluno, de todos os que têm passado por aqui com SD, que mais progrediu, a todos os níveis. Acho que ele vai ingressar no mundo do trabalho, e é capaz de exercer uma profissão, é claro, com adaptações. Porque ele é completamente desinibido, adora estar em cima dos palcos à frente do público, fazer o que os outros fazem. Eu acredito que ele venha a conduzir um carro, porque com a família que tem e com tantos estímulos, um curso profissional que esteja ligado aos interesses e às limitações dele, é provável que sim, que consiga. Eu penso que um bom trabalho para ele no futuro seria algo ligado aos computadores, agora quem sabe, com o alargar de horizontes, nestas disciplinas que ele vai tendo, pode ser que desenvolva outro tipo de aptidões ou de interesses. O teatro, também poderá ser uma atividade muito interessante para ele, porque ele é muito criativo, não é qualquer criança que consegue fazer esta reversibilidade, em termos dele próprio. Quem sabe, tudo de bom é o que se deseja!”</p>
<b>Terapeuta de Fala</b>	<p>“O futuro dirá. Se ele for bem acompanhado e se tiver sempre vontade de estudar e um bom desenvolvimento a todos os níveis, pode sem dúvida continuar os seus estudos.</p> <p>Pode tirar um curso de informática, da forma como ele adora tecnologias, vai ter um trabalho, uma vida exterior que não vai ficar em casa. Estas crianças são uma surpresa! O João foi uma grande surpresa, tem-se revelado excepcional. “O futuro a Deus pertence” e espero para ele o melhor!”</p>
<b>Psicólogo</b>	<p>“Como da parte dos pais existe muita motivação e estímulo isto é o principal para o João poder ir longe e, acho, que dentro das limitações e das capacidades dele, poderá ter um futuro bom e que poderá exercer uma profissão”.</p>
<b>Titular de Turma</b>	<p>“Tanto quanto conheço o João, penso que vai ter futuro. Tem uns pais maravilhosos que o vão apoiar sempre. Ele tem capacidades para tirar um bom curso.</p> <p>Penso que o mercado do trabalho, um dia lhe vai abrir as portas, espero que isto aconteça, ele merece”.</p>
<b>Directora da Escola</b>	<p>“Eu penso que, com o apoio necessário e as adaptações curriculares, ele tem a possibilidade de poder ir longe. Uma familiar espetacular, que lhe dá muito apoio, que é muito estável, o João vai conseguir muita coisa pela sua vida fora. Desejo-lhe tudo de bom...”.</p>

Pelas respostas dadas à questão, podemos verificar que todos são unânimes em proferir que o João poderá ter um trabalho adequado às suas capacidades. Todos referiram que o João poderá trabalhar em computadores.

A Prof<sup>a</sup> do EE faz referência à possibilidade de ele realizar qualquer atividade relacionada com o teatro e chegou a pôr a hipótese de ele poder conduzir.

Há ainda a salientar que todos os intervenientes concordam que esta família tudo fará para lhe possibilitar um bom futuro, o que vai de encontro às palavras proferidas pela mãe e pelo pai, quando dizem que se ele quiser e puder andar, eles apoiam e estão sempre a seu lado.

Na sequência da primeira recolha e análise de dados, procedemos à segunda recolha e respetiva análise.

O 2º guião que elaborámos para as entrevistas e recolha de dados contém a questão 9, dirigida apenas aos pais do aluno, todas as outras questões foram dirigidas aos pais e profissionais que constam na grelha 2 – Escola de Agrupamento 2º CEB.

**Quadro 11** - Respostas à questão 1 do 2º guião “A entrada do João na Escola de Agrupamento foi acolhedora?”

<b>Mãe</b>	<i>“Sim. Foi muito calorosa, tanto da parte dos profissionais como de todos os colegas. Os Professores que iam trabalhar com o meu filho e o Diretor receberam-nos no seu gabinete com toda a simpatia, dando as boas-vindas ao João. Cada professor fez-lhe uma pergunta e ele respondeu a todas, à sua maneira, claro! De seguida disseram-lhe para ir brincar com os colegas, ele correu para junto deles e todos o abraçaram e começaram logo a brincar. Eu fiquei radiante!”</i>
<b>Pai</b>	<i>“Receberam-nos com tanto carinho, que não tenho palavras para agradecer! Aliás, temos sido sempre muito bem recebidos, pelo Diretor, Professores e por toda a gente que trabalha na escola. Todos nos têm transmitido carinho, segurança e bem-estar para o nosso filho. Uma vez mais, fiquei muito emocionado com a receção que todos fizeram ao meu filho! Muito obrigada a todos...”</i>
<b>Prof<sup>a</sup> Língua Portuguesa (2º ciclo)</b>	<i>“Acho que sim. No que me diz respeito, eu recebi o João de forma muito especial. Tinha preparado a turma dizendo-lhe que íamos ter um menino com SD, muito especial e inteligente, apelando-lhes que fossem muito carinhosos para com ele e que o apoiassem sempre que ele precisasse, o feedback foi bem aceite. Apresentei-o à turma, receberam-no com uma salva de palmas e um “bem-vindo à nossa escola”, “todos somos teus amigos, conta connosco.” Foi um momento de emoções!”</i>
<b>Prof<sup>a</sup> EE (2º ciclo)</b>	<i>“Claro que sim! A chegada destes alunos ‘especiais’ é sempre preparada de forma muito especial! É nosso dever profissional minimizar a dor que estes pais carregam. Não é fácil para eles, deixarem o filho entregue a terceiros, mesmo sabendo que a escola é um espaço ‘privilegiado’ que zela pela sua segurança e seu bem-estar. O João foi recebido de braços abertos, por todos nós!”</i>
<b>Terapeuta de Fala</b>	<i>“A chegada do João a esta escola foi mesmo calorosa! Tanto da parte de todos os profissionais que aqui trabalhamos como de todos os alunos, especialmente os colegas e amigos da turma que transitaram com ele, vindos da mesma escola. Foi uma receção fantástica!”</i>
<b>Prof. Expressão Visual (2º ciclo)</b>	<i>“O João foi recebido como um ‘príncipe’, o calor humano dentro da escola transbordou com a chegada do aluno! Todos estávamos preparados para o receber. Nesta escola temos sensibilidade e carinho, para acolher estas crianças especiais. Elas são sempre bem-vindas! Penso que o João gostou da nossa receção! Nós gostamos muito dele...”</i>
<b>Prof. Musicoterapia (2º ciclo)</b>	<i>“Quando o João chegou à escola, foi como ter chegado um ‘Anjo’ de braços abertos a correr para abraçar todo o mundo! A sua expressão dizia tudo! Transbordava de felicidade, ao ver-se num espaço diferente, com caras novas a olharem para ele, o que não é muito normal numa criança que entra pela primeira vez num espaço novo! Perante uma chegada assim, só podia ter uma receção de carinho e muita alegria. O João faz parte de nós, é excepcional...”</i>

<b>Prof. Educação Físico-Motora (2º ciclo)</b>	<i>“A entrada do João nesta escola foi muito bem-vinda por todos. Fizemos-lhe uma boa recepção, dando-lhe toda a atenção que merece. Acho que os pais reconheceram e agradeceram a nossa simpatia e acolhimento”.</i>
<b>Técnico de Informática</b>	<i>“Não podia ser mais acolhedora! Todos colaborámos para que assim fosse. Trata-se de uma criança especial, que merece e precisa do nosso sorriso, do nosso apoio. O João tem uns pais maravilhosos que, também, precisam da nossa colaboração e da nossa atenção. Esta recepção de bem-estar fez-nos muito bem a todos...”.</i>
<b>Psicóloga do Agrupamento</b>	<i>“Assisti a uma recepção que jamais irei esquecer! Na realidade o João é uma criança muito especial, tem uns pais encantadores! Eles mereceram e continuam a merecer a nossa atenção e disponibilidade. Creio que os pais estão muito felizes por esta escola abrir as portas ao seu filho, é o que deixam transparecer. Toda a comunidade escolar está feliz com o João, é um querido...”.</i>
<b>Diretora de Turma</b>	<i>“Sem dúvida, a chegada do João foi encantadora. Ele vinha acompanhado dos pais, todo confiante e sorridente, parecia que já conhecia tudo e todos, via-se feliz! Começou logo a brincar com os colegas e amigos, como se estivesse em casa, Ficamos bastante satisfeitos ver e receber este aluno, ele é mesmo especial...”.</i>
<b>Diretor da Escola de Agrupamento</b>	<i>“A chegada do João, trouxe-nos uma lição de vida! Nós já estávamos preparados para a chegada do João. Falei com os profissionais que iam ter o aluno na turma, para o recebermos, junto com seus pais, no meu gabinete. Esta família entrou muito feliz, cheia de confiança, parecia que já nos conhecíamos de longa data! Cumprimentou-nos, respondeu às perguntas que lhe fizemos, muito à vontade e feliz, a seguir correu para o espaço exterior para ir brincar com os seus amigos e colegas. Criança encantadora!”.</i>

Os pais manifestaram o seu agradecimento a todos os profissionais pelos momentos agradáveis que lhes proporcionaram.

Com esta questão, demonstramos que tanto os pais como os professores foram unânimes nas respostas a respeito da recepção do João na Escola. Todos gostaram da forma como o aluno se comportou e como interagiu com os seus colegas, mesmo com os que ainda não conhecia. Os profissionais acharam o João um jovem especial e excecional e os pais encantadores! Fazemos referência a citações de alguns professores: *“O João foi recebido como um ‘príncipe’”*; *“O João foi recebido de braços abertos, por todos nós!”*; *“Quando o João chegou à escola, foi como ter chegado um ‘Anjo’ de braços abertos a correr para abraçar todo o mundo!”*; *“A chegada do João trouxe-nos uma lição de vida!”*.

**Quadro 12** - Respostas à questão 2 do 2º guião “Como viu a transição do João para o 5º ano e o encaminhamento, para a nova escola?”

<b>Mãe</b>	<p>“Eu já estava informada de que o meu filho estava preparado para transitar para o 5º ano. Fiquei muito feliz! Vi a sua transição como uma bênção de Deus! Sinal de que o João progrediu bastante no 4º ano. Chorei de alegria, saber que tenho um filho portento e muito, muito, especial... Quanto à sua mudança para esta escola, foi bom, faz-lhe bem conhecer outros espaços e outras pessoas. Ele aceita bem as mudanças! Veio acompanhado dos seus colegas e amigos de 4º ano, a quem está ligado desde a pré-escola, tudo isto ajudou o meu filho a desenvolver melhor as suas capacidades de interação, amizade e compreensão. Tem sido um grande apoio para o João”</p>
<b>Pai</b>	<p>“A sua transição deixou-me muito feliz. Cada vez me surpreende mais! Temos um filho encantador e com muitas capacidades. Obrigado a todos que têm ajudado o João. Esta mudança representa, para o nosso filho, um passo em frente... Para ele chegar aqui é porque tem capacidades para continuar a adquirir novos conhecimentos. É tão bom ver o João feliz e a progredir...”</p>
<b>Profª Língua Portuguesa (2º ciclo)</b>	<p>“Vi a transição do João como uma grande instigação a mim mesma. É a primeira vez que tenho um aluno com SD na turma. Estou a aprender muitas coisas com ele. Eu não tenho formação para ensinar crianças/adolescentes com NEE, mas estou convicta de que estou a dar o meu melhor para ajudar e ensinar o João, ele merece toda a minha atenção. Sim, ele é inteligente e educado, foi muito estimulado nas aprendizagens do 1º ciclo, o que tem sido uma mais-valia para o aluno. O encaminhamento para esta escola trouxe-lhe muitas vantagens”.</p>
<b>Profª EE (2º ciclo)</b>	<p>“A transição do aluno é sinal de que está preparado para dar um passo em frente, esta é a realidade do João. Ele tem capacidade e competências suficientes para seguir as aprendizagens no 2º ciclo. É um jovem especial, com limitações, mas perspicaz e inteligente, gosta de aprender e isso é muito bom. O seu encaminhamento para esta escola, deve-se ao facto de termos uma boa equipa de técnicos especializados na área das NEE”.</p>
<b>Terapeuta de Fala</b>	<p>“A transição do João foi bem merecida. A escola e os seus profissionais têm todas as condições para os alunos com NEE. O seu encaminhamento para aqui deve-se a estas condições”.</p>
<b>Prof. Expressão Visual (2º ciclo)</b>	<p>“Vi esta transição muito bem. O João como qualquer outro jovem que se preze em aprender, merece oportunidade de poder continuar. É um aluno especial que precisa de acompanhamento especial e esta escola tem. O seu encaminhamento para aqui deve-se aos recursos humanos que existem nesta escola”.</p>
<b>Prof. Musicoterapia (2º ciclo)</b>	<p>Tanto quanto conheço o João, vejo esta transição muito aceitável. É um aluno aplicado, gosta do que faz. Ele vinha bem preparado do 1º ciclo. O seu encaminhamento para esta escola foi bem ponderado...”</p>
<b>Prof. Educação Físico-Motora (2º ciclo)</b>	<p>“Desde o início vi muito bem a transição do aluno. Ele é especial diferente de qualquer outro. O seu encaminhamento para esta escola foi plausível...”</p>
<b>Técnico de Informática</b>	<p>“Vi a transição do João como vi a transição do meu filho, quando passou do 1º para o 2º ciclo, penso que isto diz tudo! O seu encaminhamento para esta escola só lhe trouxe vantagens para o seu desenvolvimento cognitivo e comportamental”.</p>
<b>Psicóloga do Agrupamento</b>	<p>“Depois de conhecer e ouvir o aluno e os pais, fiquei feliz pela sua transição. Ele estava suficiente preparado para poder avançar para o 2º ciclo. O encaminhamento do João para esta escola foi por todos bem aceite”.</p>
<b>Diretora de Turma</b>	<p>“Fiquei feliz com a transição do João. É sinal de que o aluno possuía requisitos suficientes para o efeito. O seu encaminhamento foi perfeito, os pais fizeram muito bem em preferir esta escola. Aqui existe uma equipa de técnicos especializados para o aluno”.</p>
<b>Diretor da Escola de Agrupamento</b>	<p>“A partir do momento que conheci o processo escolar de desenvolvimento do João aceitei de imediato a sua transição para esta escola. É um jovem muito especial, que merece que as portas se lhe abram sem restrição. O seu encaminhamento para esta escola fez-se normalmente. Estamos contentes ter o João connosco”.</p>

As respostas a esta questão foram todas muito claras. Os pais do João já estavam preparados para esta transição e ficaram felizes ao saber que todos os profissionais da escola aceitaram muito bem a transição do seu filho. Os professores responderam unanimemente que

ficaram felizes com a transição do educando para aquela escola. O seu encaminhamento foi bem aceite por todos. Expressões referidas: “A transição do aluno é sinal de que está preparado para dar um passo em frente, esta é a realidade do João” (Prof<sup>a</sup> do EE); “Vi a transição do João como vi a transição do meu filho, quando passou do 1º para o 2º ciclo” (Técnico de Informática).

**Quadro 13** - Respostas à questão 3 do 2º guião “Qual a reação do aluno às novas mudanças e o impacto com os professores e técnicos especializados?”

<b>Mãe</b>	<i>“O meu filho reage sempre muito bem às mudanças, para ele é sempre uma alegria conhecer novos espaços e outras caras. O João gostou e gosta de todos os profissionais, especialmente daqueles que passam mais tempo com ele”.</i>
<b>Pai</b>	<i>“O nosso filho nunca sofreu com as mudanças de escola. Adora conhecer coisas novas, lugares, pessoas, etc. Estou sempre a par do que se passa com o João. Sei que gosta muito de todos os professores. Desde o primeiro dia, a sua reação tem sido boa, isto deixa-nos muito felizes”.</i>
<b>Prof<sup>a</sup> Língua Portuguesa (2º ciclo)</b>	<i>“O João reagiu muito bem, parecia que já nos conhecia desde há muito tempo! Gostou da mudança e de todos nós. Isto para o João não foi um impacto de desilusões, mas sim um encontro feliz. Tem reagido sempre muito bem com os professores”.</i>
<b>Prof<sup>a</sup> EE (2º ciclo)</b>	<i>“A mudança não lhe trouxe qualquer problema. Muito pelo contrário, reagiu bem, gostou da escola e viu os professores como seus amigos e em quem ele confia. O aluno é muito educado e sempre bem-disposto, é mesmo especial...”.</i>
<b>Terapeuta da Fala</b>	<i>“O aluno não teve complexos com a mudança, aceitou bem e continua feliz. Sempre viu os professores como seus amigos, isto foi muito bom para o João”.</i>
<b>Prof. Expressão Visual (2º ciclo)</b>	<i>“Existem poucos alunos como o João! Quase todos sofrem com a mudança de escola, ou porque não gostam do espaço, ou porque tem medo dos professores e dos novos colegas, mas o João não! Ele é um aluno encantador...”.</i>
<b>Prof. Musicoterapia (2º ciclo)</b>	<i>“Muitas vezes com a mudança a pessoa altera o seu comportamento, a sua rotina (...) Mas com o João nada disso aconteceu, muito pelo contrário, logo no primeiro dia de aulas, se adaptou a tudo e a todos”.</i>
<b>Prof. Educação Físico-Motora (2º ciclo)</b>	<i>“Eu ainda estou estupefacto com as atitudes do João! Não estranhou a mudança de escola, absolutamente nada, encontrou nos professores e colegas, os seus grandes amigos”.</i>
<b>Técnico de Informática</b>	<i>“Hoje, que já conheço o aluno, não estranho que tivesse reagido também à mudança! O João transbordou de alegria ao conhecer os professores e o novo espaço escolar”.</i>
<b>Psicóloga do Agrupamento</b>	<i>“Só conhecendo bem o João é que se compreende o porque de ele ter reagido também à mudança! É um jovem fora do comum dos outros jovens que tem o mesmo grau da SD. Ele adora conviver, interagir, falar, com todas as pessoas”.</i>
<b>Diretora de Turma</b>	<i>“Não conheço muito bem o aluno, mas tanto quanto me dizem os meus colegas, é um jovem fora do comum (...) Sei que gostou da mudança e gosta de todos os professores”.</i>
<b>Diretor da Escola de Agrupamento</b>	<i>“Todas as informações que recebo acerca do João, são ótimas! Não estranhou a mudança de escola, nem o facto de ter muitos professores. Reage bem a tudo e a todos, isto é muito bom para ele e para todos nós”.</i>

Como podemos constatar através das respostas, o João não só reagiu muito bem à mudança como ficou muito feliz. O impacto com os professores foi positivo, o aluno sentiu-se como em casa, transmitindo alegria, confiança e segurança.

**Quadro 14** - Respostas à questão 4 do 2º guião “Como tem sido apoiado o educando, ao longo do seu novo percurso escolar? (Apoios técnicos: terapia de fala, musicoterapia, E. físico-motora, E. visual T., informática...)”

<b>Mãe</b>	<i>“O nosso filho tem sido muito bem apoiado nesta escola, assim como foi nas anteriores. Desde as aulas de Língua Portuguesa a todas as terapias e apoios, desde a professora do EE, terapeuta de fala e outros que antes não tinha, prof. de Musicoterapia, o de E. físico motora, o de Expressão Visual e Tecnológica e o de Informática (...). O João está a adorar e nós estamos felizes. Gosta tanto do que está a aprender, que não é necessário chamar por ele de manhã (...). Está sempre pronto para ir para a escola”.</i>
<b>Pai</b>	<i>“Sim, o nosso filho tem todos os apoios e terapias de que precisa para o seu desenvolvimento escolar, ele está a aderir muito bem a todas as atividades escolares. Chega a casa sempre bem disposto a dizer que quer fazer os Trabalhos para casa”.</i>
<b>Profª Língua Portuguesa (2º ciclo)</b>	<i>“Penso que tem todos os apoios necessários. Ele assiste às aulas de português mas sempre acompanhado da professora do EE e depois tem todas as terapias de que precisa. Ele colabora muito bem e está sempre atento, o que é de admirar num aluno com SD”.</i>
<b>Profª EE (2º ciclo)</b>	<i>“O João é um menino-prodígio, tem todo o apoio necessário para o seu desenvolvimento. Sei pelos colegas que está a aderir muito bem a todas as terapias. Eu apoio-o na aula de português, na de informática, sempre que se trata de preenchimento de fichas, escrever pequenos textos ou frases, ajudo-o a observar e refletir, a corrigir, nos jogos didáticos e outras tarefas não é necessário, ele executa só”.</i>
<b>Terapeuta da Fala</b>	<i>“Os apoios técnicos não lhe têm faltado. O aluno adere a todas as terapias muito bem, é um jovem incansável e muito bem-disposto”.</i>
<b>Prof. EVT (2º ciclo)</b>	<i>“Esta escola tem todos os apoios técnicos que o João precisa. Ele colabora muito bem, está sempre atento a tudo. Dá gosto ensinar o aluno, porque ele tem todo o empenho em aprender, sempre com a mesma alegria e disposição”.</i>
<b>Prof. Musicoterapia (2º ciclo)</b>	<i>“Tem todos os apoios e todas as terapias, indispensáveis a este tipo de alunos, as quais constam no currículo e plano escolar. O João nesta disciplina é um dos melhores, adora música!”.</i>
<b>Prof. Educação Físico-Motora (2º ciclo)</b>	<i>“As escolas devem dar todos os apoios necessários a estes alunos especiais. Esta tem todos os recursos humanos para poder prestar um bom ensino/aprendizagem a todos os alunos com NEE e é isto que estamos a fazer com o João, dar-lhe todo o nosso apoio”.</i>
<b>Técnico de Informática</b>	<i>“Todos os profissionais da escola prestam todo e o melhor apoio ao educando. O nosso dever é dar o nosso melhor para que estes alunos desenvolvam e tenham progresso”.</i>
<b>Psicóloga do Agrupamento</b>	<i>“Não foi por acaso que o João foi encaminhado para esta escola. Aqui temos todos os recursos necessários para prestar os melhores apoios ao João. Como é um aluno especial precisa de apoios especiais e são estes apoios que o aluno tem. É muito bom para ele e para a sua família”.</i>
<b>Diretora de Turma</b>	<i>“O aluno está inserido na turma de Língua Portuguesa, tendo o apoio permanente da Profª do EE. Depois desta aula tem todas as outras terapias e a informação que tenho é que o João está a colaborar muito bem e gosta de todas elas”.</i>
<b>Diretor da Escola de Agrupamento</b>	<i>“Sei que o João tem todos os apoios precisos para o seu desenvolvimento escolar. É nossa obrigação e dever profissional, prestar os melhores serviços, a todos os alunos, e de forma especial aqueles que são especiais como o João - é isso que estamos a fazer. A nossa escola possui uma equipa de profissionais especializados para todos os alunos com NEE. Estamos felizes por podermos prestar todos os apoios especializados aos nossos educandos”.</i>

Todas as respostas são uníssonas e confirmam que o João tem todos os apoios humanos, técnicos especializados, computador com programas específicos e material adequado às suas necessidades, que favorece o seu desenvolvimento escolar. Como refere o Diretor da escola: “Estamos felizes por podermos prestar todos os apoios especializados aos nossos educandos”.

**Quadro 15** - Respostas à questão 5 do 2º guião “Quais os recursos humanos e materiais existentes na escola que tenham ajudado o aluno a desenvolver as aprendizagens escolares?”

<b>Mãe</b>	<p>“O nosso filho tem tido todos os recursos humanos e materiais didáticos suficientes para poder desenvolver bem as suas aprendizagens. Professores de: Português, EE, Terapia da Fala, Musicoterapia, Educação Físico-Motora, EVT e Informática.</p> <p>Como recursos materiais, tem computador com programas específicos para poder desenvolver as atividades propostas pelos professores, material didático, jogos para desenvolver as capacidades sensoriais, motoras, raciocínio, reflexão, etc...</p> <p>Nós colaboramos com os professores. Fazemos viagens com o nosso filho, passeios, praia, compras, levámo-lo ao teatro, que ele adora e gosta de representar, a festas, etc. Tudo isto ajuda o João”.</p>
<b>Pai</b>	<p>“Na escola existem todos os recursos, tanto humanos como materiais que o nosso filho precisa e dos quais ele tem beneficiado muito. É graças a toda a componente de todos os profissionais e todo o material didático que o João tem progredido.</p> <p>Damos-lhe todo o apoio. Compramos-lhe um computador para trabalhar em casa, com programas específicos, iguais aos da escola. Tudo o que é necessário para ajudar o João a progredir, nós compramos”.</p>
<b>Profª Língua Portuguesa (2º ciclo)</b>	<p>“Existem todos os recursos humanos e materiais, para o João poder desenvolver as suas capacidades no ensino/aprendizagem. Esta é uma das escolas da cidade que está bem equipada a este nível. Tem vários técnicos especializados na área das NEE, computador e material didático adequado às necessidades do João e de outros alunos com NEE”.</p>
<b>Profª EE (2º ciclo)</b>	<p>“Somos uma equipa de técnicos especializados nas NEE, porque esta escola tem vários alunos com NEE e com SD, onde se destaca o João. Temos material didático à altura, para poder responder a todas estas necessidades. Ele está a beneficiar de todos os recursos que existem, porque adere muito bem a tudo e a todos, mesmo quando as atividades são mais difíceis e a dificuldade maior (...). Utiliza um computador com software e programas específicos para desenvolver melhor e com mais eficácia as suas atividades”.</p>
<b>Terapeuta da Fala</b>	<p>“O aluno tem todos os recursos humanos e materiais para conseguir desenvolver as suas atividades escolares, desde o computador com programas específicos, a todo o material didático adequado aos alunos especiais, conforme as suas capacidades. Cada dia que passa o João revela mais interesse pela aprendizagem, seja ela qual for...”.</p>
<b>Prof. EVT (2º ciclo)</b>	<p>“A escola está muito bem equipada, tanto de profissionais como de material didático, computador com programas especiais. O João é um aluno que quer e gosta de aprender e aprende, pois todos estamos a colaborar para a evolução do educando”.</p>
<b>Professor Musicoterapia (2º ciclo)</b>	<p>“Atualmente, ainda, são poucas as escolas equipadas de recursos humanos, computador com programas adequados e materiais didáticos, para alunos com NEE, mas esta, tem tudo isto, não foi por acaso que o João foi encaminhado para aqui (...). Este aluno surpreende-nos cada dia que passa (...) Adora música (...) Sempre muito atento e colaborante, esta terapia ajuda-o em todos os aspetos. Gosta de todos os instrumentos musicais, mas o seu preferido é piano. Os pais estão decididos a comprar um para ter em casa”.</p>
<b>Prof. Educação Físico-Motora (2º ciclo)</b>	<p>“Esta é uma das escolas onde existem recursos humanos, material didático, computador adequado às aprendizagens dos alunos com NEE. O João é um sortudo, tem computador na escola e também em casa, os pais são fantásticos e dão tudo ao filho (...). Este aluno usufrui de todo o material, porque gosta e se aplica, tendo, como factor contíguo, toda a equipa de técnicos especializados”.</p>
<b>Técnico de Informática</b>	<p>“A escola tem tudo o que o João e outros alunos com NEE precisam para poder desenvolver as suas aprendizagens. Há uma equipa de técnicos especialistas para apoiar e ensinar estes alunos. Assim como têm ao seu alcance, material didático adequado às suas necessidades, computador com software específico e programas especiais. O João é tido e visto como um dos protagonistas especiais...”.</p>
<b>Psicóloga do Agrupamento</b>	<p>“O João tem tudo que precisa ao seu alcance: profissionais especializados, material didático adequado e disponível a todos os alunos com NEE. O aluno tem todos os meios ao seu alcance, computador com software específico para desenvolver as suas atividades. Como ele é aplicado e trabalhador, com algum apoio, consegue o que quer...”.</p>
<b>Diretora de Turma</b>	<p>“Sinto-me feliz por lecionar nesta escola. Está muito bem equipada, a nível de recursos humanos e materiais, tanto para alunos do ensino normal como do especial. O João usa o computador com software especial e programas específicos que o tem ajudado bastante”.</p>
<b>Diretor da Escola de Agrupamento</b>	<p>“A preocupação da nossa direção é possuir condições humanas e materiais, para prestar bons serviços aos nossos educandos, de forma muito especial a todos os que têm NEE. Pois se não tivéssemos estes recursos não poderíamos aceitar a transferência do João nem de outros alunos com síndromes ou NEE. Preparamos um computador com software específico para o João desenvolver melhor e mais rápido as suas atividades. Este aluno está a progredir e muito feliz. Todos os docentes que trabalham com o aluno, acham que é inteligente e encantador...”.</p>

Após esta recolha de informação, não existem dúvidas acerca dos recursos humanos e materiais que existem nesta escola. Que o João beneficia de todos os recursos existentes. De evidenciar como os pais se preocupam em que nada falte ao filho e como o levam a todo o lado.

**Quadro 16** - Respostas à questão 6 do 2º guião “O João tem tido progresso cognitivo, social e comportamental, no 5º ano, a que níveis? (linguagem, comunicação, comportamento, interação estímulo sensorial, mobilidade, autonomia, independência ...)”

<b>Mãe</b>	<i>“Claro que sim! Vejo o meu filho a ultrapassar barreiras, a desenvolver atividades, a comunicar e interagir com os outros, a ter cada vez mais autonomia e independência, com comportamentos corretos e adequados às suas necessidades e próprios da idade, tem uma mobilidade normal (...). Tudo isto graças aos grandes profissionais do ensino que ele tem tido. Ele é muito estimulado e apoiado por todos (...). Como já disse, fazemos tudo para que nada falte ao nosso filho, preparámo-lo para a vida, vai às compras connosco e ensinámo-lo a escolher o que é melhor para a nossa alimentação, nas roupas que devemos vestir e a reparar no que tem de pagar e reparar no troco. Ensinámo-lo a andar em transportes públicos, fazemos visitas ao campo, para lhe falar da natureza e os cuidados que devemos ter na sua conservação. Está na idade de saber o porquê das coisas, isto ajuda-o a ser cada vez mais autónomo e independente”.</i>
<b>Pai</b>	<i>“O nosso filho está em constante progresso, tem tido um desenvolvimento cognitivo, comportamental e social, que ultrapassou as nossas perspetivas. Está cada vez mais independente e autónomo (...). Tudo se deve, não só ao esforço do João, mas muito aos bons professores que ele tem (...). Não tenho palavras para lhes agradecer (...). O João não nos deixa ficar mal quando saímos com ele. Interage muito bem com as pessoas, comunica com elas, toda a gente gosta dele, porta-se muito bem...”.</i>
<b>Profª Língua Portuguesa (2º ciclo)</b>	<i>“Em português tem tido um desenvolvimento cognitivo bastante bom na linguagem, comunicação, leitura, observação, compreensão, até mesmo na escrita. É um aluno responsável e aplicado. Tudo se deve à sua persistência, aplicação, educação, acompanhamento e apoio vindo dos pais. O João tem um comportamento e autonomia irrepreensível”.</i>
<b>Prof. EE (2º ciclo)</b>	<i>“Tenho acompanhado o aluno em todas as atividades que me compete e que ele precisa. Em todas tenho registado que o João tem vindo a desenvolver cognitivamente em todos os aspetos: linguagem, comunicação, compreensão, escrita, etc. Tem comportamento e mobilidade normal, é autónomo e independente. O aluno tem uns pais maravilhosos que gostam muito dele, o apoiam e acompanham para todo o lado e ensinam-lhe muitas coisas que lhe fazem falta para o seu dia a dia”.</i>
<b>Terapeuta da Fala</b>	<i>“Tenho observado e constatado que o João tem progredido bastante em todas as áreas, de forma evidente na linguagem e comunicação, fala mais claro, foneticamente está aperfeiçoar-se dia a dia. É um aluno motivado, interessado em aprender, gosta de saber, porta-se muito bem, é autónomo e independente, é fantástico e muito querido por todos...”.</i>
<b>Prof. EVT (2º ciclo)</b>	<i>“O aluno tem um desenvolvimento cognitivo e imaginativo, mesmo bom! Executa todas as tarefas que lhe proponho, ao seu ritmo e de forma imaginativa, faz as coisas perfeitas (...) se não terminar a tarefa nessa aula, na próxima quer terminá-la, ele adora observar o que faz e o que fazem os outros alunos, há que dizê-lo, é mesmo um jovem muito especial!”.</i>
<b>Prof. Musicoterapia</b>	<i>“Sem dúvida alguma, o João tem progredido bastante! Adere às atividades musicais com alegria com gosto. Está muito bem integrado na turma, gosta de todos os instrumentos, mas o que mais gosta de manipular é o teclado e a guitarra. É muito importante a musicoterapia no desenvolvimento cognitivo, comportamental e mesmo social destes alunos, relaxa-os e deixa-os mais perceptíveis a tudo. Apesar da limitação que a SD provoca nestes jovens, este aluno é uma exceção. Porta-se muito bem, é muito sensível à música, interage bem com os colegas e com os instrumentos musicais, é autónomo e independente”.</i>
<b>Prof. Educação Físico-Motora (2º ciclo)</b>	<i>“Estes exercícios físicos ajudam o aluno a uma melhor marcha e equilíbrio corporal. Aperfeiçoa os seus comportamentos, além do relaxamento que provoca no seu estado físico. É de evidenciar todo o desenvolvimento cognitivo comportamental e social do João, Está bastante autónomo e independente, o que é mesmo muito bom”.</i>

<b>Técnico de Informática</b>	<i>“O aluno tem aderido muito bem às tecnologias, tem desenvolvido bastante, graças a todo o material informático adequado para este tipo de alunos. Executa várias tarefas em computador, desde a escrita, aos números, jogos didáticos, etc. Dá gosto ensinar o João, porta-se bem, é autónomo, independente, interage muito bem com os colegas e comigo e manipula o teclado e o rato melhor que os outros alunos. É um aluno impecável!”.</i>
<b>Psicóloga do Agrupamento</b>	<i>“Semana após semana, o aluno revela desenvolvimento cognitivo, comportamental, social, cada vez está mais independente e autónomo, dá gosto falar com este aluno e vê-lo crescer, é mesmo excepcional! Há que evidenciar as suas capacidades, a sua boa disposição, o seu gosto pelo saber”.</i>
<b>Diretora de Turma</b>	<i>“Nunca pensei que um aluno com SD desenvolvesse e evoluísse como constatamos no João. Este aluno é diferente dos outros. Tem uma família exemplar e estável que dá ao filho todo o amor, carinho, afeto, apoio e segurança. Acompanham-no a todo o lado para o preparar para o futuro. Tudo isto é muito importante para uma criança/adolescente poder desenvolver no ensino/aprendizagem”.</i>
<b>Diretor da Escola de Agrupamento</b>	<i>“Toda a informação que consta no processo escolar do aluno, revela que o João tem progredido no seu percurso escolar, em todas as áreas. Nós estamos muito felizes pelo facto de termos um aluno prodígio e muito mais quando se fala de um aluno com SD. Deduzimos que a estabilidade, o apoio, familiar contribui bastante para o desenvolvimento do seu filho tanto a nível escolar como social. Estamos todos felizes com o desenvolvimento escolar do João. Todos nós vemos o João como um exemplo a seguir por todos os alunos”.</i>

Depois de formulada esta pergunta a todos os intervenientes, ficamos sensibilizados com todas as menções registadas. Todas elas evidenciam com clareza, o desenvolvimento escolar progressivo do aluno, tanto cognitivo como comportamental e social. Os professores realçam os excelentes pais que o João tem. Os pais, por sua vez, relatam que o seu filho tem muito bons profissionais de ensino.

**Quadro 17** - Respostas à questão 7 do 2º guião “Como tem sido a relação entre os pais/profissionais do educando, ao longo deste novo percurso escolar?”

<b>Mãe</b>	<i>“A nossa relação tem sido muito boa. Existe intercomunicação, sempre que é necessário, os professores e técnicos, colocam-nos a par de tudo que o nosso filho faz, nós fazemos a mesma coisa. Não pode ser melhor. Estamos sempre informados e nós informamos e conversamos a respeito do nosso filho”.</i>
<b>Pai</b>	<i>“A minha relação com os pais do João é muito boa. Eles são uns pais com quem dá gosto conversar. Muito atentos a tudo que o filho faz ou deixa de fazer. Isso é muito bom para o aluno. Ele sente e sabe que os pais gostam de falar com os seus professores e vê que os professores atendem os pais com muita simpatia, só estas atitudes deixam o João feliz. Porque ele gosta de ver os pais felizes!”.</i>
<b>Profª Língua Portuguesa (2º ciclo)</b>	<i>“A nossa relação com os pais do João é excelente! São pais muito atentos e gostam de saber tudo acerca do filho, para o poderem ajudar e apoiar cada vez melhor. Isso satisfaz-me muito, pois o aluno só tem a ganhar, com uma boa relação entre pais e professores e é o que está a acontecer”.</i>
<b>Professora EE (2º ciclo)</b>	<i>“A minha relação com os pais do aluno tem sido muito boa. São uns pais excelentes que gostam muito do filho, acompanham-no em tudo, sempre que se apercebem de algo novo que surge no João, transmitem de imediato aos professores, isso é ótimo! O João só tem a ganhar com uma boa relação família/professores”.</i>
<b>Prof. EVT (2º ciclo)</b>	<i>“Sim. Tenho uma boa relação com os pais do João. Muitas vezes transmitem-me que o seu filho está sempre pronto para vir para a escola (...). Isto é muito bom sinal. O aluno sente que todos gostamos dele e que estamos aqui para o ensinar e apoiar”.</i>
<b>Professor de Musicoterapia</b>	<i>“Existe uma boa relação entre mim e os pais do João, o que é muito positivo para o aluno. Estes pais sempre se interessaram saber como o seu filho se porta e como desenvolve as suas atividades. Recebem e dão informação acerca do aluno. Sempre dispostos a colaborar.. São uns bons pais”.</i>

<b>Prof. Educação Físico-Motora (2º ciclo)</b>	<i>“Sem dúvida alguma, tenho uma boa relação com os pais do João. Estão sempre interessados no desenvolvimento do seu filho, gostam de saber como ele reage e se porta, logo, estão a par de tudo que se passa com o aluno, dentro das salas de aula. São uns pais educados e colaboradores”.</i>
<b>Técnico de Informática</b>	<i>“Nós temos uma boa relação. Eu já conhecia a família e o João, de ouvir falar neles, agora posso acrescentar, são uns excelentes pais! Educados, colaboradores e muito amigos do seu filho. Com este tipo de família só pode existir uma boa relação”.</i>
<b>Psicóloga do Agrupamento</b>	<i>“Quando a família dos alunos é íntegra, educada e se interessa pelo bem-estar dos seus filhos, quando eles entram na escola, os pais preocupam-se de criar uma boa relação com os professores. São eles que nos informam das características, comportamentos e interação dos seus filhos por razões de acompanhamento e apoio que possam vir a precisar. Por estas e outras razões deve existir uma boa relação entre pais/professores. Quando se trata de alunos com NEE, não podemos descurar uma boa relação, é o que existe com os pais do João”.</i>
<b>Diretora de Turma</b>	<i>“Sempre que os pais solicitam a nossa ajuda e informação dos seus filhos, começa aí uma boa relação. É o que está a acontecer com os pais do João, eles pedem a nossa colaboração e oferecem a deles, as boas relações é dar e receber. Os pais do aluno são espetaculares...”.</i>
<b>Diretor da Escola de Agrupamento</b>	<i>“Sempre optámos por uma boa relação entre pais dos alunos e profissionais da escola. Há pais que nunca nos procuram, nem estão interessados em saber como os seus filhos aprendem, ou não! Os que apoiam os filhos interessam-se por estar informados e procuram-nos. Criamos uma relação e estamos sempre abertos ao diálogo, informar e ser informados. É precisamente o que está a acontecer com os pais do João, uma boa relação. Eles merecem a nossa atenção, são um exemplo de bons pais”.</i>

Constatamos, através desta questão, que a boa parceria entre pais/profissionais do aluno em causa, se mantém e cada vez se demonstra mais benéfica para o seu desenvolvimento escolar.

**Quadro 18** - Respostas à questão 8 do 2º guião “Considera importante para o aluno, uma boa parceria estabelecida entre pais/profissionais do ensino, quando se trata de alunos com NEE? Porquê?”

<b>Mãe</b>	<i>“É de extrema importância existir uma boa parceria entre nós e os profissionais que ensinam e apoiam o nosso filho. Porque só os pais conhecem bem os filhos, assim como só os professores sabem como os alunos aprendem e desenvolvem as suas capacidades escolares. Juntando e cruzando a informação todos nós estamos a colaborar para o progresso do aluno, neste caso, do nosso filho, ficamos todos a ganhar”.</i>
<b>Pai</b>	<i>“Acho que entre pais e professores deve haver parcerias, informação, apoio, para que os nossos filhos se sintam mais seguros. Nós, pais, que temos um filho com NEE, também temos necessidade de apoios, estes apoios, são os próprios professores que conhecem os nossos filhos, que nos dão (...). Isto é muito gratificante, é o que eu sinto...”.</i>
<b>Profª Língua Portuguesa (2º ciclo)</b>	<i>“Sou de acordo e gosto que exista uma boa parceria entre pais e professores. Porque quando isto acontece os alunos sentem mais confiança em nós e eles próprios se sentem mais seguros e com maior vontade de estudar. Temos o caso do João, gosta de vir para a escola, pois sabe que os pais também são bem-vindos...”.</i>
<b>Profª EE (2º ciclo)</b>	<i>“É muito bom, sempre que há parceria entre pais e professores dos alunos. É o caso dos pais do João, talvez se deva a uma boa parceria o bom progresso do João. Os pais e ele vivem felizes por saberem que tem sempre o ombro amigo dos professores. Porque é graças a esta parceria que nós conhecemos muito melhor o aluno e assim podemos contribuir muito mais para o ajudar a desenvolver com mais segurança de si mesmo”.</i>
<b>Terapeuta da Fala</b>	<i>“Eu sempre gostei de fazer parte de uma boa parceria com os pais dos meus alunos. Porque sendo assim o aluno beneficia e desenvolve com mais segurança e participa muito mais em tudo. O João e seus são exemplo disso”.</i>
<b>Prof. EVT (2º ciclo)</b>	<i>“Claro que uma boa parceria traz tudo de bom para o aluno. Quando sabem que os pais se aproximam e falam com os professores, eles sentem mais confiança e segurança em si próprios. Porque uma boa parceria ajuda o aluno a gostar mais da escola e dos profissionais”.</i>

<b>Prof. Educação Físico-Motora (2º ciclo)</b>	<i>“As boas parcerias entre pais de alunos e professores sempre foram e serão plausíveis. Porque são um suporte de confiança e segurança para o aluno. Temos como exemplo o João e seus pais...”</i>
<b>Técnico de Informática</b>	<i>“As boas parcerias entre pais/professores dos alunos, só trazem vantagens, muito mais, quando se trata de alunos com NEE, como o caso do João. Sempre colaborei neste sentido”.</i>
<b>Psicóloga do Agrupamento</b>	<i>“As boas parcerias são benéficas e vantajosas para as duas partes. Os alunos precisam de se sentir apoiados e acompanhados pelos pais e professores. Porque sempre que existem parcerias, há melhor feedback e isto ajuda o aluno a sentir-se feliz e ter mais vontade de estudar e ir para a escola. O nosso João é um exemplo bem patente na nossa escola”.</i>
<b>Diretora de Turma</b>	<i>“São muito importantes! Sempre apelei às boas parcerias. Sou a favor que existam. Porque só trazem bem-estar aos alunos, aos professores e pais mais conhecimento acerca do seu educando”.</i>
<b>Diretor da Escola de Agrupamento</b>	<i>“Ao falarmos da importância de uma boa parceria, estamos a falar de comunicação, informação de pais para professores e vice-versa, acerca do educando. Sou a favor e colaboro para que haja boa parceria, porque só traz vantagens ao aluno. É de evidenciar o João e seus pais que colaboram muito bem”.</i>

As respostas foram unânimes, indo ao encontro do esperado. Todos sabemos que as boas parcerias só trazem vantagens, sendo salutares a todos que a elas estão adjacentes.

**Quadro 19** - Respostas à questão 9 do 2º guião “Ao longo do ano, que análise faz da relação estabelecida, com os Profissionais que acompanharam o vosso filho?”

<b>Mãe</b>	<i>“A análise é muito positiva. A boa relação que tem existido com os professores do meu filho, só traz vantagens para todos e de forma especial ao João, ele sente-se feliz e mais seguro, saber e ver que os pais vão à escola falar com os seus professores. O mais importante para nós é o nosso filho, vê-lo bem e feliz é também a nossa felicidade (...). Quero deixar aqui um muito obrigada a todos que têm ensinado, ajudado e apoiado o nosso filho”.</i>
<b>Pai</b>	<i>“Tudo tem sido positivo na nossa relação com os profissionais que acompanham e ensinam o nosso filho. A nossa troca de informação tem sido muito válida para o João. Nós informamos dos comportamentos, atitudes e características, próprias do João, os professores transmitem-nos o que ele consegue aprender, logo, todos ficamos a conhecê-lo melhor e quem beneficia desta troca de informação é o nosso filho, isso deixa-nos muito felizes! Obrigado professores, pela vossa atenção e compreensão”.</i>

As respostas dadas pelos pais deixaram-nos verdadeiramente emocionados! A forma como se dirigem e dialogam com os professores, como ajudam o seu filho no dia a dia, como se preocupam com o seu bem-estar e como o preparam para o futuro. Eles vêem a sua boa relação com os profissionais, uma mais-valia para o desenvolvimento escolar do educando e agradecem com muita humildade tudo o que têm feito em prol do seu filho.

**Quadro 20** - Respostas à questão 10 do 2º guião “Acha que o João tem capacidade e proficiência, para prosseguir os estudos, ou para entrar no mercado do trabalho, depois de concluir o 2º ciclo?”

<b>Mãe</b>	<i>“Eu gostaria muito que ele continuasse os estudos. Os professores, certamente, poderão responder melhor a esta pergunta (...). Já estou feliz, pelo facto do meu filho chegar ao 2º ciclo, mais feliz ficarei se ele tiver essa capacidade e competência para prosseguir. Quanto ao entrar ou não no mundo do trabalho, vamos ver se vai ter essa oportunidade. Se não tiver tem-nos a nós para o apoiar...”</i>
<b>Pai</b>	<i>“Sei que o meu filho é inteligente e que está no bom caminho, mas não sei até que ponto ele vai conseguir prosseguir com os estudos. Gostaria imenso. Nós vamos apoiá-lo sempre que consiga ou não, respeitando sempre a sua vontade e decisão. Quanto ao trabalho vamos esperar, se alguma porta se abrir, é o João que vai decidir”</i>
<b>Profª Língua Portuguesa (2º ciclo)</b>	<i>“O João tem bastantes capacidades, mas não sei se ele vai querer continuar. Às vezes ele diz que quer ser grande para ir trabalhar. Existe a hipótese de ele poder tirar um curso de formação profissional, no caso de ainda existirem...”</i>
<b>Profª EE (2º ciclo)</b>	<i>“Para o João prosseguir os estudos depende da sua vontade, capacidade e competência e apoio especial. Até agora tudo aponta que o aluno pode prosseguir com os estudos. Mas não devemos fazer previsões. Eu adorava vê-lo um dia no 3º ciclo e mesmo na faculdade, ele merece ter essas oportunidades. Para entrar no mundo do trabalho, é necessário que o aluno tire um curso de formação. Tudo depende das oportunidades que tiver”</i>
<b>Terapeuta da Fala</b>	<i>“Não sei porquê, mas penso que o João e os seus pais vão fazer tudo que estiver ao seu alcance para o aluno prosseguir os estudos. Algumas vezes ouço-o dizer: “quando for grande quero trabalhar muito”, vamos ver...”</i>
<b>Prof. EVT (2º ciclo)</b>	<i>“Que o aluno tem competências, isso tem! Agora se vai continuar os estudos, não sei. Tudo depende da evolução cognitiva de ano após ano escolar. A entrada no mundo do trabalho, o João e os seus pais, certamente vão decidir...”</i>
<b>Prof. Educação Físico-Motora (2º ciclo)</b>	<i>“Acredito nas capacidades do João, para poder prosseguir os estudos, até onde, não sei, mas acredito que sim. Tem uns pais que colaboram e fazem tudo para que isso aconteça, Eu também fico feliz por eles. Quanto a entrar no mercado do trabalho ele decidirá...”</i>
<b>Técnico de Informática</b>	<i>“Que o João tem competências para poder prosseguir os estudos tem! Pode tirar um curso de informática que ele tanto gosta e já sabe mais que outros alunos que não têm nenhuma síndrome”</i>
<b>Psicóloga do Agrupamento</b>	<i>“O João até agora tem revelado competências no desenvolvimento cognitivo, se assim continuar, vai poder prosseguir os seus estudos. Ele diz que quer crescer rápido para trabalhar e ganhar dinheiro. Quem sabe se tem sorte de entrar no mercado do trabalho. O João tem uns pais maravilhosos que o apoiam e fazem tudo pelo seu filho”</i>
<b>Diretora de Turma</b>	<i>“O aluno tem sido um exemplo nesta escola! Tem capacidades e competências para poder prosseguir. Tudo vai depender da sua vontade. Os seus pais estão felizes com o seu filho, dispostos a colaborarem em tudo o que for necessário em bem do aluno. Se o filho tiver oportunidade de entrar um dia no mercado do trabalho, eles ficam felizes (...). Aguardemos para ver!”</i>
<b>Diretor da Escola de Agrupamento</b>	<i>“Todas as informações que me vão chegando, acerca do aluno, tudo aponta que o João pode prosseguir os estudos, tudo vai depender da sua vontade e decisão. Os pais estão felizes e dispostos a fazer tudo pelo João. Ele também vai dizendo que um dia quer trabalhar! Todos ficamos felizes se um dia virmos o aluno numa faculdade...”</i>

Depois de analisadas todas as menções e estando todas elas em conformidade, depreendemos que o João tem capacidade e competência para poder prosseguir com os estudos e que um dia poderá entrar no mercado do trabalho. Deixando em aberto a decisão do João para um dia mais tarde...

## Capítulo V - CONCLUSÕES

### 5.1. Conclusão Geral dos Resultados

Ao chegar a este ponto do trabalho, a nossa pretensão é apresentarmos os aspetos mais pertinentes da análise dos dados, considerando os objetivos e hipóteses da investigação e que estes tenham ajudado a compreender melhor o “Estudo de Caso”.

O objetivo da primeira fase da pesquisa foi alistar algumas das conclusões a que chegámos quando nos propusemos investigar, *“Qual a importância da parceria entre pais/profissionais, no desenvolvimento escolar da Criança com Síndrome de Down? É importante para esta criança ter apoio do ensino especializado?”*.

Na segunda fase, com base no suporte de dados anteriores do aluno e do seu desenvolvimento escolar do 1º ciclo, fizemos uma abordagem mais voltada para a seguinte questão:

- Este aluno com SD, que transitou do 1º para o 2º CEB continua a ter capacidade de desenvolvimento cognitivo? As suas competências académicas continuam em progresso?

Comparamos o desenvolvimento cognitivo do João, do 1º com o 2º ciclo, fazendo o cruzamento de dados obtidos.

Evidenciámos e registámos o seguinte: a escola que o aluno frequenta reúne excelentes condições para poder prestar apoio a este tipo de alunos, bem como levá-los a obter excelentes resultados, é o caso do João. Ele tem à sua disposição, professores e técnicos especializados e bastante material adequado às suas necessidades para desenvolver bem as suas aprendizagens.

Por outro lado, o reporte aos pais sobre a evolução do aluno é sempre feito atempadamente. Nos seus bons resultados escolares tem sido determinante o acompanhamento efetuado nas aulas.

Concluimos que este trabalho correspondeu às nossas expectativas. A pesquisadora sente-se satisfeita pelo facto de conseguir atingir os objetivos que se propôs tanto na primeira como na segunda fase.

O *Objetivo geral* foi concretizado. Identificamos e registamos alguns aspetos que nos permitiram compreender, a importância da parceria entre pais/professores/técnicos especializados.

Fizemos uma revisão bibliográfica sobre a SD bastante abrangente, destacando as principais perspectivas sobre os conceitos, avaliação e intervenção precoce mais utilizada. A bibliografia registada não foi muita, mas a suficiente para poder desenvolver esta pesquisa. Também, a experiência profissional da investigadora foi uma mais-valia. Assim, podemos concluir que o *primeiro objetivo específico*, foi alcançado.

O *segundo objetivo específico*, foi conseguido através das diferentes formas e filosofias de abordagem. Os guiões foram elaborados de forma sucinta, tendo em conta o tipo de amostras, a quem foram dirigidos. Sem dúvida alguma, conseguimos recolher os dados mais relevantes e válidos, das respostas dadas pelos elementos da 1ª e 2ª amostras, para a nossa investigação acerca das parcerias existentes.

O *terceiro objetivo específico*, foi obtido com base na génese da amostra selecionada. Obtivemos respostas concretas sobre os benefícios da parceria como fator importante no desenvolvimento cognitivo do aluno, tanto no 1º como no 2º ciclo.

O *quarto objetivo específico*, foi concretizado na base da reflexão e cruzamento de dados, dos resultados das aprendizagens do educando, expressos pelos intervenientes das amostras da 1ª e 2ª fases de investigação.

Procuramos fazer a comparação de dados e o resultado foi gratificante. Na realidade, o João foi bom aluno no 4º ano do 1º ciclo e continua a sê-lo no 5º ano com muito sucesso, até ao momento não houve qualquer retrocesso, muito pelo, progride de dia para dia.

Passamos a analisar os resultados, obtendo a comprovação das hipóteses confrontando-as com o problema que deu corpo à investigação.

As boas parcerias promovem o desenvolvimento social e emocional, a inteligência e o sentido moral. Promovem a intimidade, a apetência para a relação, a auto-estima, a capacidade para lidar com situações adversas e a consciência de si próprio.

Todas as respostas transmitem a forma como a parceria entre pais/profissionais é muito importante e benéfica para o desenvolvimento escolar e cognitivo da criança com SD.

Assim, toda a informação contida nas respostas às questões 4, 5, 8 e 9 do 1º guião e nas respostas às questões 7, 8 e 9 do 2º guião vão na linha de confirmação da *Hipótese 1*.

Todas as menções, principalmente, as respostas à questão 3 e 7 do 1º guião e a questão 6 do 2º guião, de forma geral, todas vão de encontro à confirmação da *Hipótese 2*.

verificar que tanto as menções da questão 7 do 1º guião como as menções da questão 6 do 2º guião, existindo um manifesto, gosto e forte vontade do aluno em aprender e grande apoio dos pais e profissionais, todas as respostas asseveram a *Hipóteses 3*. Ou seja, todos os profissionais que o aluno teve e tem, revelam que ele progrediu bastante no 4º ano e no 5º ano continua a evoluir com sucesso.

A *Hipótese 4*, é acertada através das respostas da última questão (10) do 1º e 2º guiões. Todos os cooperadores das amostras responderam com evidência, que o aluno João revela capacidades e competências académicas para prosseguir os seus estudos, assim como para entrar no mercado do trabalho, se lhe surgir uma oportunidade.

Depois da análise e conclusão de dados, não podemos ficar alheios a este estudo de caso, pois é a primeira criança/adolescente com SD que tivemos o privilégio de conhecer, observar e investigar. Não podemos deixar de mencionar as suas características: educado, meigo, alegre, extrovertido, bom amigo, prestável, estudioso, persistente, aplicado, autónomo, independente, sempre bem-disposto, com uma auto-estima fora do normal de quem tem SD ou qualquer outra deficiência. Sabemos que a sua síndrome é leve, de qualquer forma, provoca limitações, o que não é muito detetável no João.

Há que realçar, não existem dificuldades, mas sim algumas diferenças de aprendizagem do aluno, no 5º ano do 2º ciclo, pelo facto de ser um ensino menos individualizado, passando de um professor para vários professores, para diferentes disciplinas e nomeadamente para um currículo mais alargado, mas nenhum destes fatores o perturbou, nem lhe tirou a vontade de estudar, muito pelo contrário...

Parece-nos, também, oportuno fazer referência às particularidades que os pais e profissionais apontam ao João, desde as capacidades mais destacadas (inteligente, meigo, educado, autónomo e independente), diferente do que é tido como habitual.

De evidenciar que todos os entrevistados se declararam satisfeitos pela oportunidade de terem um aluno como o João, como aparece em todas as falas, inclusive nas falas dos pais.

Como podemos verificar pela análise das entrevistas, o João tem encontrado, ao longo do seu percurso escolar, vários intervenientes muito importantes para o seu desenvolvimento, que trabalham em consonância, permitindo-lhe uma boa adaptação, tanto a nível familiar, escolar, como a nível social. O aluno adaptou-se sempre muito bem a tudo e a todos.

Podemos mesmo dizer, que é um caso muito raro, mas muito positivo, de uma intervenção que envolveu muitos intervenientes, que trabalharam todos com o mesmo fim para permitir a esta criança um desenvolvimento harmonioso, propiciando-lhe oportunidades e tempo, desenvolvendo capacidades que futuramente poderão atingir padrões muito elevados.

O tema do estudo tem relevância social e científica, uma vez que atualmente a família, a escola, a universidade e a sociedade se têm ocupado em debater questões sobre as crianças com SD e o relacionamento familiar, com respeito às diferenças e igualdade de direitos.

Acreditamos que a discussão destas temáticas possa contribuir para uma melhor qualidade de vida para as pessoas com necessidades especiais e seus familiares, contribuir para a diminuição do preconceito para com os “diferentes”, de forma especial para a criança com SD, além de incentivar a realização de outros estudos acerca desta temática.

Ao longo da pesquisa, inseriram-se algumas falas dos pais e dos protagonistas que participaram no estudo. A fim de preservar a sua identidade, não referenciámos nomes, e o nome João é fictício, já que é dever do investigador respeitar o sigilo profissional para proteger a intimidade das pessoas com as quais trabalha, conforme instruções relatadas no código de ética profissional.

Uma vez ultrapassada esta fase, este trabalho conheceu um impulso que se traduziu num fluir de ideias que procurámos transmitir ao longo destas páginas.

Se a questão diretriz constituiu o momento de maior impasse, a fase mais compensadora resultou da análise às respostas dos guiões, utilizados nas entrevistas, pelas descobertas que nos facultaram.

A todo o momento procurámos que esta pesquisa fosse solidamente alicerçada na realidade, enriquecida e mais atualizada, salientando a sua vertente prática.

Com esta pesquisa conclui-se que, de facto, os pais podem resultar num fator de qualidade de vida da criança com SD, constituindo uma mais-valia no seu desenvolvimento cognitivo, comportamental e social e um suporte estável no seu dia a dia.

## **5.2. Conclusão Final**

Com esta pesquisa conclui-se que, de facto, os pais podem resultar num de qualidade de vida da criança com SD, constituindo uma mais-valia no seu desenvolvimento cognitivo, comportamental e social e um suporte estável no seu dia a dia.

Compete-nos a nós, professores/educadores/técnicos, descobrir as formas que tornem isto possível, possibilitando às crianças com SD e às suas famílias, um processo de dar e receber mútuo, procurando favorecer um crescimento saudável e a transformação de uma situação, muitas vezes causadora de sofrimento, num projeto de vida, onde os obstáculos existem, mas onde existem também as ferramentas psicológicas para com eles lidar, sendo as mais importantes o afeto, o carinho, fazer com que a criança com SD se sinta amada.

No entanto, o principal problema que se levantou foi, precisamente, a formulação das questões concretas e concisas, a pedra angular que viria a orientar toda a nossa pesquisa.

Apesar das muitas teorias e conceitos da SD, tratados por vários autores, e ainda que as temáticas estejam interligadas, algumas das conclusões a que chegamos não indicam um confim do estudo, mas sim a abertura de uma sucessão de possibilidades para trabalhos e investigação futura. Estes são fatores que justificam a continuação de uma profunda investigação, traçando novas linhas orientadoras acerca desta temática.

A presente pesquisa foi mediada de surpresas agradáveis. Com tudo isto podemos enriquecer o nosso saber qualitativamente e ao mesmo tempo quantitativamente.

O resultado do esforço investido durante todo o percurso é a convicção de que este trabalho contribuirá, mediante o compartilhamento, para que os profissionais interessados na temática tratada tenham consciência de que há muito para fazer.

Muitas investigações multidisciplinares têm sido realizadas com o intuito de se obter um maior conhecimento sobre o desenvolvimento cognitivo e motor, da vida socio afetiva e dos processos do desenvolvimento da criança com SD, mas há ainda muito para investigar,

pois os resultados ainda não são satisfatórios. No entanto, em linhas gerais, podemos mencionar que estas crianças apresentam características físicas, com inúmeras particularidades e muito específicas, que embora não sejam iguais em toda essa população, as torna muito semelhantes, e atrasos notáveis em todas as áreas. Em termos de saúde, são crianças mais vulneráveis ao desenvolvimento de doenças e atraso no desenvolvimento com bastantes limitações na sua vida. A aprendizagem é mais lenta, é necessário ensinar muitas coisas que outras crianças aprendem sozinhas e avançar progressivamente no processo de aprendizagem. Apresentam um défice cognitivo, embora variável; problemas de atenção com períodos curtos de concentração e dificuldades de linguagem expressiva. De um modo geral, têm grande capacidade para as trocas sociais, sendo alegres e afetuosas, embora bastante teimosas.

Deste modo, é necessário realizar-se um trabalho sistemático, devidamente estruturado, preparando estas crianças para posteriores aquisições mais complexas (Fernandes, 2009).

Consideramos este trabalho muito importante e muito positivo, tendo aprendido bastante ao longo do seu desenvolvimento.

Toda a criança desde que nasce, aquando da sua inserção/transição num determinado ambiente, encontra um período de adaptação mais ou menos complexo (Rodrigues, 2007). surgem questões para as quais são necessárias respostas imediatas, tais como: ambiente (familiar e social); espaço escolar; elementos da turma; educadores; professores do ER; apoios educativos e outros apoios de técnicos especializados, quando necessário, são considerados relevantes para a inserção da criança no sistema escolar e na sociedade. Ora, ao reportarmo-nos para uma criança com NEE, será necessário difundir e expor processos transformadores, para que elas encontrem um espaço no qual possam ser agentes e tenham oportunidades para se desenvolver harmoniosamente como o João.

Como podemos verificar pela análise das entrevistas, o João tem encontrado ao longo do seu percurso escolar, vários intervenientes muito importantes para o seu desenvolvimento, que trabalharam em consonância, permitindo-lhe uma boa adaptação, tanto a nível familiar, escolar, como a nível social.

Reflectindo sobre este acompanhamento, podemos dizer, com conhecimento de causa, que é uma criança muito feliz, muito querida por todos os que a conhecem, bem integrada e que pode e deve ser um exemplo a seguir.

Parafraseando Rodrigues (2008), uma criança portadora de deficiência é um ser que existe, pensa, sente e tem sentimentos, tem um nome e tem a sua representatividade na sociedade, ela é única e tem as suas especificidades.

Desta forma, os resultados encontrados no presente trabalho não podem ser generalizados, pois dependem da forma como estas crianças são estimuladas e acompanhadas, mas podem ser alvo de reflexão, para casos semelhantes.

Concluindo, foi para nós muito enriquecedor e muito marcante realizar este estudo e sentir que, de algum modo, possa ter contribuído para aumentar a felicidade destes pais e do João.

### **5.3. Limitações do Estudo**

Considerando a natureza deste estudo, alguns fatores limitadores devem ser considerados, porque têm consequências na construção e aplicação do instrumento e no processo de trabalho, tais como:

As deslocações da investigadora a casa da família da criança com SD, foram duas, levaram o seu tempo e causaram transtorno aos próprios familiares;

As limitações de tempo a que estamos sujeitos, são condicionantes das opções metodológicas;

Barreiras subjacentes foram encontradas em alguns momentos, fazendo com que a investigadora se deparasse com algumas dificuldades para o desenvolvimento do trabalho.

O nosso interesse era ter alargado as amostras, recorrendo a todos os funcionários da escola e aos três profissionais que lecionavam noutra escola e que conheciam o João. No entanto não foi possível, apesar de enviarmos cartas, solicitarmos pessoalmente, as portas não se abriram.

O facto de a investigadora ser docente da Escola de Agrupamento onde o aluno frequentava o 5º ano do ensino básico, facilitou a observação do João e permitiu realizar a maior parte das entrevistas dentro da própria escola, apesar de ter realizado algumas na residência de cada um dos colegas, ao fim de semana, que a levou à privação da sua família.

Porém, a determinação e a objetividade na elaboração de hipóteses exequíveis superaram essas barreiras.

O olhar da investigadora, por vezes ofuscado pela paixão, traduzida em momentos de bem-estar, sonho e entusiasmo, talvez exagerados, pode em alguns momentos ter-se desviado do foco da objetividade, dificultando a análise e descrição dos dados. Mas o compromisso e ética profissional não permitiram que o sentimento estivesse acima dos princípios e valores éticos.

Apesar das limitações assinaladas, quisemos analisar aspetos fundamentais, num contexto de mudança.

#### **5.4. Proposta para um Plano Familiar de Intervenção Psicopedagógica**

Os pais e irmãos da criança com SD devem receber informação específica e apoio dos professores/técnicos destas crianças, de forma a:

- Compreender o que é a SD;
- Conhecerem bem o impacto da síndrome, para melhor poderem apoiar o seu filho(a);
- Haver uma maior interação entre famílias que têm crianças com SD, partilhando experiências, dúvidas, informação, até mesmo, alegrias e tristezas, apoiando-se umas às outras;
- Que a sociedade conheça a realidade desta grave problemática, que é a SD;
- Haver igualdade de oportunidades para todas as famílias que sofrem com esta síndrome, entre outros pontos, garantir que a intervenção seja tão precoce quanto possível, envolver a participação das famílias e entender a criança numa perspetiva ecológica, tendo em conta a sua individualidade própria e as características dos vários ecossistemas em que está inserida;
- Fazer com que o Estado e outras entidades reconheçam a realidade que assola estas famílias e lhes preste maior apoio financeiro e outro tipo de suportes.

O trabalho com a criança com SD deve ser desenvolvido de forma a que:

- Os pais e irmãos da criança “diferente” estabeleçam uma boa parceria com a escola onde a criança faz as suas aprendizagens;
- O apoio e estímulo para o desenvolvimento afetivo da criança com NEE e o prazer na interação com os outros, seja uma realidade tanto no contexto escolar como no contexto familiar;
- Que a cada criança seja proporcionado um atendimento individualizado que responda às suas características, competências, capacidades e necessidades educativas especiais e potencie o máximo desenvolvimento possível;
- Estas crianças possam ultrapassar as barreiras das suas limitações, ajudando-as a desenvolver, ao máximo, as suas capacidades e competências. Para que tudo isto se torne realidade, é necessário que o seu atendimento educativo seja adequado às suas necessidades específicas.

**BIBLIOGRAFIA*****Bibliografia Citada***

- Bairrão, J. (1995). A perspectiva ecológica em psicologia da educação. *Psicologia, 10* (3), 7-30.
- Bairrão, J. (2006). Mayday, Mayday. in *Jornal de Letras-Educação*.
- Benavente, A, Costa, A. F., Machado, F. L., & Castro Neves, M. (1987). *Do outro lado da escola*. Lisboa: Teorema.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and desingn*. Cambridge: Harvard University Press.
- Brown, A. L. (1989). Metacognition: The developmont of selective attention strategies for learning from texts. In H. S. Singer & R. Rudell (Eds.), *Theoretical models and processes of reading* (pp. 501-526). Newark: International Association.
- Brown, W., & Brown, C. (1993). Defining eligibility for early intervention. In S. K Therman e L. Pearl (Eds.). *Family: Centered early intervention with infants and todd lers: Innovation cross-disciplinary approaches*. Baltimore: Paul Brooks.
- Capucha, L. M. A. (2008, junho 7). *Encontro temático Educação Especial*. Lisboa.
- Carvalho, O. (2002). *Formação de educadores para a intervenção precoce centrada na família: Do paradigma à pratica*. Dissertação de mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Chalita, G. (2001). *Educação: A solução está no afecto*. São Paulo: Editora Gente.
- Correia, L.M. (1997). *Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares*. Porto: Porto Editora.
- Decreto-Lei nº 3/2008*, de 7 de janeiro. Define os apoios especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário dos sectores público, particular e cooperativo. Diário da República, 4. Série I.

---

*Despacho conjunto n° 891/99*, de 19 de outubro.

Dias, M. G. B. B. (1993). O desenvolvimento do conhecimento da criança sobre a mente. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 9, 587-600.

Escartin, M. J., Palomar, M., & Suarez, E. (1997). *Introducción al trabajo social II*. Alicante: Ed. Aguaclara.

Fernandes, A. J. (1991). *Métodos e regras para elaboração de trabalhos académicos e científicos*. Porto: Porto Editora.

Fernandes, A. J. et al. (2009). *Nascer diferente*. Educação Especial/Apoios Educativos, Agrupamento Vertical de Escolas do Marco de Canaveses. Marco de Canaveses: Grafinoite.

Fonseca, V. (1989). *Educação especial: Programa de estimulação precoce*. Lisboa: Grupo Editorial Notícias.

Garnezy, N. (1996). Reflections and commentary on risk, resilience, and development. In R. J. Haggerty, L. R. Sherrod, N. Garnezy & M. Rutter (Orgs.), *Stress, risk and resilience in children and adolescents: Processes, mechanisms and interventions* (pp. 1-19). Cambridge: Cambridge University Press.

Gautier, M. (2009). La découvreuse oubliée de la trisomie 21. *La Recherche* (434), 57-59.

Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.

Gil, A.C. (2002). *Como elaborar projectos de pesquisa* (4ª ed.). São Paulo: Atlas.

Grawitz, M. (1984). *Méthodes des sciences sociales*. Paris: Dalloz.

Hernández, F. (1997). *Cultura visual y educacion*. Sevilla: Morón.

Hossne, W. S., & Vieira, S. (2000). Experimentação com seres humanos: Aspectos éticos. In M. R. Jorge, *DSM IV: Diagnóstico e estatística de transtornos mentais* (4ª ed.). Porto Alegre: Artmed.

Jérôme, L., Gautier, M., & Raymond, T. (1959). Etude des chromosomes somatiques de neuf enfants mongoliens. *Comptes Rendus Hebd Seances Acad Sci*, 248 (11), 1721-1722.

- Kerlinger, F. N. (1980). *Metodologia da pesquisa em ciências sociais, um tratamento conceptual*. São Paulo: EPU/Edusp.
- Lei nº147/99, de 01 de setembro. Lei de protecção de crianças e jovens em perigo. Diário da República, 204. Série I-A.
- Lewalle, Manuila & Manuila, (2003). *Dicionário médico*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Lopes, M. G. (2005). *Jogos na educação: Criar, fazer, jogar* (6a ed.). São Paulo: Cortez.
- Madrid, V. D. (2002). *La mentira infantil: Diagnóstico y intervención psicopedagógica*. Tese de doutoramento, Universidade de Málaga, Espanha.
- Minayo, M. C. S. (1994). Ciência, técnica e arte: O desafio da pesquisa social. In *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade* (pp. 9-21). Petrópolis: Vozes.
- Minayo, M. C. S. (1996). *O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa*. São Paulo: Hucitec-Abrasco.
- Ministério da Educação. (1997). *A educação especial na última década: Evolução e tendência*. Lisboa: Departamento do Ensino Básico. Núcleo de Educação Educativa e de Educação Especial.
- Ministério da Educação. (2001). *Organização curricular e programas do ensino básico: Competências essenciais*. Lisboa: Autor
- Morgan, D. L. (1988). *Focus group as qualitative research*. Newbury Park, CA: Sage.
- Nielsen, L. (1999). *Necessidades educativas especiais na sala de aula. Um guia para professores*. Porto: Porto Editora.
- Pardal, L., & Correia, E. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Lisboa: Areal Editores.
- Pereira, F., Micaelo, M., Crespo, A., Correia, C., Cavaca, F., Croca, F., & Breia, G. (2008). *Educação especial: Manual de apoio à prática*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Rodrigues, A. C. (2007). *Memórias – Multideficiência*. Tese em Estudos Avançados, não publicada: Universidade de Málaga, Espanha.

- Rodrigues, A. C. (2008). *A importância da representação dos irmãos perante a criança com espectro do autismo*. Tese de doutoramento não publicada. Universidade de Málaga, Espanha.
- Sampedro, M., Blasco, G. M.G., & Hernández, M. (1993). A criança com Síndrome de Down. In R. Bautista (Org.), *Necessidades educativas especiais* (pp. 225-248). Lisboa: Dinalivro.
- Schwartzan, J. S. (1999). *Síndrome de Down*. São Paulo: Mackenzie.
- Stake, R. E. (1998). *Investigación con estudio de casos*. Madrid: Ediciones Morata.
- Stray-Gundersen, K. (2007). *Criança com síndrome de Down: Guia para pais e educadores*. Porto Alegre: Artemed.
- Wolfendale, S. (1993). Fazer com que o meio escolar e familiar vá ao encontro das necessidades das crianças. In *Integração escolar* (pp. 128-143). Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.

### ***Páginas da Web consultadas***

- António, C. G. (2007). <http://www.editoraatlas.com>. (Acedido a 10 de Agosto de 2010).
- Bosa, C., & Callias, M. <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>: (Acedido a 23 de Fevereiro de 2010).
- CADIn-Centro de Apoio ao Desenvolvimento Infantil. [www.cadin.net](http://www.cadin.net) (Acedido a 25 de Março de 2010).
- Turquin, C. T., & Morais, A. A. <http://aborto.aldeia.Net/umirmãodiferente.htm>. (Acedido a 08 de Dezembro de 2010).
- Educação Especial e Apoio Educativo: <http://www.edu.azores.gov.pt/eduespeapoi>. (Acedido a 20 de Maio de 2011).
- Educação Especial Manual de Apoio à Prática. [Www.min.edu.pt/data/dossiers... Educação\\_Especial/manual\\_apoiu00e9o.pd...](http://www.min.edu.pt/data/dossiers...Educação_Especial/manual_apoiu00e9o.pd...) (Acedido a 29 de Junho de 2011).
- Ministério da Educação.min-edu.pt.[http://www.min-edu.pt/data/dossiers\\_tematicos/E](http://www.min-edu.pt/data/dossiers_tematicos/E): (Acedido a 13 de Junho de 2011).
- Wikipedia: [http://pt.wikipedia.org/wiki/s%27adndrome\\_de\\_down#cite\\_noteoccurrence](http://pt.wikipedia.org/wiki/s%27adndrome_de_down#cite_noteoccurrence) -7 (Acedido a 27 de Julho de 2011).

Wikipedia. <http://pt.wikipedia.org/w/index.php> (Acedido a 23 de Dezembro de 2010).

Wikipedia. [http://pt.wikipedia.org/wiki\\_de\\_Down](http://pt.wikipedia.org/wiki_de_Down) (Acedido a 26 de Dezembro de 2010)

Wikipedia. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Trissomia> (Acedido a 27 de Dezembro de 2010).

### ***Bibliografia de Referência***

Bairrão, J. (1988). Os conceitos de educação especial. *Revista de Desenvolvimento da Criança*, 6 (1 e 2).

Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo* (3ª ed.). Lisboa: Edições 70.

Brux, M. (1984). L'insertion... une histoire comme les autres. *Réadaptation*, 314.

Carvalho, O. (2009). *Apontamentos fornecidos pela professora do Módulo de Intervenção Precoce*. Porto: Universidade Portucalense.

Costa, C., et al. (2004). *Metodologia da investigação*. Lisboa: Departamento da Educação, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Dias, J. (1993). *A problemática da relação família/escola e a criança com necessidades educativas especiais*. Lisboa: Colprinter.

Fonseca, V. (1980). *Reflexões sobre a educação especial em Portugal*. Lisboa: Morais Editores.

Fox, D. J. (1981). *El proceso de investigación en educación*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra.

Leitão, F. R. (1980). Algumas perspectivas históricas sobre educação especial. *Ludens*, 4 (3).

Leitão, F. R. (1988). *As equipas de educação especial como modelo de integração da criança* (Vol. 6, n.º 1 e 2). Lisboa: S.P.P.E.C.D.M.

Leitão, F. R. (1989). Intervenção educativa precoce, um modelo. In *IV Encontro de Educação Especial*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Leitão, F. R. et al. (2000). *A intervenção precoce e a criança com síndrome de Down*. Porto: Porto Editora.

- Lopes, A. J. (1998). *Necessidades educativas especiais. Estudos e investigação*. Braga: Sistemas Humanos Organizacionais.
- Mantoan, M. T. (2003). *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Editora Moderna.
- Marques, L. P. (2001). *Professor de alunos com deficiência mental: Concepções e prática pedagógica*. São Paulo: Campinas.
- Martins, A. P. (2000). *O movimento da escola inclusiva. Atitudes dos professores do 1º ciclo do ensino básico*. Dissertação apresentada à Universidade do Minho para obtenção do grau de mestre.
- Ministério da Educação. (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Autor.
- Ministério da Educação. (1998). *Currículo nacional do ensino básico 1º ciclo (2a ed.)*. Lisboa: Autor.
- Ministério da Educação. (1998). *Transição para a vida adulta jovens com necessidades educativas especiais*. Lisboa: Departamento do Ensino Básico. Núcleo de Educação Educativa e de Educação Especial.
- Ministério da Educação. (2007). *Gestão do currículo na educação pré-escolar*. Lisboa: Autor.
- Miranda Correia, L. (1990). Educação especial em Portugal. *Educação Especial e Reabilitação 1* (4), 60-66.
- Miranda Correia, L. (1992). A aprendizagem num contexto de necessidades educativas especiais. *Revista A Razão*, jul./ago./set., 56-57.
- Miranda Correia, L. (1997). *Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares*. Porto: Porto Editora.
- Paiva, M. (2009). *Apontamentos fornecidos na aula pela professora do Módulo de Perturbações de Linguagem*. Porto: Universidade Portucalense.
- Rivière, A. (1989). Educación del niño autista. In J. Mayor, *Manual de educación especial*. Madrid: Anaya.

- Rodrigues, D. (1987). *Corpo, espaço e movimento. Estudo da relação entre a representação espacial do corpo e o controlo da manipulação e da locomoção em crianças com paralisia cerebral*. Tese de doutoramento. UTL-ISEF.
- Rodrigues, D. (1988). *Perspectiva sobre investigação em ciências da reabilitação* (Vol. 1, pp. 29-33). Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Rodrigues, D. (1991). *Métodos e estratégias em educação especial*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Rodrigues, D. (1991). *Percursos da educação especial em Portugal*. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.
- Rodrigues, D. (2000). O paradigma da educação inclusiva: Reflexões sobre uma agenda possível. *Revista Inclusão*, 1, 7-13.
- Rodrigues, D. (2001). *Educação e diferença. Valores e práticas para uma educação inclusiva*. Porto: Porto Editora.
- Rodrigues, D. (Org.) et al. (2007). *Investigação em educação inclusiva*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sampaio, D. (1994). *Inventem-se novos pais*. Lisboa: Editora Caminho.
- Sampaio, D., & Gameiro, J. (1985). *Terapia familiar*. Porto: Afrontamento.
- Sanches, I. R. (1995). *Professores de educação especial: Da formação às práticas educativas*. Porto: Porto Editora.
- Santos, M. (2008). *Apontamentos fornecidos pela professora do módulo de metodologia da investigação*. Porto: Universidade Portucalense.
- Silva, A. S., & Pinto, J. M. (1990). *Metodologia das ciências sociais* (4a ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, E. J. C., Llerena, J. R., Juan, C., & Cardoso, M. H. C. A. (2002). Aspectos históricos do atendimento ao deficiente: Da segregação à educação inclusiva. *Temas sobre Desenvolvimento*, 11 (63), 5-13.

Sousa, L. (1993). Princípios para atendimento de crianças com necessidades educativas especiais: Integração/inclusão. *Integrar*, 14, 34-42.

Viana, R. (2005). *Importância da formação para uma prática de intervenção precoce*. Porto: Porto Editora.

Voivodic, M. A. (2004). *Inclusão escolar de crianças com síndrome de Down* (3a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

# APÊNDICES

Apêndice I – História e identificação do João (nome fictício)

Apêndice II – 1º Guião de Entrevista

Apêndice III – 2º Guião de Entrevista

Apêndice IV – Respostas dos cooperadores da amostra às questões do 1º guião 9

Apêndice V – Respostas dos participantes da amostra às questões do 2º guião

Apêndice VI – Carta dirigida aos pais do João

Apêndice VII – Carta enviada à directora da escola

Apêndice VIII – Carta dirigida aos profissionais que trabalham com o João

## APÊNDICE I

### HISTÓRIA E IDENTIFICAÇÃO DO JOÃO (nome fictício)

Nome: João

Idade: 11 Anos

Estabelecimento de Ensino que frequenta: Escola de Agrupamento

#### **Identificação dos pais**

Pai: Carlos Alves (nome fictício)

Idade: 35 anos

Habilitações literárias: 12º ano de escolaridade

Profissão: oficial de justiça

Mãe: Nádía Alves (nome fictício)

Idade: 35 anos

Habilitações literárias: 12º ano de escolaridade

Profissão: Empresária

#### **História familiar**

O João é filho único. O agregado familiar é constituído pela mãe, pai e filho. Viveram durante vários anos numa habitação cedida pelos avós paternos (rés-do-chão da casa dos avós). Há quatro anos adquiriram a sua própria habitação, um apartamento T3, com mais espaço e melhores condições físicas.

Pode considerar-se que a criança vive num contexto economicamente estável, pois os pais têm um emprego permanente, sendo considerado um fator facilitador, uma vez que permite assegurar certos recursos materiais e humanos para o João.

#### **Tipificação do problema**

Ao João foi-lhe diagnosticada a Síndrome de Down (Trissomia 21), aos 8 meses de idade, pelo pediatra do Hospital. O seu processo foi encaminhado para o Centro de Saúde, mas continuou a ser acompanhado pelo mesmo pediatra do hospital onde nasceu.

Visto não existir nenhum relatório médico no processo do aluno, foi solicitado, pela Profª de Educação Especial, em Outubro de 2008, um relatório/declaração, com o intuito de dar cumprimento ao estabelecido no Decreto-Lei nº3/2008 e para organização das respostas educativas mais adequadas. Esta declaração passada pela médica de clínica geral, apenas confirma que a criança tem a Síndrome de Down, apresentando limitações significativas ao nível da atividade e participação, decorrentes de alterações funcionais e estruturais de carácter permanente. Não nos foi fornecida cópia de dito relatório.

#### **História da vida pessoal/social do João**

Está integrado num contexto sociofamiliar muito favorável, tendo nos pais (encarregados de educação) um facilitador do seu desenvolvimento. A criança/adolescente depois de sair das aulas passa o resto do dia ao

cuidado de sua mãe e à noite e fins de semana e feriados passa em companhia dos seus pais, que estão sempre prontos a apoiar e colaborar em tudo que contribua para o bem-estar e desenvolvimento cognitivo, comportamental e social do filho.

Passeiam e levam o filho a todos os lugares que o ajudem a desenvolver-se. Viajam bastante, fazem praia, frequentam festas, vão ao teatro, porque o João adora e também gosta de representar, faz as compras com os pais, etc. O João com SD é já um pequeno adolescente com autonomia e independência. Em grande parte, são os pais os iniciadores e cooperantes do desenvolvimento progressivo do filho.

### **História clínica**

Durante o período pré-natal, não foi detetado quaisquer complicações na gravidez, tendo sido vigiada clinicamente no Centro de Saúde.

Relativamente ao período perinatal, podemos evidenciar que o parto foi realizado no Hospital de Bragança. Nasceu prematuro, com 32 semanas de gestação e foi um parto provocado por cesariana. O recém-nascido não necessitou de reanimação, os reflexos foram normais (choro e sucção), apresentava uma visão e audição dentro dos parâmetros normais. Esteve internado nos primeiros oito dias de nascimento, devido a uma infeção pulmonar.

A equipa médica verificou que a criança era portadora de Síndrome de Down, caracterizada por uma Trissomia 21. Apresentava um atraso de desenvolvimento global em todos os níveis e alterações físicas características desta síndrome.

A equipa de serviço de Intervenção Precoce realizou um apoio integrado, centrado na família e na criança, agindo de forma preventiva (tentando minimizar as limitações provocadas por esta patologia), assegurando condições facilitadoras para o desenvolvimento da criança e potenciando as interações familiares com ela. Para tal, foi elaborado um “Plano Individual de Apoio à Família”, PIAF, (Apêndice II), tendo como principais atividades, desenvolver as áreas mais afetadas, como são exemplo a autonomia, a estimulação sensorial, a mobilidade, a comunicação e a linguagem.

Além disso, beneficiou de terapia de fala e acompanhamento de uma nutricionista, visto ser um menino, um pouco obeso.

### **Antecedentes e percurso escolar**

Aos cinco meses de idade, o João foi encaminhado para os serviços de Intervenção Precoce. Beneficiou do apoio deste serviço de 2000/2002, no domicílio uma vez por semana. No ano letivo 2003/2004, foi matriculado no Jardim-de-infância, tendo beneficiado de apoio educativo de uma educadora especializada em deficiência auditiva, dois dias por semana. Em 2004/2005, continuou a ser apoiado pela mesma educadora. No último ano que frequentou o Jardim-de-infância, a educadora possuía especialização em Educação Especial e tinha ainda apoio de outra educadora em casa dos pais. Em 2005/2006, foi matriculado no 1º ano, do 1º ciclo, sendo apoiado por uma professora de Ensino Especial, uma Terapeuta de Fala e de um Psicólogo. Continuou a ser apoiado pelos técnicos especialistas até ao 4º ano de escolaridade.

No ano lectivo 2009/2010, transitou para o 5º ano do 2º ciclo do Ensino Básico, sendo encaminhado para a Escola de Agrupamento, com a anuência dos pais, dos professores, técnicos especializados e Diretores das Escolas.

### **Rotinas diárias**

Atualmente, o aluno já adquiriu autonomia, independência, nomeadamente, no que diz respeito à higiene diária: vai à casa de banho sozinho (sobe e desce as calças), lava as mãos e a cara e toma banho sozinho. Também sobe e desce escadas facilmente, caminha bem e come sozinho (embora por vezes, seja necessário supervisão, no sentido de o ajudar a adquirir regras e hábitos alimentares). Relativamente às atividades realizadas no contexto sala de aula, apresenta bons progressos.

## **Socialização**

O João relaciona-se bem com os seus pares (havendo reciprocidade por parte deles), com os professores e com todos os adultos. Tem um comportamento plausível na sala de aula, está sempre atento ao que diz o professor, adere muito bem a todas as atividades propostas, é meigo, bem-disposto e extremamente sociável. Participa nos trabalhos e brincadeiras de grupo e raramente está sozinho. Quando contrariado amua facilmente, o que é normal em qualquer criança/adolescente.

## **Atividade e participação**

O aluno participa com interesse nas atividades propostas, desde que sejam apelativas e motivadoras.

No 4º ano, identifica os números até 100/200, faz raciocínios lógicos, adquiriu competências básicas para reconhecer e usar os números.

Agora no 5º ano, os profissionais e escola elaboraram um currículo e plano de ensino escolar específico e adequado ao ensino/aprendizagem do João, pondo de parte algumas disciplinas: matemática, história, inglês, pelo facto de acharem demasiadas disciplinas e conteúdos para o aluno frequentar. Adaptaram o seu Plano de Estudo Individual com o consentimento dos pais do educando. O aluno frequenta as disciplinas que mais gosta, executa as tarefas com gosto, aprende bem e está muito feliz.

Relativamente à comunicação e linguagem não apresenta dificuldades, tendo necessidade de adquirir competências básicas que lhe permitam utilizar a escrita como um código de comunicação.

Atualmente, esta competência está a ser adquirida no 5º ano, com sucesso, graças ao uso do computador que tem o software específico para ajudar o João a ultrapassar as dificuldades.

Quanto à linguagem expressiva, progrediu bastante na articulação de sons.

Sabe explorar software educativo no computador, esta ferramenta é um auxiliar muito importante para a realização das suas atividades escolares e aprendizagens académicas.

## APÊNDICE II

### 1º GUIÃO DE ENTREVISTAS

#### QUESTÕES DIRIGIDAS AOS PAIS/PROFISSIONAIS DO JOÃO (nome fíctio) DA ESCOLA Nº 10

1. Como foi a receção/acolhimento do João em 2006/2007, data do início do 1º Ano do Ensino Básico do 1º ciclo?
2. De que forma tem sido acompanhado o João ao longo do seu desenvolvimento escolar? (técnicos especializados, serviços, ...)?
3. Considera importante o João ser acompanhado pelos técnicos dos serviços especializados?
4. Como tem sido, ao longo do tempo, a relação com os profissionais da escola, que acompanham o João?
5. Considera importante uma boa parceria estabelecida entre pais e profissionais do ensino de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE)?
6. Que tipo de recursos humanos/materiais existem na escola que têm beneficiado o João?
7. Notou melhorias no desenvolvimento cognitivo, comportamental e social do João, durante este ano escolar, a que níveis? (autonomia, independência, estimulação sensorial, comportamento, mobilidade, comunicação, linguagem...).
8. Como vê a transição do João para o 5º ano e o encaminhamento, para outra escola de ensino? (articulação de serviços, recursos humanos e materiais diferentes ...).
9. Ao longo destes quatro anos que análise faz da relação estabelecida, com os professores/técnicos que acompanharam o vosso filho?
10. Acha que o João tem capacidade e competência para prosseguir os estudos e entrar no mercado do trabalho?

## **APÊNDICE III**

### **2º GUIÃO DE ENTREVISTAS**

#### **QUESTÕES DIRIGIDAS AOS PAIS/PROFISSIONAIS DO JOÃO (NOME FITÍCIO) DA ESCOLA DE AGRUPAMENTO**

- 1.** A entrada do João na Escola de Agrupamento foi acolhedora?
- 2.** Como viu a transição do João para o 5º ano e o encaminhamento, para a nova Escola?
- 3.** Qual a reação do aluno às novas mudanças e o impacto com os professores e técnicos especializados?
- 4.** Como tem sido apoiado o educando, ao longo do seu novo percurso escolar? (Apoios técnicos: Terapia de Fala, Musicoterapia, Educação Físico-Motora, Expressão Visual e Tecnológica, Informática...).
- 5.** Quais os recursos humanos e materiais existentes na escola que tenham ajudado o aluno a desenvolver as aprendizagens escolares?
- 6.** O João tem tido progresso cognitivo, social e comportamental, no 5º ano, a que níveis? (linguagem, comunicação, comportamento, interação estimulação sensorial, mobilidade, autonomia, independência...).
- 7.** Como tem sido a relação entre os pais/profissionais do educando, ao longo deste novo percurso escolar?
- 8.** Considera importante para o aluno, uma boa parceria estabelecida entre Pais/Profissionais do Ensino, quando se trata de alunos com NEE? Porquê?
- 9.** Ao longo do ano, que análise faz da relação estabelecida, com os Profissionais que acompanharam o vosso filho?
- 10.** Acha que o João tem capacidade e proficiência, para prosseguir os estudos, ou para entrar no mercado do trabalho, depois de concluir o 2º ciclo?

## APÊNDICE IV

### RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES DA AMOSTRA ÀS QUESTÕES DO 1º GUIÃO

#### 1. Como foi a receção/acolhimento do João em 2006/2007, data do início do 1º ano do Ensino Básico do 1º ciclo?

**Mãe:** *“Não podia ser melhor! Fomos recebidos no gabinete da Diretora da Escola, onde estavam presentes todos os profissionais que iam trabalhar com o João. Foram todos tão simpáticos com o nosso filho que se criou, de imediato, uma relação de amizade, parecia que já nos conhecíamos de longa data! Aquela receção foi tão calorosa e acolhedora que nos transmitiu confiança e apoio incondicional para o futuro do nosso João. A partir daquele dia até hoje, só temos bem a dizer e a agradecer a toda aquela comunidade escolar, desde a directora, aos professores, técnicos, alunos e colegas do nosso filho e a todos que ali trabalham. O João disse-nos: “eu quero vir sempre para esta escola, gosto muito dela, é linda e as pessoas são todas minhas amigas”, e vai sempre todo contente. Foi muito bem recebido e adaptou-se tão depressa e bem, que até hoje, nunca fez birras para ir para a escola, pelo contrário, vai sempre muito contente e é feliz”.*

**Pai:** *“Dias antes, preparámos o nosso filho (...) pensámos que ele não ia aceitar aquele espaço, uma vez que era bastante diferente do espaço familiar. Qual o nosso conforto e alegria ao vermos o João interagir com todos e com tudo! Nada estranhou! Certamente foi a receção carinhosa e simpática que tivemos, da parte dos profissionais, que fez com que o nosso filho gostasse tanto da escola, logo no primeiro dia! A alegria com que fomos recebidos criou um impacto tão positivo entre família e profissionais que ainda hoje o relembramos com muito carinho e amizade”.*

**Profº Ensino Regular:** *“Foi muito bem acolhido, por professores, alunos e toda a comunidade escolar. Os colegas, nem se apercebiam que o Jorge era diferente, só quando começaram a lidar com ele, é que se aperceberam e tiveram a noção que ele não era capaz de desenvolver determinadas atividades, que eles desenvolviam, mas isso não foi obstáculo para nenhum. Eles sempre o ajudaram e continuam a apoiar e brincam muito com ele. O João revelou e patenteia muita simpatia e amizade para todos, é uma criança encantadora, estabelecendo ótima relação com os colegas e professores”.*

**Profº Ensino Especial:** *“Foi acolhido da melhor forma, em todas as perspetivas. O João, como todas as crianças com NEE, merecem uma boa receção e um acolhimento especial. Procuramos fazer os testes diagnósticos, uma ficha de anamnese à família, para conhecer com mais eficiência o aluno, a fim do ensino/aprendizagem ser desenvolvido da melhor forma e adaptado ao ritmo do João. É uma criança que eu não conhecia e para fazer algo preciso com ela, é necessário um conhecimento prévio da situação, do dia-a-dia, através de uma observação direta e através da avaliação diagnóstica. De qualquer forma, é muito importante dar-lhe tudo a que ele tem direito, desde um bom acolhimento a um bom ensino especial, porque também ele é especial”.*

**Terapeuta de Fala:** *“Tive a sorte de conhecer o João, logo no primeiro dia, foi muito bom conhecer algumas das suas dificuldades de comunicação e linguagem na receção. Criamos uma empatia que ainda hoje existe entre nós. Ele é encantador e sempre muito bem disposto, é uma criança feliz”.*

**Psicólogo:** *“O João foi e continua a ser muito bem acolhido nesta escola. Todos os profissionais o recebemos com carinho e dignidade, pois já estávamos informados de que dito aluno tinha a Síndrome de Down, muito embora, ainda não houvesse, qualquer documento a comprová-lo, na Escola. Passados alguns dias, o Centro de Saúde enviou-me um relatório acerca desta criança, onde era evidente a Síndrome de Down. Imediatamente,*

*contactamos a família para marcarmos o primeiro encontro. O João tinha 6 anos, houve necessidade de conhecer melhor o João e informação mais completa à família. É muito importante o acolhimento e acompanhamento não só ao aluno como também à família, este aluno e pais têm sido um exemplo”.*

**Titular de Turma:** *“O acolhimento e receção ao João foi excepcional. Primeiro porque a nossa equipa de profissionais já estava a contar que chegava uma criança com NEE, segundo porque este aluno é encantador, meigo, educado, alegre, etc., tudo isto ajudou a vermos o João de forma especial. Todos nós gostamos imenso do João desde que ele cá entrou. Foi muito bem acolhido, tanto por nós como pelos seus colegas. Continuamos a dar-lhe todo o acolhimento e apoio que merece”.*

## APÊNDICE V

### RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES DA AMOSTRA ÀS QUESTÕES DO 2º GUIÃO

#### 1. A entrada do João na Escola de Agrupamento foi acolhedora?

**Mãe:** *“Sim. Foi muito calorosa, tanto da parte dos profissionais como de todos os colegas. Os Professores que iam trabalhar com o meu filho e o Diretor receberam-nos no seu gabinete com toda a simpatia, dando as boas-vindas ao João. Cada professor fez-lhe uma pergunta e ele respondeu a todas, à sua maneira, claro! De seguida disseram-lhe para ir brincar com os colegas, ele correu para junto deles e todos o abraçaram e começaram logo a brincar. Eu fiquei radiante!”.*

**Pai:** *“Receberam-nos com tanto carinho, que não tenho palavras para agradecer! Aliás, temos sido sempre muito bem recebidos, pelo Diretor, Professores e por toda a gente que trabalha na Escola. Todos nos têm transmitido carinho, segurança e bem-estar para o nosso filho. Uma vez mais, fiquei muito emocionado com a receção que todos fizeram ao meu filho! Muito obrigada a todos”.*

**Profª de Língua Portuguesa:** *“Acho que sim. No que me diz respeito, eu recebi o João de forma muito especial. Tinha preparado a turma dizendo-lhe que íamos ter um menino com SD, muito especial e inteligente, apelando-lhes que fossem muito carinhosos para com ele e que o apoiassem sempre que ele precisasse, o feedback foi bem aceite. Apresentei-o à turma, receberam-no com uma salva de palmas e um “bem-vindo à nossa escola”, “todos somos teus amigos, conta connosco.” Foi um momento de emoções!”.*

**Profª do Ensino Especial:** *“Claro que sim! A chegada destes alunos “especiais” é sempre preparada de forma muito especial! É nosso dever profissional minimizar a dor que estes pais carregam. Não é fácil para eles, deixarem o filho entregue a terceiros, mesmo sabendo que a escola é um espaço “privilegiado” que zela pela sua segurança e seu bem-estar. O João foi recebido de braços abertos, por todos nós!”.*

**Terapeuta de Fala:** *“A chegada do João a esta escola foi mesmo calorosa! Tanto da parte de todos os profissionais que aqui trabalhamos como de todos os alunos, especialmente os colegas e amigos da turma que transitaram com ele, vindos da mesma escola. Foi uma receção fantástica!”.*

**Prof. de EXPR. VISUAL T:** - O João foi recebido como um “príncipe”, o calor humano dentro da Escola transbordou com a chegada do aluno! Todos estávamos preparados para o receber. Nesta Escola temos sensibilidade e carinho, para acolher estas crianças especiais. Elas são sempre bem-vindas! Penso que o João gostou da nossa receção! Nós gostamos muito dele...

**Prof. de Musicoterapia:** *“Quando o João chegou à Escola, foi como ter chegado um “Anjo” de braços abertos a correr para abraçar todo o mundo! A sua expressão dizia tudo! Transbordava de felicidade, ao ver-se num espaço diferente, com caras novas a olharem para ele, o que não é muito normal numa criança que entra pela primeira vez num espaço novo! Perante uma chegada assim, só podia ter uma receção de carinho e muita alegria. O João faz parte de nós, é excepcional...”.*

**Prof. de Educação Físico-Motora:** *“A entrada do João nesta Escola foi muito bem-vinda por todos. Fizemos-lhe uma boa recepção, dando-lhe toda a atenção que merece. Acho que os pais reconheceram e agradeceram a nossa simpatia e acolhimento”.*

**Técnico de Informática:** *“Não podia ser mais acolhedora! Todos colaborámos para que assim fosse. Trata-se de uma criança especial, que merece e precisa do nosso sorriso, do nosso apoio. O João tem uns pais maravilhosos que, também, precisam da nossa colaboração e da nossa atenção. Esta recepção de bem-estar fez-nos muito bem a todos...”.*

**Psicóloga do Agrupamento:** *“João é uma criança muito especial, tem uns pais encantadores! Eles mereceram e continuam a merecer a nossa atenção e disponibilidade. Creio que os pais estão muito felizes por esta Escola abrir as portas ao seu filho, é o que deixam transparecer. Toda a comunidade escolar está feliz com o João, é um querido...”.*

**Diretora de Turma:** *“Sem dúvida, a chegada do João foi encantadora. Ele vinha acompanhado dos pais, todo confiante e sorridente, parecia que já conhecia tudo e todos, via-se feliz! Começou logo a brincar com os colegas e amigos, como se estivesse em casa, Ficamos bastante satisfeitos ver e receber este aluno, ele é mesmo especial...”.*

**Diretor da Escola:** *“A chegada do João, trouxe-nos uma lição de vida! Nós já estávamos preparados para a chegada do João. Falei com os profissionais que iam ter o aluno na turma, para o recebermos, junto com seus pais, no meu gabinete. Esta família entrou muito feliz, cheia de confiança, parecia que já nos conhecíamos de longa data! Cumprimentou-nos, respondeu às perguntas que lhe fizemos, muito à vontade e feliz, a seguir correu para o espaço exterior para ir brincar com os seus amigos e colegas. Criança encantadora!”.*

## APÊNDICE VI

### CARTA ENVIADA AOS PAIS DO JOÃO (nome fictício)

EMILIA MERCÊS GONÇALVES PIRES, no âmbito da realização de uma Tese de Mestrado em Educação Especial, cuja linha de investigação é “A Criança com Síndrome de Down e a Parceria entre Pais/Profissionais”, para a obtenção do título Mestre, frequentado na Escola Superior de Educação Almeida Garrett em Lisboa, solicita autorização para poder questioná-los, acerca do vosso filho.

O objetivo deste estudo é de saber mais sobre a Síndrome de Down e a parceria entre Pais/Profissionais que privilegie o desenvolvimento cognitivo do vosso filho, no processo de ensino/aprendizagem. Pretendendo conhecer, mais e melhor, as suas capacidades e competências, quais as dificuldades de linguagem e comunicação.

Não haverá nenhum procedimento que lhes traga qualquer desconforto. Poderão obter toda a informação que diz respeito ao Guião, preparado para vos questionar. Embora, uma Tese, seja uma produção académica pública, o nome do vosso filho não aparecerá em nenhum momento de estudo, será identificado com nome fictício.

Neste entendimento, solicito a vossa autorização. Obrigada pela vossa colaboração

Autorizo

Não autorizo

Ass. ....

A Devolver ao Remetente:

Professora: Emília Mercês Gonçalves Pires

## APÊNDICE VII

### CARTA AO DIRETOR DA ESCOLA DE AGRUPAMENTO

Sendo eu Aluna da Escola Superior de Educação Almeida Garrett em Lisboa e professora na Escola EB1 das Beatas, estando a desenvolver uma Tese de Mestrado em “Educação Especial” intitulada “A Criança com Síndrome de Down e a Parceria Entre Pais/Profissionais”, mais especificamente, desejando saber mais acerca do aluno, venho mui respeitosamente solicitar a V. Exa., autorização para poder questionar professores/técnicos especializados que trabalham com o “João” (nome fictício), incluindo V. Exa., nesse espaço escolar.

Informo que este trabalho é de grande importância para refletir mais sobre a SD, tendo em conta as crianças que estão marcadas por esta deficiência. Desta forma, estarei contribuindo para uma abertura e atendimento a estas Crianças.

Realço que este estudo não pretende interferir, de forma alguma, no desenvolvimento e organização da Escola. Consciente de que pode haver interferência, procurarei ser discreta nesta investigação seguindo os preceitos éticos exigidos por lei.

Antecipadamente agradeço a valiosa colaboração e atenção dispensada, não só a mim pesquisadora, mas para o tema que merece ser estudado dentro da nossa realidade, colocando-me à disposição para o que julgar necessário.

Respeitosamente,

---

Emília Mercês Gonçalves Pires

## APÊNDICE VIII

### CARTA AOS PROFESSORES/TÉCNICOS ESPECIALIZADOS DA ESCOLA DE AGRUPAMENTO

Sendo eu Aluna da Escola Superior de Educação Almeida Garrett em Lisboa e professora na Escola EB1 das Beatas, estando a desenvolver uma Tese de Mestrado em Educação Especial, intitulada “A Criança com Síndrome de Down e a Parceria Entre Pais/Profissionais” mais especificamente, desejando saber mais acerca do aluno “João” (nome fictício), venho mui respeitosamente solicitar a V. Exas., autorização para os poder entrevistar, no vosso espaço escolar, ou lugar a combinar.

Informo que este trabalho é de grande importância para reflectir mais sobre a SD, tendo em conta as crianças que estão marcadas por esta deficiência. Desta forma, estarei contribuindo para uma abertura e atendimento maior e melhor a estas Crianças.

Realço que este estudo não pretende interferir, de forma alguma, no desenvolvimento e organização do vosso trabalho. Consciente de que pode haver interferência, procurarei ser discreta nesta investigação seguindo os preceitos éticos exigidos por lei.

Antecipadamente agradeço a valiosa colaboração e atenção dispensada, não só a mim pesquisadora, mas para o tema que merece ser estudado dentro da nossa realidade, colocando-me à disposição para o que julgar necessário.

Com o maior respeito,

---

Emília Mercês Gonçalves Pires